



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - MESTRADO EM HISTÓRIA

Campus I - Prédio B3, sala 112 - Bairro São José - Cep. 99001-970 - Passo Fundo/RS
Fone(54) 316 8339 - Fax (54) 316 8125 - E-mail: pghis@upf.tche.br

João Vicente Ribas

**A representação cultural gauchesca
do município de Passo Fundo**

Passo Fundo, dezembro de 2007

João Vicente Ribas

**A representação cultural gauchesca
do município de Passo Fundo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial e final para obtenção do grau de mestre em História sob a orientação do Prof. Dr. Tau Golin.

Passo Fundo

2007

Agradeço a minha namorada Samara Kalil, a minha família, à família Kalil, aos amigos e aos colegas de estudo e trabalho, pelo apoio. Agradeço aos funcionários da Câmara de Vereadores de Passo Fundo que foram prestativos e me auxiliaram com a pesquisa (Japa Nilton e Celso Scortegagna). Agradeço a Milena Berthier Bandeira, colega pesquisadora da área do turismo. Agradeço aos professores do PPGH, em especial ao meu orientador Tau Golin.

“Entre irmãos de arte, geografia à parte, não há contrabando” (Luiz Sérgio Jacaré Metz)

RESUMO:

A representação do município de Passo Fundo através de uma identidade gauchesca é o tema desta dissertação. Estão incluídos na pesquisa os agentes e espaços engajados na invenção e reprodução dessa identidade na cidade, nos âmbitos culturais, políticos e midiáticos, como forma de representação da municipalidade. São analisados livros de história, eventos, cobertura de imprensa e projetos políticos que tratam da questão, desde a fundação do primeiro Centro de Tradições Gaúchas, em 1952, passando pela gravação do filme “Gaúcho de Passo Fundo” de Teixeira, até as comemorações do aniversário de 150 anos de emancipação política do município, em 2007.

Palavras-chave: História do Rio Grande do Sul. Passo Fundo. Gauchismo. Política Cultural. Identidade.

ABSTRACT:

The subject of this study is the representation of Passo Fundo city through its gauchesca identity (term regarding the South-Brazilian Gaúcho, from Rio Grande do Sul, Portuguese speaking). The research includes agents and spaces engaged in the invention and reproduction of this identity in the town, in the cultural, political and media scopes, as a way of representation of the municipality. History books, events, media coverage and political projects that deal with this issue are assessed, since the foundation of the first Gaucho's Tradition Centre, in 1952, through the recording of the "Gaúcho de Passo Fundo" film, by Teixeira, up to the celebrations of the 150th anniversary about the political emancipation of the town, in 2007.

Key-words: History of Rio Grande do Sul. Passo Fundo. Gauchismo. Cultural Politics. Identity.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Monumento do Largo dos Cavaleiros do Mercosul	86
Figura 2 – Capa do jornal Diário da Manhã de 12 de setembro de 2006	108
Figura 3 – Selo Passo Fundo, Che!, da Câmara Municipal de Vereadores	135
Figura 4 – Capa do Jornal O Nacional de 05 de fevereiro de 2007	137
Figura 5 – Monumento ao Teixeirinha, Avenida Brasil, esq. 7 de Setembro	145
Figura 6 – Contracapa do jornal Diário da Manhã de 19 de setembro de 2006	157
Figura 7 – Monumento à Cuia, da Praça Marechal Floriano	159
Figura 8 – Folder da Programação do Sesquicentenário de Passo Fundo	161
Figura 9 – Fachada da Farmácia São João, na Estação Rodoviária	162
Figura 10 – Folheto de ofertas da Comercial Zaffari, de setembro de 2007	163
Figura 11 – Anúncio da Prefeitura Municipal no jornal O Nacional de 20 de setembro de 2006	168
Figura 12 – Anúncio Institucional de O Nacional, em 20 de setembro de 2006	170

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 - Obras Historiográficas do Município de Passo Fundo	38
Tabela 2 - Vínculos Institucionais	51
Tabela 3 – Patrocínios	54
Tabela 4 – Discurso Gauchesco	61
Tabela 5 – Editoras	61
Tabela 6 - Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo (de 31/01/1977 a 31/01/1983) - 8ª legislatura – Local de Nascimento e Partidos.....	72
Tabela 7 - Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo (de 31/01/1977 a 31/01/1983) - 8ª legislatura – Ocupação.....	73
Tabela 8 - Lista de participantes do I Fórum da Municipalização do Turismo – organizada por entidades	75
Tabela 9 – Grupos participantes do 4º Festival Internacional de Folclore	131
Tabela 10 - Projetos de Lei da Câmara de Vereadores sobre a realização de Rodeios em Passo Fundo	138

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACISA – Associação Comercial, Industrial, de Serviços e Agropecuária de Passo Fundo
APL - Academia Passo-Fundense de Letras
CICASP – Câmara da Indústria, Comércio, Agropecuária e Serviços de Passo Fundo
CTG – Centro de Tradições Gaúchas
ENART - Encontro de Arte e Tradição
IGTF - Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore
IHGPF - Instituto Histórico e Geográfico de Passo Fundo
IHGRS – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul
IHTRS - Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul
MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho
PL – Projeto de Lei da Câmara Municipal de Vereadores
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UPF – Universidade de Passo Fundo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 A HISTÓRIA DO GAÚCHO DE PASSO FUNDO.....	28
1.1 Fragmentação gauchesca na memória.....	31
1.2 A legitimação do gauchismo na historiografia do município.....	37
1.2.1 Influência literária	45
1.2.2 Discurso constrói o mito	50
1.3 Programa tradição e folclore nas escolas	62
2 A POLÍTICA CULTURAL DE UMA CIDADE ARTIFICIAL.....	65
2.1 Passo Fundo, Tchê!.....	67
2.2 Fórum de Municipalização do Turismo.....	74
2.3 Festivais Nativistas	82
2.4 Os Cavaleiros do Mercosul e a Encenação da Batalha do Pulador.....	86
3 O SISTEMA CAPACITADOR DE UM PLANALTO MÉDIO COMPLEXO.....	91
3.1 O sistema capacitador passo-fundense	98
3.1.1 Rádio	100
3.1.2 Fundação Cultural Planalto	102
3.1.3 Jornais Impressos	105
3.1.4 Revista Água da Fonte	111
3.1.5 Televisão	115
3.2 O <i>fakelore</i> gauchesco	117
3.3 Festival Internacional de Folclore.....	123
3.4 O Rodeio	134
3.5 Terra de Teixeira	140

4. PASTICHE GAUCHESCO.....	149
4.1 Mostra da Cultura Gaúcha.....	154
4.2 A cuia na praça	158
4.3 150 anos em um	160
CONSIDERAÇÕES FINAIS	171
REFERÊNCIAS	175

INTRODUÇÃO

O gauchismo é uma manifestação identitária contemporânea, originada no Rio Grande do Sul, referente ao tipo social ideal do gaúcho. Entende-se como processo de criação e invenção cultural que enfatiza peculiaridades do estado e a simultânea afirmação do pertencimento dele ao Brasil, postulando-se como representação estadual e servindo de identidade regional.

Conforme estudo do antropólogo Ruben George Oliven, na construção social da identidade do gaúcho brasileiro há uma referência constante a elementos que evocam um passado glorioso no qual se forjou sua figura. Sua existência seria marcada “pela vida em vastos campos, a presença do cavalo, a fronteira cisplatina, a virilidade e a bravura do homem ao enfrentar o inimigo ou as forças da natureza, a lealdade, a honra, etc.” (2006, p.66).

Esta figura do gaúcho sofreu um longo processo de elaboração cultural até ter o atual significado gentílico de habitante do estado e servir de identidade regional. O vocábulo tinha conotação pejorativa até meados do século XIX, quando ocorreu a ressemantização do termo, através do qual “um tipo social que era considerado desviante e marginal foi apropriado, reelaborado e adquiriu um novo significado positivo, sendo transformado em símbolo de identidade regional” (Ibid.).

A motivação para investigar historicamente o gauchismo em Passo Fundo partiu do questionamento sobre suas raízes antropológicas na região. Instigou-me compreender como se deu e se mantém a sua reprodução, chegando ao extremo de predominar no discurso político-cultural do município e em seu imaginário cultural, como representação que o identifica, em um processo análogo ao de âmbito estadual.

O gauchismo é um regionalismo característico do século XX e que tem continuidade, dada a forte adequação às representações da identidade do estado, e que se mantêm frente a novas conjunturas sócio-econômicas, através da modernização de seu discurso.

Estudos, como o de Oliven citado anteriormente, analisam a construção da identidade gaúcha, através de meios diversos e contingenciais na continuação fortalecida dessa identidade. No âmbito da atualização, esta dissertação estuda as relações de representação e de poder que a perpetuam por meios midiáticos e celebrativos, como forma de representação municipal.

O gauchismo é uma representação contemporânea, postulada a cultura oficial do Estado do Rio Grande do Sul e, em Passo Fundo, reproduzida extensivamente com o mesmo objetivo, dentro de sua municipalidade. Vale-se aqui do conceito do francês Roger Chartier, para quem as representações são “matrizes de discursos e de práticas diferenciadas [...] que têm por objetivo a construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades – tanto a dos outros como a sua” (1988, p.18). Portanto esse trabalho desenvolve-se a partir da pesquisa de discursos e de práticas gauchescas.

Sendo o gauchismo um regionalismo é importante buscar interfaces metodológicas no estudo de história, região e poder. Cláudia M. R. Viscardi (1994, p.85-90) argumenta que, com o advento do fenômeno da “globalização”, a “região” deixa de existir e passa a ser uma abstração, uma construção simbólica, uma representação, assim como a identidade – uma construção humana. O regionalismo passa a ser a defesa dessa identidade construída, em lutas simbólicas que integram relações de poder.

Trazendo para este contexto de estudo a conceituação de regionalismo supracitada, tratando-se de um processo cultural de âmbito municipal, é necessária uma readaptação. O objeto de estudo aqui é o gauchismo em Passo Fundo, ou seja, uma questão cultural dentro dos limites municipais. O que interessa nesse caso é Passo Fundo no imaginário cultural representativo, bem como Passo Fundo enquanto municipalidade, constituída de poderes executivo, legislativo e suas relações com a sociedade. Assim, considereirei as formas como o gauchismo se reproduz e alimenta o imaginário cultural.

Para tanto, poderia usar no texto o termo “municipalismo” como uma variação de “regionalismo”, ou “localismo”. Na verdade, o fenômeno regionalista estudado em Passo Fundo está inter-relacionado em âmbito estadual. Entretanto, mesmo com um aspecto genérico, tem sua particularidade histórica, tornando pertinente o objeto desta dissertação.

Para estudar e teorizar o fenômeno identitário em uma municipalidade há muito pouco escrito, pois a maioria das pesquisas se debruça em abordagens nacionais e regionais ou, antropologicamente, abordam micro-comunidades, baseadas em dimensões de bairros e vilas. O âmbito municipal, portanto é muito pouco estudado. Assim, considero nesse estudo as lógicas contemporâneas de identificação nacionais e regionais, mas tento me aproximar de uma teorização acerca do local limitado por uma municipalidade.

A premissa inicial é diferenciar a identidade municipal da regional, nacional ou comunitária. A cidade é pequena em relação ao estado e ao país, por isso serve de referencial mais próximo para a identidade, em tempos de globalização (CASTELLS, 1999, p.80). Mas possui um governo, o que propicia o acontecimento de práticas características de estado-nação. Sua identidade territorial está na base do governo local, como ator importante em termos de representação, por estar mais bem posicionado para se ajustar às incessantes variações dos fluxos globais. Há uma “reinvenção da cidade-estado, uma característica proeminente dessa nova era de globalização” (Ibid., p.421).

Assim, define-se “Passo Fundo” como imaginário local construído a partir de um território e de uma população, em seus processos culturais, sujeitos ao poder político municipal e à mídia. Como imaginário, utilizo o conceito de Miguel Rojas Mix. Para o historiador chileno o termo imaginário alude “a un mundo, una cultura y una inteligencia visual que se presentan como un conjunto de iconos físicos o virtuales, se difunden a través de una diversidad de medios e interactúan con las representaciones mentales” (2006, p.18)¹. De acordo com seu método, a imagem é considerada desde o ângulo da produção de sentido, da significação, deixando de lado a beleza e a qualificação estética. Assim, entende-se por imaginário o encadeamento de imagens com vínculo temático ou problemático, recebidas através de diversos meios audiovisuais, que o indivíduo interioriza

¹ A um mundo, uma cultura e uma inteligência visual que se apresentam como um conjunto de ícones físicos ou virtuais, se difundem através de uma diversidade de meios e interagem com as representações mentais.

como referente ou o estudioso reconhece como conjunto. No caso deste trabalho, atem-se a fundo ao reconhecimento do conjunto.

Faz-se necessária uma abordagem acerca da origem do gauchismo no estado do Rio Grande do Sul, com suas manifestações correspondentes no município de Passo Fundo, como forma de contextualização e esclarecimento sobre a identidade a ser estudada, já conceituada dentro de uma ideologia do gauchismo por Tau Golin (1983), como de origem latifundiária e pretensamente unificadora.

Gauchismo é um termo mais abrangente que se refere ao “tradicionalismo” e ao regionalismo no Rio Grande do Sul, que se identifica com o gaúcho. O “tradicionalismo” reúne as práticas institucionalizadas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). Fundado em 1966, originou-se nas iniciativas de um grupo de estudantes secundaristas em Porto Alegre, como Paixão Côrtes, que desde 1947 atuavam em busca de uma unificação representativo-simbólica de regionalismo. Para Golin, o MTG foi fundado com o intuito de normatizar uma tradição gaúcha, baseada em um tipo social característico da região da campanha, pecuarista, portanto associado ao meio rural, ou “campeiro”, tomando como lugar ideal a estância e a hierarquia social do mundo latifundiário.

Hoje, perpetuam-se as convenções originárias desse movimento, através de manifestações sócio-culturais, baseadas principalmente nos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), espalhados pelo estado. Existem hoje cerca de 1.400 CTGs filiados ao MTG em mais de 500 municípios do Rio Grande do Sul e fora dele (MOURA, 2006). O que foi convencionado e é praticado pelo MTG (danças, músicas, costumes) chamamos tradicionalismo. O MTG é o principal agente institucionalizado da cultura gauchesca, herdeiro de movimentos precedentes.

A origem dos movimentos regionalistas no Rio Grande do Sul data de 1868, quando foi fundado o Partenon Literário em Porto Alegre, por um grupo de intelectuais e escritores, “que tentava juntar os modelos culturais vigentes na Europa com a visão positivista da oligarquia rio-grandense, através da exaltação da temática regional gaúcha” (OLIVEN, 2006, p.99). Ali começou a apologia histórica aos heróis da Revolução Farroupilha. Trinta anos depois, foi fundado o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, que pretendia voltar-se para a “tradição”. Na opinião de Oliven, seria a primeira agremiação tradicionalista do estado. Foi fundado por João Cezimbra Jacques, militar republicano e positivista que lutou na Guerra

do Paraguai. Importante é grafar que no mesmo ano Borges de Medeiros iniciou seu primeiro mandato como governador do Rio Grande do Sul, cargo que ocupou por quase 30 anos e que foi marcado pela linha positivista.

Oliven identifica similaridades entre essas duas associações. Ambas foram formadas por pessoas de origem modesta, não detentoras de terras ou de capital, assim o envolvimento cultural seria a forma de ascensão social e oportunizaria a estes indivíduos estarem próximos ao poder. Tal conclusão é levada em consideração no caso local, quando se nota a atividade engajada de alguns indivíduos na promoção de eventos gauchescos.

À fundação do Grêmio Gaúcho, seguiu-se a criação de várias outras entidades tradicionalistas. Mas nenhuma em Passo Fundo, que teria sua primeira agremiação tradicionalista apenas em 1952, o CTG Lalau Miranda, seguindo o modelo do primeiro Centro de Tradições Gaúchas (CTG) do estado, chamado “35 CTG” e fundado em 1948, em Porto Alegre. Seus fundadores foram estudantes secundários, que no ano anterior fundaram o Departamento de Tradições Gaúchas do Grêmio Estudantil do Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Embora cultuassem valores advindos do latifúndio, os rapazes tinham origem em pequenas propriedades rurais. Passaram assim a se reunir todas as tardes em um galpão improvisado para tomar mate e imitar hábitos do interior. Seus anseios estavam ligados ao apego ao campo e ao passado, em contraponto à invasão cultural que viria via Estados Unidos e ao centralismo econômico, político, e, também, cultural da ditadura do Estado Novo (OLIVEN, 2006, p.109).

É significativo que o segundo CTG a ser fundado, o “Fogão Gaúcho”, tenha surgido em 7 de agosto de 1948 em Taquara, cidade da área de colonização alemã. Surge um novo processo de identificação, como forma de seus fundadores afirmarem sua brasilidade, pois muitos ainda sofriam com perseguições pós II Guerra Mundial. Oliven conclui acerca desse fato que “temos assim um primeiro processo de desterritorialização da cultura gaúcha que sai de sua área de origem e é adotada em outras regiões do Rio Grande do Sul” (2006, p.114). Interpreto, ao contrário de Oliven, que essa desterritorialização já havia se dado na fundação do “35 CTG”, quando itens culturais foram deslocados da Campanha rural para a capital urbana. No objeto em estudo aqui, a cidade de Passo Fundo, ocorre da mesma forma.

A institucionalização do MTG iniciou em 1954, em um processo de realização de Congressos Tradicionalistas. Anualmente, os CTGs passaram a se encontrar para deliberar sobre “a tradição”. Em 1966, foi fundado oficialmente o Movimento Tradicionalista Gaúcho, que congrega maior parte das entidades tradicionalistas do estado e as disciplina através da Carta de Princípios do Tradicionalismo Gaúcho, redigida por Glaucus Saraiva e aprovada em 1961 no VII Congresso em Taquara.

A partir desta mobilização, o Tradicionalismo conseguiu se expandir e definir políticas públicas. Em 1954 o Governo do Estado criou o Instituto de Tradições e Folclore (hoje IGTF). Em 1964 foi aprovada a lei que oficializou a Semana Farroupilha. Em 1966, outra lei oficializou o Hino Farroupilha como o Hino do Rio Grande do Sul. Em 1988 foi aprovada uma lei estadual que instituiu, na disciplina de Estudos Sociais, o ensino de folclore em todas as escolas estaduais. É importante lembrar que tais políticas culturais atingiram todo o estado, incluindo a cidade de Passo Fundo, que passou a comemorar a Semana Farroupilha e a ensinar o novo hino nas escolas.

Pesquisei os meios principais, em que há a participação do MTG e do poder público, de representação gauchesca, em Passo Fundo, como a Mostra da Cultura Gaúcha, o Rodeio, A Encenação da Batalha do Pulador e o Festival de Folclore. Esses eventos, com exceção do Rodeio, surgiram na década de 1990, e, na gestão municipal de Osvaldo Gomes, ganharam pretensões turísticas, evidenciando características que irão ser interpretadas como sendo de cultura de massa, utilizando-se da teorização de autores como Edgar Morin (2005).

Nos estudos temáticos específicos descrevo a correspondência dos movimentos culturais gauchescos no estado com o município, bem como suas peculiaridades. Uma das características mais marcantes do gauchismo passo-fundense é a personificação identitária no cantor Vitor Mateus Teixeira, o Teixeirainha, que gravou a música “Gaúcho de Passo Fundo” (1960) e filmou um longa-metragem na cidade com o mesmo título (1978). Essas obras artísticas serviram como principais forças propulsoras que desencadearam a vontade de se representar Passo Fundo através do gauchismo. Música e filme, ouvida e assistido em todo o Brasil, teriam projetado um movimento ainda insipiente no estado e na cidade, que eram as atividades dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) (MANN, 2002, pp.44-47). O humorista Chico Anyasio também contribuiu ao criar a personagem “Salomé”, que falava

semanalmente em rede nacional de televisão o jargão “Passo Fundo, Tchê!” (1979-1985), simulando conversar ao telefone com o presidente João Batista Figueredo (Museu da Televisão Brasileira.).

Todavia, essas criações artísticas, para alguns historiadores, não decorrem de modelos históricos da municipalidade, nem do tipo social do gaúcho, que não teria habitado como gentílico a região do Planalto Médio. Nessa visão, a presença do gaúcho no município de Passo Fundo ocorre em um processo histórico-cultural no século XX, calcado no mito imagético e promovido em iniciativas político-cultural-midiáticas.

Os elementos históricos fundantes da região incluem povos do tronco indígena Jê, denominados modernamente de kaingang, com uma presença de longo tempo no território, de acordo com Tau Golin, possivelmente de 12.000 anos (2007, p.04). O caboclo também foi preponderante, como ser da fronteira entre o mundo indígena e do Estado colonial e nacional.

Sobre a ocupação do espaço de Passo Fundo, escreveu-se que os pioneiros da região eram, em sua maior parte, paulistas da comarca de Curitiba, mais tarde província e depois estado do Paraná. A partir de 1834, à população acresceram-se imigrantes portugueses, alemães, austríacos, italianos e de outras nacionalidades. “A colonização e ocupação tiveram continuidade ao longo do século XIX, contribuindo para o aumento da população não nativa do município” (TEDESCO; SANDER, 2002, p.83). Já o processo de desenvolvimento socioeconômico de Passo Fundo no século XX deu-se através da extração de madeira, do comércio e da agricultura intensiva, favorecidos pela ferrovia.

Nesse quadro histórico-social-econômico, “não-gauchos”, passaram a surgir, a partir de 1952, manifestações culturais ligadas ao “tradicionalismo” gaúcho, quando fundado o CTG Lalau Miranda. A seguir, em 1968, foi criado um conselho de coordenação e um estatuto do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), para representação regional. Inicialmente, a organização não tinha sede definida, mas logo passou a ocupar um espaço dentro da Câmara de Vereadores, evidenciando vontade política nas primeiras relações entre o poder municipal e o gauchismo. Na década de 1990 transferiu-se para uma sala na antiga estação da Gare, no centro da cidade, também de propriedade pública.

No discurso, o MTG chegou a Passo Fundo afirmando ligações históricas do gauchismo com a região. No texto de fundação do conselho regional, cujo conteúdo genérico foi importado de Porto Alegre, escreveu-se:

O MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho) de Passo Fundo tem como premissa “a CULTURA”, preservar o patrimônio, legado por nossos antepassados que perpassa os tempos, não deve sofrer adulterações das correntes oposicionistas, a fim de que suas raízes profundas de conhecimento popular e seus adeptos representados por elementos que congregam os centros de tradições, preservem e cultuem as origens de nossa cultura tal qual ela é, sem modismos. (PARIZZI, 1990, p.78).

Tal unificação cultural pretendida pelo gauchismo baseia-se em uma geografia fundante na região pastoril da campanha, o pampa, e na figura idealizada do gaúcho, sem correspondência com a história do Planalto Médio. Trata-se, portanto, de um manifesto aculturador e não de um laudo histórico-antropológico. Segundo Ruben George Oliven, “trata-se de uma construção de identidade que exclui mais do que inclui, deixando fora a metade do território sul-rio-grandense e grande parte de seus grupos sociais” (2006, p.154). A instalação de uma filial do MTG em Passo Fundo, analisando o discurso de fundação, significou a ampliação da militância unificadora e a desconsideração com uma cultura característica local. Fica evidente o contra-senso do Movimento, quando se propõe a preservar o patrimônio e a cultura regional, mas age como agente dominador e unificador tal como o norte-americanismo que ele diz contrapor. Também contraditoriamente adapta práticas de suas regiões de pastoreio ao “mundo caubói”.

Apesar desse contra-senso conceitual, o gauchismo se desenvolveu em Passo Fundo de forma impressionante. A região do Planalto é a que possui mais CTGs no estado, com 211 entidades em 2004, ficando em segundo e terceiro lugares as regiões Central e Colonial dos Vales (OLIVEN, p.128). Segundo o critério de proporção de entidades tradicionalistas em relação à população, a região de Passo Fundo é a segunda colocada, ficando atrás dos Campos de Cima da Serra e na frente das Missões. Na interpretação de Oliven, autor da pesquisa, os dados sugerem ainda que há uma relação inversa entre a população dos municípios e a proporção de entidades tradicionalistas, o que pode estar ligado, entre outros fatores, ao fato de que nos municípios maiores e mais urbanizados há outras formas de lazer

e recreação tais como cinemas, teatros, bares e shows. Desta forma, o CTG funcionaria como uma espécie de clube nas pequenas cidades. No caso de Passo Fundo, teria funcionado como clubes nas periferias, já que as elites se divertiam em clubes sociais, como o Caixeiral Campestre. Como identidade, o gauchismo atingiu a sociedade amplamente.

A movimentação cultural urbana, promovida pelo MTG em Passo Fundo tornou-se fonte principal do processo de identificação local. O sociólogo Manuel Castells entende por identidade “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado” (1999, p.22).

A partir dessa definição, delimita-se o imaginário gauchesco em Passo Fundo na representação da cidade no âmbito cultural, através das imagens que se referem ao gauchismo, como os monumentos ao Teixeirinha e à Cuia, na Praça Marechal Floriano. Estes ícones se sobressaem na construção da identidade local, predominando sobre outras referências simbólicas possíveis, como a cultura indígena, a dos imigrantes, ou processos históricos a exemplo da extração de madeira e da ferrovia.

O objetivo geral dessa pesquisa é identificar e interpretar os elementos que contribuem para a reprodução da cultura gauchesca como representação, historicizando acerca dos espaços e agentes engajados. Ao longo de suas gestões públicas municipais, nos séculos XX e XXI, incentivou-se o gauchismo de diferentes formas e intensidades. Há eventos do gênero consolidados, que, invariavelmente, obtêm verbas públicas e visibilidade midiática, como se demonstra neste trabalho.

Por essa razão, este trabalho trata dos mecanismos de criação de uma identidade inventada, no caso de uma cidade, mas que atuam em rede em todo o estado, fazendo-se representativa da cultura local, com mecanismos políticos. Por isso a importância de estudos esclarecedores sobre o tema. Segundo Tau Golin, a pesquisa acadêmica é silenciada pelos movimentos gauchescos, que se baseiam em manuais de tradição e folclore. “Decretase a derrota da historiografia e o passado apenas fornece a matéria para um vaneirão aporreado no galpão da memória” (2004, p.44). De fato, falta fôlego para a academia frente ao gauchismo, principalmente em datas celebrativas como 20 de setembro, quando se

comemora a Revolução Farroupilha através de desfiles e festas, contando com ampla reprodução na mídia.

Para a pesquisa, inicialmente, levantei algumas hipóteses, partindo para a apuração historiográfica, na tentativa de esclarecer fatos e processos históricos que indicassem algo particular da história de Passo Fundo ou algo análogo à história sul-rio-grandense, que explicassem o sucesso do gauchismo. Investiguei a contribuição de memorialistas consagrados, cujos livros são utilizados no ensino da história municipal nas escolas. Pesquisei essa historiografia “explicativa” da “história” do “gaúcho de Passo Fundo”.

Outra assertiva era de que a mídia teria papel determinante na reprodução do gauchismo, bem como já havia sido estudado por autores como Nilda Jacks. Assim comparei o desenvolvimento da indústria cultural no estado e em Passo Fundo, frisando o papel do rádio na divulgação da música gauchesca, dos jornais como tribuna ideológica e da RBS TV na promoção engajada do gauchismo, da mesma forma que a Fundação Cultural Planalto, no âmbito municipal.

Para demonstrar o processo, recuperei momentos marcadamente responsáveis pela associação da cidade ao gauchismo. São iniciativas ligadas à política, à cultura, à mídia e à promoção turística, que contribuíram na edificação de um imaginário gauchesco. Por exemplo, no capítulo 2, disserto sobre o projeto da Câmara de Vereadores, de 1980, “Passo Fundo, Tchê! A mais gaúcha cidade do Rio Grande do Sul”.

A metodologia adotada segue a orientação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (PPGH - UPF), que contempla linhas de pesquisa em história regional, permitindo que eu tivesse contato com novas teorias historiográficas que contemplam interdisciplinaridade.

Destarte, considera-se a afirmação de Edmundo Heredia (1996, p.293) de que estudar história regional no mundo globalizado exige metodologia mais elaborada, pois a globalização influencia a vida cotidiana das pessoas e a história. Observa que os imaginários social, cultural e histórico têm sido objetos específicos do estudo da história das mentalidades. Esse imaginário seria uma idéia de espaço que o homem incorpora, que é sua própria criação. Nesse caso, a região toma a dimensão de produto cultural, bem como no fenômeno gauchesco.

Com tais paradigmas, delimitei o objeto de pesquisa a partir da temática da representação gauchesca em Passo Fundo, elegendo os principais meios em que tal cultura contemporânea se manifesta. Preferi uma abordagem em que a cronologia está inserida no tema e no aspecto teórico, interpretando a matéria a partir de tendências de identificação dos tempos de globalização.

O enfoque está no processo de construção da identidade gauchesca, não na invenção da tradição. Isso porque, em Passo Fundo, há a construção de uma identidade local, baseada em uma tradição que foi inventada em Porto Alegre. Portanto o que é original em meu objeto é a abordagem de uma identificação local, que se utiliza de elementos regionais.

Esse processo de identificação para o sociólogo espanhol Manuel Castells está inserido em uma sociedade em rede, na qual sua lógica de construção mudou. O sociólogo espanhol afirma que a construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, por instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e pelas revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço. Para Castells, “quem constrói a identidade coletiva, e para que essa identidade é construída, são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade” e a construção social da identidade sempre ocorre “em um contexto marcado por relações de poder” (1999, pp. 23-24).

Para Stuart Hall (2001, p. 86), a identidade pode ser fortalecida localmente ou produzida por caráter político e conjuntural, formado em e para tempos e lugares específicos. No caso do gauchismo, que é baseado em um tipo que teria vivido em tempo e lugar singulares, na contemporaneidade é reproduzido em tempo e lugar (no caso de Passo Fundo) diferentes. Para Hall, a identidade é algo formado, ao longo da vida, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, ele propõe que se fale em *identificação*, um processo em andamento. O sujeito pós-moderno é possuidor não de uma identidade fixa, mas de uma “celebração móvel”, formada e transformada

continuamente em relação às formas pelas quais se é representado ou interpelado nos sistemas culturais que o rodeiam (p.13).

Hall argumenta que há uma nova articulação entre o local e o global, em que o local não deve ser confundido com velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. Em vez disso, ele atua no interior da lógica da globalização.

A questão da identidade regional foi posta com freqüência no meio intelectual brasileiro no século XX. Desde a década de 1920, com a Semana de Arte Moderna e o Manifesto Regionalista, quando passaram a pensar a sua nacionalidade. Em 1968, com a Tropicália, chegaram a um ponto crítico da interação entre a modernização tecnológica, urbanização, globalização e o nacionalismo. No Rio Grande do Sul, iniciaram a partir de 1971, os festivais de música nativista, que iriam desencadear todo um movimento que utilizou os meios de comunicação para expressar o regionalismo. Ele ainda fortaleceria o MTG, outra instância preocupada com a questão regional no estado e legaria o uso do termo “nativismo”, referindo-se às práticas regionalistas originárias da época, como os festivais de música, espalhados por todo o estado². Significou uma adequação de elementos gauchescos à tônica cultural, refletida na indústria discográfica, na publicidade, na moda, etc., ou seja, no mercado de bens simbólicos.

Tal fenômeno talvez se explique porque em decorrência da globalização, a tendência é que se afirmem diferenças regionais. Porém, deve ser considerado que predomina a mesma cultura no mundo inteiro, do espetáculo, da comunicação através da grande mídia de massa, do consumo e da ênfase na imagem. Portanto, estudo aqui o quanto o gauchismo reproduz a cultura globalizada e a sua relação com a regionalidade. Por mais que as cores e sotaques sejam locais, os veículos e o comportamento são similares.

Como método de estudo da história, Miguel Rojas Mix afirma ser necessário levar em consideração que, nas últimas décadas do século XX, verificou-se de forma radical uma transição epistemológica. Houve a mudança de uma forma de conhecimento para outra, da civilização do texto lido para a civilização do texto visto. “En la civilización de la imagen,

² Segundo pesquisa de Nilda Jacks, no ano de 1986, auge do Nativismo, havia 44 festivais de música nativista no estado, em atividade. (JACKS, 2003a, p.79).

en la cual nos adentramos vertiginosamente, el estudio y análisis del imaginario constituyen una opción esencial para entender el mundo”³ (2006, p.21).

Portanto, este trabalho está centrado nos principais espaços e agentes engajados na representação de Passo Fundo através do imaginário gauchesco, na tentativa de constituir uma “identidade local”, não correspondente aos seus processos históricos fundantes. Esses espaços compreendem eventos e celebrações do gênero e sua divulgação, cobertura e repercussão na mídia, além do envolvimento no ambiente escolar. Os seus agentes compreendem militantes do tradicionalismo, comunicadores, políticos, educadores, cidadãos em geral e ainda memorialistas, que constituem uma elite interessada em perpetuar essa identidade gauchesca, legitimando-a e consagrando-a. Apesar de que elite, aqui, não significa um posicionamento estático, uma casta constituída, mas sim uma posição que os sujeitos ocupam ao militarem pelo gauchismo e obterem apoio político e legitimidade cultural.

Manuel Castells faz uma classificação dos processos contemporâneos de identificação, em três tipos (1999, p.24). O primeiro baseia-se na introdução de uma “identidade legitimadora” por instituições dominantes, aplicável ao nacionalismo (ou ao regionalismo), assim como investigado empiricamente na pesquisa sobre Passo Fundo, relacionando o MTG aos atores políticos. O segundo processo é o de “identidade de resistência”, correlato a um dos processos que motivaram o surgimento do gauchismo, notadamente na relação do Rio Grande do Sul com o centro do país (OLIVEN, 2006, pp.61-90). Já o terceiro, chamado “identidade de projeto”, acontece através dos atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance para construir uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade, assim como se nota no caso em estudo, em que os elementos constitutivos do gauchesco são recortados de um tempo histórico mitologizado e adaptados à contemporaneidade, por sujeitos engajados na busca de um posicionamento político-cultural municipal.

Este é um estudo de atualidade, no qual os motivos de identificação não são baseados em uma realidade estrutural, mas em uma representação, calcada principalmente na imagem. O caso investigado fornece indícios de que a identidade gauchesca seja

³ Na civilização da imagem, na qual entramos vertiginosamente, o estudo e análise do imaginário constituem uma opção essencial para entender o mundo.

fragmentada entre a produtiva (real) e a de celebração (representada), em um fenômeno tipicamente pós-moderno (DEBORD, 1997). Portanto, a preferência teórica é pelo debate político-cultural pós-moderno, não aprofundando a questão da ideologia, presente em estudos anteriores, como *Ideologia do Gauchismo* de Tau Golin (1983), autor que passou a analisar o mesmo fenômeno também sob a perspectiva cultural-simbólica no final da década de 1990.

Um dos símbolos do gauchismo passo-fundense, responsável por sua vitalização, é o Festival Internacional de Folclore. Em 1992, o evento começou a ser promovido através da parceria entre Prefeitura Municipal e Conselho Internacional das Organizações de Festivais Folclóricos e Artes Tradicionais – CIOFF (CANTÚ, AMBROS, SIQUEIRA. In. DIEHL, 1998, p.136). Tau Golin apontou problemas de conceitualização e confusão histórico-cultural nesse tipo de evento, em que o tradicionalismo credencia-se como folclore étnico e tem forte reprodução na imprensa como tal.

Deixemos exemplos da reprodução de um mundo pampeano ultrapassado e pecuarista reposto no Planalto (região onde os festivais de folclore se reproduzem intensamente), terra multirracial, do caboclo, do índio, do negro (os sem-visibilidade) e do imigrante, já de maneira significativa miscigenados – grupos sociais que gradativamente constituem o seu futuro em campos identitários (2004, p.35).

Tal confusão pode ser entendida através das razões para a identificação contemporânea que Manuel Castells relaciona. Ele afirma que a etnia ainda é fonte de significado e identidade, mas agregada a princípios mais abrangentes de autodefinição cultural (1999, p.72). Assim, pode-se entender melhor a apropriação da identidade gaúcha em Passo Fundo, ao tentar “unificar” as etnias na representação gauchesca, pois, segundo Castells, as chamadas comunas culturais locais surgem em reação a tendências sociais predominantes no mundo, como a pasteurização cultural que se dá com a globalização. E o gauchismo enquadra-se nessa tendência. Mas, ao mesmo tempo, nota-se nele o comprometimento com lógicas de esfera global, como da espetacularização, como será demonstrado no capítulo 3, na análise do Festival Internacional de Folclore, de acordo com

a nova lógica de informacionalização/globalização de culturas e economias que produzem compostos simbólicos a partir de identidades não claramente discerníveis.

Por contraditório, o discurso justificativo contra a pasteurização, por utilizar também as práticas da globalização e da pós-modernidade, afirma uma pasteurização gauchesca.

A partir dessa premissa, compreendem-se as manifestações em Passo Fundo como parte de uma sociedade do espetáculo, conforme Guy Debord. O autor contribui para a análise de representação quando atribui ao espetáculo o papel de substituir o mundo sensível (produtivo), por uma seleção de imagens.

O mundo presente e ausente que o espetáculo faz ver é o mundo da mercadoria dominando tudo o que é vivido. E o mundo da mercadoria é assim mostrado como ele é, pois seu movimento é idêntico ao afastamento dos homens entre si e em relação a tudo que produzem (1997, p. 28).

Da mesma forma, Roger Chartier revela a possibilidade da representação ser um “instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma ‘imagem’ capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é” (1988, p.20). Assim, a aparência estaria substituindo o real, e, em seu lugar, instituindo o “real da aparência”. Tal enlace teórico se encaixa no trabalho proposto, de dissertar sobre a representação gauchesca em Passo Fundo, onde o real está baseado na experiência simbólica e no imaginário, não em raízes histórico-antropológicas locais.

Enquadra-se esse trabalho na linha de pesquisa “Política e Cultura” do Mestrado em História da UPF, pois contempla os estudos de representação cultural, centrado na questão de identidade, e abrange práticas políticas. Como fontes primárias, foram analisados projetos de lei da Câmara Municipal de Vereadores, com aprovação de verbas para eventos e oficialização de símbolos municipais, ligados ao gauchismo, entre 1978 e 2003, sem a preocupação de abarcar a totalidade dos projetos, mas de demonstrar processos históricos e discursos político-culturais, por amostragem.

A dissertação está desenvolvida em quatro capítulos. O primeiro aborda a historiografia em relação à questão da memória corrente, como sustentáculo de uma

história do “gaúcho de Passo Fundo”, relacionando paralelamente os processos históricos estaduais, em momentos como o do desenvolvimento do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) e a época do Movimento Nativista. Esses movimentos culturais invariavelmente se baseiam numa versão da história do estado, nas guerras de fronteiras e na Revolução Farroupilha (1835-1845). Um ímpeto de contestação, segundo tal versão, teria transferido-se para o imaginário gauchesco e formado a personalidade do gaúcho.

Mas é preciso enfatizar que a identificação gauchesca é um fenômeno estritamente contemporâneo e que não se construiu em um processo histórico ininterrupto, desde a existência do gaúcho e das guerras travadas no Estado. As manifestações culturais gauchescas começaram a ocorrer no final do século XIX e ganharam força a partir da metade do século XX⁴, sustentando-se até hoje. Isso quer dizer que não há uma cultura que atravessou gerações rurais, desde os que lutaram na Revolução Farroupilha até os que hoje vestem pilcha e desfilam a cavalo na data celebrativa de 20 de setembro. Há, portanto, um hiato negligenciado.

O segundo capítulo trata do aspecto político, na promoção do gauchismo em eventos, como representação e com finalidades turísticas. No capítulo seguinte, situa-se o gauchismo como cultura contemporânea, interpretando sua história em Passo Fundo enquanto uma cultura de massa se estabelecia no mundo, estruturada por forte aparato comunicacional. A última parte do estudo detém-se no desenvolvimento teórico estético e nos equipamentos de sustentação do gauchismo na cidade.

A especificidade do estudo está inserida no cenário político-cultural, na história dos eventos e da construção do imaginário cultural gauchesco na cidade. É uma representação “redimensionada” de uma cultura deslocada no tempo e no espaço, análoga ao processo que ocorre com o gauchismo em outros estados do país e no mundo, quando pessoas nascidas no Rio Grande do Sul migram para outros lugares e lá fundam CTGs. Há um redimensionamento do gauchismo em Passo Fundo. O movimento criado em Porto Alegre, a partir de referências da Campanha, é apropriado em uma terceira região como sendo seu referencial imagético identitário, gerando uma auto-representação baseada no gauchismo.

⁴ As comemorações da Semana Farroupilha foram oficializadas pela Lei nº 4.850 de 11 de dezembro de 1964. Segundo o artigo 1º dessa lei, ela deve ser comemorada “de 14 a 20 de setembro de cada ano, em homenagem e memória aos heróis farrapos”.

1 A HISTÓRIA DO GAÚCHO DE PASSO FUNDO

A partir do final do século XIX e, mais intensivamente, a partir da década de 1920, alguns setores político-culturais do Rio Grande do Sul começaram a se voltar para o regionalismo e acabaram por construir o hoje chamado “gauchismo”. Passo Fundo sofreu influência de movimentos como o Tradicionalista (1947) e posteriormente o Nativista (1971), apropriando-se dessa identidade cultural, baseada em um tipo social mitificado: o gaúcho.

O estereótipo gauchesco é conhecido da seguinte forma: “montado em cavalo brioso, de bombacha e botas, de sombreiro com barbicacho, de pala vistoso, revólver, adaga e o dinheiro metido na guaiaca, de boleadeiras enroladas na cintura, lenço ao pescoço, faixa na cintura em cima dos rins, esporas chilenas, etc.” (RIBEIRO, 1995, p. 422). Mas segundo Darcy Ribeiro, esse tipo humano pode ser apenas “o padrão fantasiado de campeiro, ou o integrante de algum clube urbano de folcloristas” (p. 422), o que separa mito e realidade.

Um tipo social aproximado dessa definição de Darcy Ribeiro existiu nos séculos XVII, XVIII e XIX no pampa sul-rio-grandense. Mas Passo Fundo não teve a presença desse grupo social “gaúcho” no decorrer de sua história.

No século XIX, na área onde hoje se situa o município, transcorreu um processo de conquista através da combinação de forças militares, acrescidas de tropas paramilitares bugreiras, contra as aldeias de índios caingangues, residentes no local, em uma lógica de apropriação de terras e etnocídio.

Os posseiros, representados na categoria do caboclo [...] buscaram novas glebas em direção à fronteira internacional ao serem expulsos pelas frentes de expansão e pioneiras operantes nos sentidos sul-norte (nucleada em Cruz Alta) e oeste-noroeste, com seu pólo irradiador em Passo Fundo (GOLIN, 2002, p.37).

A memória regional desconsidera o kaingang e o caboclo, e insiste em uma suposta origem que baseia a constituição da cidade de Passo Fundo a partir do caminho de tropas que cruzavam o estado do Rio Grande do Sul em direção a São Paulo, através do Caminho do Meio. Essa memória impõe um conceito de colonização que, segundo Tau Golin, resulta em uma predileção de representação positivista e artificial, que acaba justificando a identificação com o tipo do gaúcho. Qualquer homem a cavalo passa a ser, equivocadamente, gaúcho.

Nesse processo, a reprodução da identidade gauchesca em Passo Fundo está ligada a tendências positivistas, identificadas na parceria entre historiadores e a Prefeitura Municipal, para a “contextualização histórica” de eventos que celebram o gaúcho e pretendem promover o turismo e o desenvolvimento, como o Rodeio Internacional e a Semana Farroupilha (MACHADO, 1998).

Desde a segunda metade do século XX, marcada pela construção dos CTGs em Passo Fundo, passando por vários eventos celebrativos, a identidade gauchesca se reafirma e encontra legitimidade no discurso de historiadores, como Welci Nascimento:

A preservação cultural do povo rio-grandense vem sendo defendida pelos centros de tradições gaúchas, espalhados nos subúrbios da cidade, hoje crescendo e sendo incentivada pelas elites intelectuais. (1992a, p. 69)

Há nesses casos o agente historiador, o governo municipal e a mídia engajados na reprodução dessa identidade, tal como foi inventada em Porto Alegre. Um caso comum apontado por Ironita P. Machado em seu estudo sobre cultura historiográfica e identidade, onde reconheceu a proposição de historiadores em constituir suas obras em lugar de memória. Assim, há a pretensa manutenção e reconhecimento da existência social de uma elite cultural, o que lhe confere laços de identidade.

Essa forma de se imaginar e se perpetuar da elite cultural por meio da ‘produção historiográfica’ deve-se à ameaça de esfacelamento de sua memória, que representa, pelo sentido e significação das vivências passadas, a sua própria existência social presente numa sociedade que se apresenta sob o signo do global... (MACHADO, 2001, p.211)

Manuel Castells definiu três conjuntos de metas dos movimentos contemporâneos, classificados por ele como urbanos: “necessidades urbanas de condições de vida e consumo coletivo; afirmação da identidade cultural local; e conquista da autonomia política local e participação na qualidade de cidadãos” (1999). Em Passo Fundo, encontra-se um movimento neste sentido. O gauchismo tornou-se elemento de identificação local, utilizado pelo poder público e por cidadãos que se apropriam dele para auto-afirmação, ocupando na cidade, no século XX, um alto status de legitimidade dentro da definição identitária.

As disputas pelo monopólio da definição legítima das divisões do mundo social e pelo consenso sobre a unidade do grupo significam lutas de identidade. Pierre Bourdieu teoriza sobre essas lutas, utilizando os conceitos de autoridade, legitimação e consagração (1998, p.108-120). Para ele, as regiões são classificadas de forma imposta, pois a fronteira é ato jurídico de delimitação, que produz e é produto da diferença cultural. Portanto o discurso regionalista é performativo, quer impor como legítima uma nova definição das fronteiras, fazer reconhecer a região assim delimitada, contra a definição dominante. Mas sua eficácia é proporcional à autoridade de quem o enuncia, ao poder simbólico.

Castells também teoriza sobre uma nova forma de poder, que reside nos códigos da informação e nas imagens de representação em torno das quais as sociedades organizam suas instituições e as pessoas constroem suas vidas e decidem o seu comportamento. “Este poder encontra-se na mente das pessoas”. Para o sociólogo, “o poder é uma função de uma batalha ininterrupta pelos códigos culturais da sociedade” (1999, p.423).

Constatada esta lógica de disputa, cabe a reflexão de Bourdieu sobre a lógica própria do regionalismo, na qual a força das representações não está proporcionada ao seu valor de verdade, podendo ser uma ilusão muito bem fundamentada.

[...] o regionalismo (ou o nacionalismo) é apenas um caso particular das lutas propriamente simbólicas em que os agentes estão envolvidos quer individualmente e em estado de dispersão, quer coletivamente e em estado de organização, e em que está em jogo a conservação ou a transformação das relações de forças simbólicas e das vantagens correlativas, tanto econômicas como simbólicas (1998, p.124).

No caso do regionalismo no Rio Grande do Sul, percebe-se a partir do tradicionalismo, a conservação das forças simbólicas, num envolvimento coletivo organizado através da instituição MTG. Já no Nativismo, há mais um consumo individualizado, em que coube, de certa forma, a transformação de convenções “tradicionais” para apreciações pós-modernas. Ambos, de certo modo, influenciam mídia e educação e se retro-alimentam nessa relação. A mídia não é um reflexo, é também um espaço de criação e influência, pois está na relação e circularidade do sistema.

Desta forma, parte-se para um estudo historiográfico, no intuito de investigar origens do imaginário gauchesco em Passo Fundo. Neste estudo, a visão que os historiadores têm sobre os grupos sociais que historiciza é fundamental. Isso porque, para Mix, eles tendem a estar condicionados por sua cultura visual, o que pode conferir um caráter reducionista, se, por exemplo, exprimir uma idéia de progresso linear, centrada no homem branco ocidental (2006, p.22).

1.1 Fragmentação gauchesca na memória

A historiografia tem elegido como objeto nos últimos anos o imaginário social ou cultural. Nessa tendência está inserida uma questão fundamental que é o estudo da memória. Quando se propõe a pesquisa sobre identidade, esses temas auxiliam no aprofundamento da abordagem, a exemplo da identidade gauchesca em Passo Fundo. Deve-se considerar que o gauchismo engloba uma fabricação mental de uma época corrente acerca da sua representação do passado histórico, conflitante com a historiografia acadêmica. Portanto, torna-se pertinente diferenciar essas “duas histórias” em conflito, como Le Goff aponta:

[...] há pelo menos duas histórias [...]: a da memória coletiva e a dos historiadores. A primeira é essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado. É desejável que a informação histórica, fornecida pelos historiadores de ofício, vulgarizada pela escola (ou pelo menos deveria sê-lo) e pelas *mass media*, corrija esta história tradicional falseada. A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros (2003, p.29).

O gauchismo, nessa concepção, permeia a memória coletiva a partir de sua consagração em celebrações e manifestações gauchescas institucionalizadas, o que deve ser estudado pela historiografia a fim de retificar os erros contidos em seu discurso, seja através de atos cívicos e festejos ou da reprodução na mídia.

Nesse contexto, Tedesco (2004, p.106) escreve que os processos de memória constituem-se numa seleção, numa construção, o que abre um grande espaço para as estratégias de poder, para a construção de uma identidade útil ao poder e à sua legitimação. Segundo Le Goff, “a comemoração é, sobretudo, apanágio dos conservadores e ainda mais dos nacionalistas, para quem a memória é um objetivo e um instrumento de governo” (op.cit., p.458). Por óbvio, entenda-se, no âmbito deste trabalho, o nacionalismo como localismo.

Para Miguel Rojas Mix, sobre um mesmo acontecimento podem projetar-se imaginários diversos. Para compreender este processo, o historiador chileno distingue três focos principais de conhecimento histórico. O primeiro corresponde à “história oficial”, composta e controlada por instituições estatais. Em contraponto à primeira, há a “contra história”, escrita em versão diferente, em contraposição à oficial. Por último, a memória dos indivíduos ou de grupos compõe o conhecimento histórico essencialmente com imagens, nela “la imaginación liberada de la fidelidad al pasado ocupa el lugar de la memoria”⁵ (2006, p.130).

Esta é uma concepção útil para esta pesquisa, considerando a origem das produções historiográficas (muitas atreladas ao governo municipal e outras à universidade), bem como a ligação à memória regional do século XX, embebida na “imagem do gaúcho”.

Deve-se considerar ainda o processo de invenção ou construção de uma identidade, que é intrínseco ao imaginário cultural. Cornelius Castoriadis reforça que quando se fala de imaginário, se quer falar de alguma coisa “inventada”, seja ela invenção “absoluta” (imaginada em todas as partes), ou um deslizamento, “de um deslocamento de sentido, onde símbolos já disponíveis são investidos de outras significações que não suas significações ‘normais’ ou ‘canônicas’” (1982, p.154).

A partir da teorização de Eric Hobsbawm, pode-se tratar o gauchismo como resultado da invenção de uma tradição. Para ele, o conjunto de práticas de natureza ritual ou

⁵ A imaginação desprovida de fidelidade ao passado ocupa o lugar da memória.

simbólica que visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, que estabelecem continuidade com um passado histórico apropriado, configura “tradição inventada”.

Naturalmente, muitas instituições políticas, movimentos ideológicos e grupos – inclusive o nacionalismo – sem antecessores tornaram necessária a invenção de uma continuidade histórica, por exemplo, através da criação de um passado antigo que extrapole a continuidade histórica real seja pela lenda (...) ou pela invenção... (HOBBSAWM, 1997, p.15)

Hobsbawm conclui que o estudo dessas tradições esclarece bastante as relações humanas com o passado e, por conseguinte, o próprio assunto e ofício do historiador. Isso porque toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal. Neste particular, compreende-se o enorme contingente de estrato imigrante no tradicionalismo como inserção em uma “continuidade histórica” inventada.

No caso do Rio Grande do Sul, o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) é o principal agente responsável pela invenção, consolidação e perpetuação da “tradição gaúcha”. O MTG baseia sua construção cultural em uma versão da história do estado, centrada na luta armada da Revolução Farroupilha (1835-1845), entendida, equivocadamente, como uma revolta do estado contra o governo central brasileiro, que privilegiava a economia cafeeira, em detrimento das charqueadas sulinas. Essa instrumentalização da história povoa o imaginário gauchesco. São contribuintes para essa realização imagética, ações governamentais como é o caso da bandeira estadual, que leva a República proclamada na Revolução Farroupilha representada, com o nome e a data, mantendo o episódio na memória coletiva dos habitantes do estado.

Segundo Ruben George Oliven:

O modelo que é construído quando se fala em tradições gaúchas [...] está sempre calcado no campo, mais especificamente na região da Campanha (localizada no sudoeste do Rio Grande do Sul e fazendo fronteira com a Argentina e o Uruguai) e na figura do gaúcho, homem livre e errante que vagueia soberano sobre seu cavalo tendo como interlocutor privilegiado a natureza como ela se descortina nas vastas planícies dessa área pastoril do estado (2006, p.69).

Apesar da referência do tipo social do gaúcho ter habitado a região da Campanha, a representação da figura brava, livre, com expressões campeiras, envolvendo o cavalo e o chimarrão, une os habitantes do estado em torno de uma identidade única, desconsiderando a diversidade étnico-cultural presente no território.

Segundo críticos do tradicionalismo, como Tau Golin, a defesa simbólica dessa tradição inventada permeia a memória coletiva, o que contribui e determina a reprodução da identidade gauchesca a partir da segunda metade do século XX. Golin escreveu que “depois de meio século de organicidade tradicionalista, o movimento, como expressão hegemônica, já inoculou, irremediavelmente, na identidade sulina um *ethos* imaginário estancieiro e conservador” (2004, p.16).

Para Muniz Sodré, o *ethos* é a consciência atuante e objetivada de um grupo social. Nele se manifesta a compreensão histórica do sentido da existência, e têm lugar as interpretações simbólicas do mundo. Portanto, é a “instância de regulação das identidades individuais e coletivas” (2002, p.45).

O *ethos* gauchesco foi consagrado em movimentos culturais e sociais, do passado e do presente, que os legitimou e os popularizou, em eventos festivos, celebrativos, cívicos e lúdicos, como rodeios, festivais de música, desfiles de 20 de setembro (data magna do gauchismo, devido ao levante farroupilha em 20 de setembro de 1835) e bailes de CTG. Da mesma forma, a mídia e a historiografia tendem a se imbuir dos valores dessa cultura ao versarem sobre a história do estado, o que revela conseqüências no campo da memória.

José Hildebrando Dacanal refere-se ao gaúcho da memória como mito. Apesar de concordar que sua representação está baseada em alguns traços históricos, o autor afirma que tais elementos “absolutamente já não existiam mais quando o mito do gaúcho alcançou sua plena maturidade, sua forma definitiva” (2004, p.18), em um processo que iniciou no final do século XIX⁶. Tal premissa reforça a interpretação do gauchismo como tradição inventada.

⁶ A Sociedade Partenon Literário (1860) marca uma das primeiras mobilizações em torno de um regionalismo gaúcho (JACKS, 1999, p.80).

Voltamos aqui à divisão que Le Goff faz entre a história da memória coletiva e a dos historiadores. Usando outra terminologia, Gilbert Durand colabora nessa questão historiográfica, quando teoriza que o conjunto de imagens simbólicas, ligadas umas às outras sob a forma de narrativa, constitui o “mito”. Nesse, o que importa não é exclusivamente o encadeamento da narrativa, mas também o sentido simbólico dos termos. “Porque o mito, sendo discurso, reintegra certa ‘linearidade do significante’, esse significante subsiste enquanto símbolo, não enquanto lingüístico ‘arbitrário’” (2002, p.356). Aqui, introduz-se a tese de que o gauchismo edifica-se em simbologias e se enquadra em um contexto pós-moderno fragmentado, influenciando diretamente a memória coletiva e, conseqüentemente, o imaginário. Tedesco afirma que, num contexto pós-moderno, “tanto a memória quanto o indivíduo apresentam-se fragmentados em muitos espaços, tempos e grupos” (2004, p.68), pois “a pós-modernidade não está tão interessada em usar o presente para dar garantia de futuro ao passado” (p.66).

Para Tau Golin, a primeira característica dominante de uma identidade “tradicional”-folclórica na sociedade contemporânea é a diluição da noção de tempo histórico. Em sua concepção cria-se o “tempo vago” e há uma reelaboração do passado como o lugar de uma sociedade tradicional. Mas, para o autor, no caso do Rio Grande do Sul, historicamente, a sociedade de tipo tradicional nunca existiu. Existiu sim, desde o século XVIII, uma sociedade de classes de tipo escravista, alicerçada na propriedade privada. Nesta ótica, a sociedade rio-grandense (e sua representação cultural) é conservadora, não tradicional.

Dessa forma:

[...] o tradicionalismo é uma extensão da cultura de massa, e não o prolongamento de uma sociedade tradicional. A sua força cultural, agregando elementos da pós-modernidade, como a centralidade da imagem na representação da identidade – a exterioridade volátil – potencializa ainda mais o seu comportamento estilístico, no qual o “parecer” se converteu em um dos aspectos predominantes da dimensão do ser. A escolha de “parecer-ser” conforme o arquétipo conveniado recentemente é a condição que conecta o conservadorismo à pós-modernidade. (GOLIN, 2004, p.10)

A figura do gaúcho pode ser tratada como imagem produzida e produtora de influência, mesmo que distante da realidade histórica. A imagem pode até mesmo configurar-se como a própria história (realidade), sendo capaz de acionar atores políticos.

Sodré escreveu que a evolução tecnológica contempla a integração entre a realidade histórica e a virtual. Mas a representação ou simulação são perpassadas por efeitos de distorção capazes de ampliar, diminuir ou retocar as características reais, que chegam ao ponto de parecer mais realistas ou verossímeis do que o próprio real-histórico (2002, p.153).

Percebe-se nesse contexto de mercantilização da cultura, “a necessidade de construir uma biografia, uma história da própria vida que esteja com possibilidade de fornecer, ainda que limitadamente, um senso de continuidade do tempo num contexto de fragmentação” (TEDESCO, p.74). As comemorações, os monumentos de memória auxiliam na formação de uma identidade individual no sentido coletivo do pertencimento.

Halbwachs já dizia que a memória coletiva deve ser pensada como uma dinâmica em tensão contínua, num jogo de conflitos, seleções, interpretação do passado (lembrar aqui a ambigüidade de muitas comemorações no campo político, na ambivalência na significação da Semana Farroupilha para os *gaúchos*), suas relações com o poder; com a política, com os mecanismos de esquecimento público de fatos, de formas de gerir o social, a identidade... (TEDESCO, p.78, grifo meu).

Esses apontamentos sobre a memória, como constituinte do imaginário sulino, em um contexto de pós-modernidade, fazem crer que a identidade gauchesca tende a provocar manifestações problemáticas do ponto de vista histórico, quando significante de aguerrimento a um simbolismo reconfortante na práxis cotidiana e em momentos de celebração. O curioso é que nem sempre os historiadores distanciam-se dessa tendência fragmentária e de mitificação cultural, considerando criticamente também como objeto esse imaginário, conforme abordo a seguir.

1.2 A legitimação do gauchismo na historiografia do município

Diversos livros constituem o discurso gauchesco na historiografia do município de Passo Fundo, contribuindo na construção da representação imagética do “Gaúcho de Passo Fundo”. Essa representação unívoca é predominante a partir da segunda metade do século XX e legitimadora da identidade local. Para dimensionar tal contribuição no gauchismo da cidade, tomei como amostragem as obras catalogadas no Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo, que discorrem sobre a história do município, além das publicadas recentemente, até 2006, e ainda não incorporadas ao acervo. Excluí as datilografadas e as manuscritas, bem como biografias, genealogias e históricos de instituições.

A apropriação do discurso gauchesco por historiadores em Passo Fundo é investigada aqui como produção dos campos cultural e político. Em alguns casos, a historiografia do município passou a incorporar a figura do gaúcho, configurando uma posição de qualidades regionalistas.

Para realizar essa análise historiográfica, evidencio as posições sociais dos historiadores, através de suas vinculações institucionais. Em uma primeira classificação, pode-se estabelecer a diferenciação entre historiadores diletantes e profissionais, como Astor Antônio Diehl fez em *Por uma cultura historiográfico-didática regional*.

O historiador diletante é aquele que reconstitui o passado, tornando-o história, sem formação específica. Mesmo sem essa formação acadêmica, seu papel é importante na medida em que trabalha com vocação política. Por sua vez o historiador profissional é aquele que possui formação específica universitária, seja como professor ou pesquisador ou ainda em ambas (DIEHL, 1998, p.22)

Com essa diferenciação, a grosso modo, pode-se separar as obras entre as que têm mais interesse e método científicos (dos profissionais) e as que cumprem um papel mais de memória e até político (dos diletantes). Tal separação não deve ser uma regra, apenas uma referência para elucidar a forma de produção da história, principalmente no quesito

vinculação a instituições⁷, pois existem contribuições historiográficas imprescindíveis de historiadores não-acadêmicos.

Com o desenvolvimento do Curso de História da Universidade de Passo Fundo (UPF), com pós-graduação *Strictu Sensu* a partir de 1999, é evidente a mudança na relação do agente historiador com o conhecimento, antes exclusivizado por memorialistas sem formação específica na área e comprometidos com interesses institucionais de entidades como o Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (IGTF).

Como método, tablei as obras analisadas segundo os critérios de título, autor, ano, editora, patrocínio, vinculações institucionais e discurso gauchesco. Na tabela 1 - Obras Historiográficas do Município de Passo Fundo nos séculos XX e XXI –, pode-se verificar a classificação das principais publicações sobre o assunto, em ordem cronológica.

Tabela 1 - Obras Historiográficas do Município de Passo Fundo nos séculos XX e XXI

TÍTULO	AUTOR	ANO	EDITORA	PATROCÍNIO	VINCULAÇÕES INSTITUCIONAIS	DISCURSO GAUCHESCO
O PUCHIRÃO DE GÉ PICAÇO: POEMETO SERRANO	JULIO SIMÃO	1925	LIVRARIA NACIONAL	SEM REFERÊNCIA	-	NÃO PERCEBIDO
PASSO FUNDO DAS MISSÕES: ESTUDO HISTÓRICO DO PERÍODO JESUÍTICO	JORGE E. CAFRUNI	1966	SEM REFERÊNCIA	PREFEITURA MUNICIPAL E CÂMARA DE VEREADORES	PREFEITURA MUNICIPAL	EVIDENTE EM PROSA E POESIA
PRISIONEIRO DO CAMPO: A EPOPÉIA DOS TRIGAIS DE PASSO FUNDO	FIDÉLIS DALCIN BARBOSA	1977	EST	SEM REFERÊNCIA	SEM REFERÊNCIA	NÃO PERCEBIDO
PASSO FUNDO ATRAVÉS DO TEMPO (3 VOLUMES)	DELMA ROSENDO GEHN	1982	DIÁRIO DA MANHÃ	PREFEITURA MUNICIPAL	APL	NÃO PERCEBIDO

⁷ Na Tabela 1, a coluna Vínculos Institucionais demonstra a seguinte soma: APL (14 obras publicadas por autores vinculados), UPF (05), IGTF (04), IHTRS e IHGPF (03), outras (08). Ver siglas no final da tabela.

PASSO FUNDO: SUA HISTÓRIA E EVOLUÇÃO	MARILDA KIRST PARIZZI	1983	BERTHIER	PREFEITURA MUNICIPAL	SEM REFERÊNCIA	EVIDENTE EM POESIA
FORMAÇÃO DO GAÚCHO	PEDRO ARI VERÍSSIMO DA FONSECA	1985 [REGISTRO BIBLIOTECA UPF]	DIÁRIO DA MANHÃ	SEM REFERÊNCIA	IHGPF APL IHTRS IGTF	EVIDENTE EM PROSA
A REVOLUÇÃO FEDERALISTA EM CIMA DA SERRA 1892-1895	ANTÔNIO FERREIRA PRESTES GUIMA-RÃES	1987	MARTINS LIVREIRO	SEM REFERÊNCIA	SEM REFERÊNCIA	NÃO PERCEBIDO
ANNAES DO MUNICÍPIO DE PASSO FUNDO (3 VOLUMES)	FRANCISCO ANTONINO XAVIER OLIVEIRA	1990 [EDIÇÃO PÓSTUMA]	ED.UPF	PREFEITURA MUNICIPAL DE PASSO FUNDO	APL IHGRS	EVIDENTE EM POESIA
NOSSAS RAÍZES: FOLCLORE	MARILDA KIRST PARIZZI	1990	BERTHIER	SEM REFERÊNCIA	APL	EVIDENTE EM PROSA
CONHEÇA PASSO FUNDO, TCHÊ!	WELCI NASCIMENTO	1992	BERTHIER	SEM REFERÊNCIA	APL	EVIDENTE EM PROSA
TERRA, GENTE E TRADIÇÕES GAÚCHAS	WELCI NASCIMENTO	1992	BERTHIER	SEM REFERÊNCIA	APL	EVIDENTE EM PROSA
PICA-PAUS E MARAGATOS: POR QUE BRIGARAM TANTO	WELCI NASCIMENTO	1993	BERTHIER	-	APL	EVIDENTE EM PROSA
VULTOS DA HISTÓRIA DE PASSO FUNDO	WELCI NASCIMENTO E SANTINA RODRIGUES DAL PAZ	1995	BERTHIER	PREFEITURA MUNICIPAL	APL	NÃO PERCEBIDO
PASSO FUNDO TERRA DE PASSAGEM: UMA HISTÓRIA CONCISA DA CIDADE E DO MUNICÍPIO	NEY EDUARDO POSSAPP D'AVILA	1996	BERTHIER (ALDEIA SUL)	PREFEITURA MUNICIPAL	MESTRE EM HISTÓRIA (UFSC)	NÃO PERCEBIDO

PASSO FUNDO: UMA HISTÓRIA, VÁRIAS QUESTÕES	ASTOR ANTONIO DIEHL (ORG.)	1998	ED.UPF	PREFEITURA MUNICIPAL E UPF	UPF (PROFESSORES E ALUNOS)	NÃO PERCEBIDO
RESGATE DA MÚSICA GAÚCHA EM PASSO FUNDO	ORFELINA VIEIRA MELLO	1998	BERTHIER	SEM REFERÊNCIA	MTG, IGTF E GRUPO PRÓ- MEMÓRIA DE PASSO FUNDO	EVIDENTE EM PROSA
URBANIZAÇÃO, EXCLUSÃO E RESISTÊNCIA: ESTUDOS SOBRE O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO NA REGIÃO DE PASSO FUNDO	SELINA DAL MORO, RO-SA MARIA LOCATELLI KALIL, JOÃO CARLOS TEDESCO (ORG).	1998	ED.UPF	SEM REFERÊNCIA	UPF	NÃO PERCEBIDO
O GAÚCHO QUEM É...	PEDRO ARI VERÍSSIMO DA FONSECA	1999	BERTHIER	CAIXA ECONÔMICA FEDERAL	IHGPF APL IHTRS IGTF	EVIDENTE EM PROSA
PASSO FUNDO: MEMÓRIA E FOTOGRAFIA	OSVANDRÉ LECH DEOCLIDES CZAMANS-KI E RO-NALDO CZAMANS-KI	1999, 2ED	BERTHIER	SEM REFERÊNCIA	APL	NÃO PERCEBIDO
PÁGINAS DA NOSSA HISTÓRIA	RODRIGO PIMENTEL (ORG.)	2000	JORNAL TROPEIRO DOS PAMPAS	EMPRESAS PRIVADAS CÂMARA DE VEREADORES PREFEITURA MUNICIPAL	-	EVIDENTE EM POESIA
DIOCESE DE PASSO FUNDO: 50 ANOS	OTÁVIO JOSÉ KLEIN E AGOS-TINHO BOTH (ORG.)	2001	SÃO CRISTÓVÃO	EMPRESAS PRIVADAS	DIOCESE DE PASSO FUNDO	NÃO PERCEBIDO
O DECÊNIO HERÓICO	ARTHUR FERREIRA FILHO	2001 (REE- DI- ÇÃO PÓS- TU- MA)	FUNDAÇÃO CULTURAL PLANALTO	EMPRESAS PRIVADAS, CONSELHO DE DESENVOLVI- MENTO, PREFEITURA MUNICIPAL, CÂMARA DE VEREADORES	FUNDAÇÃO CULTURAL PLANALTO	EVIDENTE EM PROSA

MADEIREIROS, COMERCIANTES E GRANJEIROS: LÓGICAS E CONTRADIÇÕES NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ECONÔMICO DE PASSO FUNDO (1900-1960)	JOÃO CARLOS TEDESCO E ROBERTO SANDER	2002	ED.UPF	FAPERGS (FINANCIAMENTO DA PESQUISA)	UPF	NÃO PERCEBIDO
TROPEIROS DE MULA: A OCUPAÇÃO DO ESPAÇO, A DILATAÇÃO DAS FRONTEIRAS	PEDRO ARI VERÍSSIMO DA FONSECA	2004, 2ED. 198_, 1ED.	BERTHIER	EMPRESAS PRIVADAS	IHGPF APL IHTRS IGTF	EVIDENTE EM PROSA
PRIMEIROS PASSOS PARA CONHECER A HISTÓRIA DE PASSO FUNDO	IVALDINO TASCA	2005	ALDEIA SUL	BANRISUL	APL	NÃO PERCEBIDO
PASSO FUNDO: MUITAS HISTÓRIAS, UMA VERSÃO	RODRIGO PIMENTEL	2005	CLIO	SEM REFERÊNCIA	UPF (ALUNO GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA)	NÃO PERCEBIDO
BATALHA DO PULADOR: HISTÓRIA & ENCENAÇÃO	JABS PAIM BANDEIRA	2006	-	PREFEITURA MUNICIPAL	APL, CAVALEIROS DO MERCOSUL	EVIDENTE EM PROSA
DENUNCISMO & CENSURA NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE PASSO FUNDO – 1964/1978	JOSÉ ERNANI DE ALMEIDA	2006	MÉRITOS	FAPLAN	UPF (ALUNO MESTRADO)	NÃO PERCEBIDO
COMBATES DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA EM PASSO FUNDO	PAULO MONTEIRO	2006	BERTHIER	SEM REFERÊNCIA	APL	NÃO PERCEBIDO

LEGENDA:

APL - Academia Passo-Fundense de Letras

IGTF - Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore

IHGPF - Instituto Histórico e Geográfico de Passo Fundo
IHGRS – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul
IHTRS - Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul
MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UPF – Universidade de Passo Fundo

Para a análise historiográfica do município, faz-se necessária uma introdução à história de sua formação, bem como suas relações com o tipo social “gaúcho”, convertido em mito fundador do gauchismo, pertencente a um grupo social existente na região da campanha nos séculos XVII, XVIII e XIX. Grande parte da historiografia afirma que ele não existiu em Passo Fundo. Uma afirmação contundente desta posição é de Tau Golin, no artigo *Identidade Gentílica e Capital Simbólico*: “o grupo social gaúcho nunca existiu em Passo Fundo. Até a década de 1950 não há simplesmente nenhum registro relevante de cena pública com pessoas pilchadas *a la gaucha* significando um “modo de vida” (2007, p.05).

Mas o mito gauchesco aparece em alguns dos livros analisados, a partir da década de 1920, em forma de poesia, e até mesmo sendo forçado no conteúdo dos textos de historiadores diletantes, a partir da década de 1960.

Em *Passo Fundo: terra de passagem*, Ney E. Possap D’avila⁸ escreveu que os campos serranos (onde se situa o município hoje), do ponto de vista da pecuária extensiva, não apresentavam todas as vantagens dos campos fronteiriços. Para o autor, o pólo pastoril serrano apresentou características diferenciadas da Campanha (fronteira cisplatina), tanto na formação e evolução, como no elemento humano típico, o gaúcho. Para ele, os paulistas (maioria curitibanos), além das terras e dos cargos públicos, monopolizaram as páginas da história dos primeiros tempos de Passo Fundo. Esse “monopólio” dos birivas só teria sido repartido com o elemento imigrante europeu. Assim, “o elemento crioulo, caboclo mestiço, ‘filho da terra’, ou gaúcho propriamente dito, bem como o indígena, o negro escravo ou livre, o mulato, o cafuzo permaneceram à margem da sociedade e da História” (1996, p.75). A presença do tipo humano “gaúcho” na região não fica clara, pois o autor também usa o termo para designar o mestiço, revelando-se uma contradição com a sua própria conceituação de gaúcho como homem de fronteira pampeana.

⁸ Ney Possap D’avila é mestre em História pela UFSC, mas não está vinculado à UPF.

No segundo volume da coleção *História Geral do Rio Grande do Sul*, Maria Luiza Martini descreve o tipo social do caboclo, ou do “pobre e ignorado”, do século XIX no Rio Grande do Sul, que habitou as florestas e ervais de Cruz Alta, Palmeira das Missões, Soledade, Passo Fundo e Campo Novo (2006, v.2, p.157).

Mas há versões da historiografia regional que enfatizam a constituição da cidade de Passo Fundo a partir do caminho de tropas que cruzavam o estado do Rio Grande do Sul em direção a São Paulo, passando por caboclos ervateiros no chamado Caminho do Meio. Essa “tese”, combinada a uma confusão conceitual, constrói uma identificação do homem a cavalo com o gaúcho.

Um dos principais textos da historiografia passo-fundense, citado por vários autores, é *Passo Fundo das Missões*, do jornalista Jorge Cafruni. Nele consta a versão de que Passo Fundo teria, “indubitavelmente, um papel dos mais significativos, na integração bandeirante, em terra pampeana, e mesmo noutros quadrantes do país” (1966, p.401). O Planalto Médio teria sido o centro irradiante da “fisionomia étnica” do gaúcho, “ponto que era de concentração da indiada rio-grandense, apresada pelos penetradores bandeirantes”. Sua versão apóia-se na afirmativa de que “são os bandeirantes, talvez mais que os açorianos, os que contribuem, com maior parcela, no caldeamento da gente branca com os aborígenes”, formando o tipo lendário que é o gaúcho rio-grandense (p.411-412). Portanto Cafruni confunde mestiçagem e homem a cavalo com gaúcho. Cabe observar que ele foi um dos fundadores do CTG Lalau Miranda (NASCIMENTO, jul.2005, pp.92-94).

Welci Nascimento, em *Passo Fundo, tchê!*, livro que tem como intuito resgatar a história do município e promovê-lo, ao mesmo tempo em que elogia a atuação dos CTGs na cidade, afirma que “no início do século passado [XIX] existiam no território de Passo Fundo quatro grupos sociais: o fazendeiro, o caboclo, o índio e o negro” (1992a, p.18). Fornece, assim, argumento contra sua própria posição de divulgar o gauchismo, ao não listar o gaúcho dentre os grupos.

Ao lado de Nascimento, um dos autores que mais reproduz a versão gauchesca em seus livros é Pedro Ari Veríssimo da Fonseca. Em *O gaúcho quem é...*, professa a hipótese que na região da “terra vermelha” o gaúcho cavaleiro e guerreiro por excelência não existiu. Para o autor, o homem campeiro não tem mais função hoje, pois teria sido extinto pelos meios de produção. Para ele, “o que permanece é o caráter” (1999, p.37).

Estes exemplos ilustram o estilo de escrever e opinar dos principais memorialistas do município. Suas versões do passado, muitas vezes, estão comprometidas com uma tendência muito difundida pelos intelectuais rio-grandenses de “glorificação do gaúcho”. Sandra Jatahy Pesavento, no livro *RS: cultura e ideologia* (1980, pp.60-88), escreveu que talvez fosse essa uma das características que melhor expressavam a visão que a classe dominante agropecuarista apresentava de si mesma para a sociedade. Com a transformação estrutural econômica do Estado no pós-30, a representação daquela classe permaneceu, mesmo sem correspondência na estrutura vigente.

Ruben George Oliven corrobora que apesar da diversidade interna do Estado, “a tradição e a historiografia regional tendem a representar seu habitante através de um único tipo social: o gaúcho, o cavaleiro e peão de estância da região sudoeste do Rio Grande do Sul” (2002, p.167). Nessa construção social da identidade do gaúcho há referência constante a um passado glorioso.

Em *O gaúcho e sua cultura*, capítulo XII, do volume I, da coleção *História Geral do Rio Grande do Sul*, Ieda Gutfreind (2006, v.1, p.250) indica a presença desse discurso de cunho nacionalista na historiografia sulina, que trata de opor o gaúcho rio-grandense ao gaúcho uruguaio e argentino. A historiadora mostra que o vocábulo *gaucho*, presente em relatos do período colonial, continuou sua trajetória histórica, enveredando para o campo da construção do mito, marcado pelo folclore e cristalizado pela tradição. Para Gutfreind, essa tentativa de criar um gaúcho brasileiro distinto do platino empobrece a historiografia sul-rio-grandense. Esmiuçando diferenças a partir do *sangue*, da origem, do caráter e dos valores, desvia-se a análise do processo histórico das articulações políticas, econômico-sociais e culturais com o Prata, que, no período colonial, foram intensas.

Para exemplificar, cito o passo-fundense Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, que insiste em uma questão genética equivocada, supostamente formadora do gaúcho:

[...] uma vaca holandesa terá sempre as mesmas aptidões, onde quer que ela nasça. Onde houve um índio de aptidão guerreira e cavaleira, cruzado com um português, gerou um ser semelhante em aptidões. [...] Ser gaúcho brasileiro é um estado de espírito herdado ou adquirido do mestiço brasileiro: guerreiros da liberdade! (1999, p. 27)

O historiador ainda justifica o uso da expressão “gaúcho” na literatura. Para ele, além de ser literária, é uma expressão “íntima e latente dos autores, porque, no povo, a *mentalidade* gaúcha já existia. O gaúcho vivia aquela liberdade que eles almejavam”. Em seguida Fonseca prega o discurso tradicionalista, convocando o leitor a preservar esse protótipo, “que está dentro de nós”, o que seria “preservar a nossa própria identidade” (p.88-89).

Este tipo de versão que proclama o gaúcho como descendente de lusitanos “de pura cepa” e de sentimentos brasileiros por sua vocação histórica intensificou-se a partir de 1920. Nela, “a própria história simboliza a prova documental, pois o gaúcho teria lutado bravamente para garantir as fronteiras nacionais, desde o período colonial ao republicano” (GUTFREIND, 2006, p.251). É dessa forma, com tais recursos, que a história oficial assegura a origem do Rio Grande do Sul lusitano, assim como o sentimento de brasilidade do habitante da província, posteriormente estado sulino, envolvido na linhagem nacional e identificado como o “gaúcho brasileiro”.

1.2.1 Influência literária

Uma característica marcante na historiografia e no acervo de obras relativas ao município de Passo Fundo é a presença de poemas épicos, que antecederam o discurso histórico gauchesco. Importante observar o grande contexto, pois a figura do gaúcho campeiro acompanha a poesia no Rio Grande do Sul desde sua origem sem muitas modificações (FISCHER, 1998, p.34).

Não é objetivo deste texto uma análise literária, mas dada a influência determinante da poética sobre a cultura, vejamos algumas questões. A começar por um caso de exceção encontrado no Arquivo Histórico Regional, esquecido, pouco citado e pesquisado. O livro de “poemetos serranos” de Lacerda de Almeida Junior, *O puchirão do Gé Picaço* (1925), vai de encontro ao regionalismo brasileiro em evidência na época em que foi escrito e se

propõe a desvendar um tipo humano pouco conhecido no país, o caboclo serrano⁹ do Rio Grande do Sul. Assinando como Julio Simão, o autor afirma na apresentação que a campanha e a fronteira do estado eram vasculhadas, observadas, estudadas por literatos, em seus usos, costumes e tradições. Mas quanto à Serra, havia um certo descaso e uma “absoluta ignorância da Terra e do Homem”, o que ele lastima, pois “a vida do cabôco da serra é bellíssima” (1925, p.06). Em versos, Almeida Junior descreve o caboclo:

Cabellos preto, espetado,
Que em espinho de ouriço;
Mais arto do que petiço,
C’os óio negro e rasgado,
Num sembrante cor de cuia...
E com mais nós do qu’imbuia,

No corpo meio curvado.
C’as perna sempre cambota,
Qu’elle endereita c’as bota...
É feio e desengraçado,
Mas pau torto é que dá mel!
(p.07)

O autor de *Puchirão do Gé Picaço* presume conhecer bem a vida do gaúcho fronteiriço e ter produção literária reconhecida sobre o assunto, mas vivendo naquele momento em Passo Fundo, teria se impressionado com o desconhecimento que o resto do país tem dela. “Quem por ahi alem sabe o que seja um puchirão?” (1925, p.08). Ou seja, para Almeida Junior, a identidade “gentílica” do passo-fundense deveria emergir dos traços predominantes do caboclo. Essa versão é sustentada atualmente por Tau Golin. Segundo o autor, o caboclo é o componente mais importante do povo passo-fundense, e “viria a se misturar em um outro processo de miscigenação com as correntes (i)migrantes somente no século XX” (2007, p. 04).

Ao contrário da posição pioneira de Lacerda de Almeida Junior, as obras que são mais consultadas, referidas e foram até reeditadas em 1990, em um compêndio de três volumes, são as do chamado “pai da história” do município, Francisco Antonino Xavier

⁹ Na época, década de 1920, a região onde se situa Passo Fundo compunha a grande região serrana, por denominação geográfica. Só mais tarde seria denominada Planalto Médio.

Oliveira. Seus escritos e pesquisas historiográficas mesclam-se com poemas que glorificam políticos rio-grandenses e brasileiros notáveis, como Getúlio Vargas e João Pessoa, e outros de caudos gauchescos, como o a seguir:

Naquele tempo remoto,
Que conheci *assinzinho*,
Gaúcho não se assustava
De barulho de caminho.

Fosse quem fosse o *taura*
Que o peito velho soltasse,
Mesmo ali no sofragante
Achava quem o topasse.

Peleias dessas havia,
Tão guapas, tão sacudidas,
Qu'entravam por noite a dentro
Sem ficarem decididas!

(XAVIER OLIVEIRA, 1990, p.127)

O passo-fundense passou a publicar poemas de cunho gauchesco na década de 1920, reunidos em obras como *Pelo Passado* e *Cartas Gaúchas*¹⁰. Fica evidente a disparidade entre Almeida Junior e Xavier Oliveira na escolha do tipo humano a ser tomado como referência gentílica. É relevante considerar que o segundo pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, que, para Eliane Cristina Deckmann Fleck (2006, p.274), consolidou o que se convencionou chamar de “historiografia tradicional gaúcha”, tributária, em grande medida, dos relatos inaugurais produzidos pelos cronistas do período colonial.

Com o Movimento Modernista (1922) e a Revolução de 1930, os intelectuais e, principalmente, os romancistas, são levados a definir a identidade do seu local de origem, bem como a representá-la no imaginário e na literatura nacional. “Foi quando o Rio Grande do Sul intensificou seu arsenal imagético, calcado no mito do gaúcho e das histórias da campanha” (MASINA, 2002, p.94). Os intelectuais poetas sul-rio-grandenses do *Partenon Literário* (1868), no rastro de *O Gaúcho* (1870) de José de Alencar, foram os primeiros que se empenharam em enaltecer a figura do ‘monarca das coxilhas’, expressão cunhada por

¹⁰ Ver: OLIVEIRA, 1990. V.III.

Apolinário Porto Alegre para identificar romântica e aristocraticamente a quem era visto como “anti-poético”, senão “escuso”, vivendo as durezas da realidade campeira (MARTINS, 2002, pp.236-237).

A seguir, em um quadro de crescente urbanização no Rio Grande do Sul, com notável transformação sócio-cultural, essa imagem do gaúcho continuou fascinando, alimentando o imaginário. Segundo Maria H. Martins, “altivez e valentia permanecem como atributos, decantados especialmente por meio de um aparato institucionalizado pelos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) desde a década de 1950” (Ibid, p.240).

A Revolução Farroupilha, assim como outras revoluções de menor duração, serve para justificar tal versão da história que contribui para a diferenciação do local perante o próprio país e as nações vizinhas. Para o discurso tradicionalista, tal revolução teria sido “um movimento libertário que, encabeçado pelas oligarquias locais, visava a estancar a sangria fiscal que os governantes do centro impunham ao Rio Grande” (MASINA, , p.94). Mas o município de Passo Fundo praticamente não teve participação na Revolução Farroupilha. Ney Possap D’avila escreveu que “durante o período farroupilha o povoado, que em alguns documentos aparece com o nome de Passo Fundo das Missões ou simplesmente ‘povoação das Missões’, estagnou e mesmo regrediu” (1996, p.81). Tal ressalva de regressão no desenvolvimento durante as guerras civis estaduais aparece também na obra de Ivaldino Tasca (2005, p.35). Mesmo assim, a cidade celebra a Revolução (1835-45), como todo o Estado, e encena a Batalha do Pulador, dita como uma das mais sangrentas da Revolução Federalista (1893-95), tema tratado no capítulo 2.

A historiografia do município apresenta diferentes casos de inserção do tradicionalismo. Em *Passo Fundo: sua história e evolução* (1983), de Marilda Kirst Parizzi, os CTGs e o projeto “Passo Fundo Tchê: cidade mais gaúcha do RS” são ressaltados como atrações turísticas do município. Também há uma poesia gauchesca e ao final um glossário de “vocabulário gauchesco”. A autora adota um conceito peculiar de “progresso”, repetido em sua obra de 1990, *Nossas raízes: folclore*, quando se propõe a “fazer um esboço de cultura autêntica, de seiva fecundadora de progresso” (1990, p.08). Nesse segundo livro, faz uma diferenciação entre folclore e tradicionalismo, e aborda a povoação do território da cidade, a Revolução Farroupilha, o gaúcho, costumes, artes e histórico dos CTGs. No final, têm-se um apanhado da instalação do MTG no município e

sobre a “tradição cultivada e desempenhada” através dele, ao lado de uma proposta metodológica para trabalhar o folclore nas escolas.

Na década de 1980, vivia-se o auge do movimento Nativista, com festivais de música sendo promovidos em todo o Estado, programas de rádio e televisão, todos engajados na recriação de uma identidade gauchesca (Jacks, 1998). É nessa época em que aparecem novos livros de poesia “gaúcha” na cidade, como o *Coletânea gauchesca: versos xucros* (1983, 3ed.), de João Pantaleão G. Leite, e *Querência* (1985), de Tenebro dos Santos Moura. Esse dedica seus versos à cidade:

Ao meu Passo Fundo, Tchê!
Gauchíssima cidade –
Onde a hospitalidade
Chegou e faz paradeiro!
A capital do Planalto
E do Tradicionalismo,
Manancial de nativismo
Do gaúcho brasileiro.
(1985, p.05)

Outro caso recente está no caderno especial do *Jornal Tropeiro dos Pampas*, “Páginas da nossa história”, de 2000. A edição mescla textos de diversos autores da cidade com poemas de Jayme Caetano Braun, natural das Missões, mas que fez sua carreira a partir de Porto Alegre. Em especial, o que ilustra a contracapa da publicação, intitulado “Passo Fundo”, inicia com os versos:

Povo heróico e legendário
Do mais nobre gauchismo
Palanque do nativismo
Encravado bem no fundo,
Mil glórias do novo mundo
Brotaram dos teus poteiros
E o Rio Grande andou de cueiros
Nos campos de Passo Fundo.
(TROPEIRO DOS PAMPAS, 2000, contracapa, s.n.)

1.2.2 Discurso constrói o mito

O discurso gauchesco, em prosa, na historiografia passo-fundense tem a pretensão de ser fundante na região. Um caso emblemático é o livro *Terra, gente e tradições gaúchas* (1992b) de Welci Nascimento, professor, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, membro da Academia Passo-fundense de Letras, que exerceu os cargos de Secretário Municipal de Educação e Delegado de Educação junto a 7ª Delegacia Estadual de Ensino. Seu livro é dividido em duas partes. A primeira trata da história do Rio Grande do Sul. A segunda, do CTG Lalau Miranda.

Na apresentação, o patrão¹¹ do CTG referido, Antônio Gasparetto, afirma que o autor tem “sido um dos peões da cultura do nosso CTG”, evidenciando a ligação do autor com o tradicionalismo e com a militância gauchesca. No prefácio, Augustinho Both corrobora, escrevendo que “Welci Nascimento é um professor tradicionalista, que consegue explicar com clareza a história gaúcha” (p.05).

Na primeira parte, a história do Rio Grande do Sul escrita por Nascimento é ilustrada por fotografias. Em uma delas, destaca-se um grupo de tradicionalistas. Na legenda, escreveu que “cessadas as lutas, a valentia do gaúcho virou tradição” (p.20). Em seguida, há um subcapítulo nominado “O gaúcho”, em que ele descreve a origem do tipo social, originário do pampa, da campanha. Ao discorrer sobre a valentia do gaúcho, cita o poeta Jaime Caetano Braun: “o Rio Grande do Sul é brasileiro por teimosia, foi por opção que escolhemos uma nacionalidade. Para isso foram necessários anos de combates” (p.26). O mesmo estilo foi seguido na publicação *Pica-paus e maragatos: por que brigaram tanto*, em que Welci Nascimento exaltou a figura do gaúcho como sendo guerreiro e cavaleiro (1993, p.07-08). Tais afirmações são opiniões do autor, fazendo de Passo Fundo a imagem refletida de outras regiões do estado, ou de imaginações, pois não as fundamenta em documentação.

Nesse caso, o agente historiador está engajado na reprodução de uma identidade, apontado por Ironita P. Machado (2001) como um caso comum, em sua dissertação de mestrado na UPF, sobre cultura historiográfica e identidade, onde reconheceu a proposição

¹¹ Na organização interna dos CTGs, o manual do MTG prevê a denominação de “patrão” ao coordenador geral das atividades do centro. As demais funções, semelhantes as de um clube social, também são denominadas com termos gauchescos, como capataz, agregado, etc.

de historiadores da região em constituir suas obras em lugar de memória. Assim, há a pretensa manutenção e reconhecimento da existência social de uma elite cultural, o que lhe confere laços de identidade.

Entendendo que a cultura historiográfica produzida no centro-norte do Planalto rio-grandense, fruto da construção de uma elite cultural composta por historiadores diletantes, representa a articulação entre poder e cultura na busca de uma identidade que dê unidade ao grupo social (MACHADO, 2001, p.58).

Segundo a autora, dentre as motivações para essas articulações estão: construir uma memória dos antepassados, subsidiar a ação de instituições de indivíduos da região e/ou município através do “conhecimento histórico” e datas “comemorativas” do município e/ou “fatos” históricos da região.

Machado concluiu que os autores, em sua maioria, são filiados a instituições de diversas especificidades, mas mantêm como traço comum as atividades ligadas a questões culturais (históricas, folclóricas, tradicionalistas, literárias), por possuírem uma representação social que, segundo ela, na prática, “não corresponde aos interesses de todos os indivíduos de uma coletividade” (p.44). Afirma também que a Academia Passo-Fundense de Letras (APL) integra o maior número de autores de livros de história, como concluímos na Tabela 2. Das 34 obras analisadas, 14 foram escritas por membros da Academia, um número expressivo, se comparado à UPF, que tem apenas cinco obras publicadas sobre a história de Passo Fundo, escritas por professores e/ou alunos seus até 2006.

Tabela 2 – Vínculos Institucionais

Intituição	Nº de obras publicadas por autores vinculados
UPF	5
Prefeitura Municipal	1
MTG	1
Grupo Pró Memória	1
IGTF	4

Cavaleiros do Mercosul	1
APL	14
UFSC	1
IHTRS	3
IHGRS	1
Diocese de Passo Fundo	1
Fundação Cultural Planalto	1
IHGPF	3
TOTAL	37

Francisco Falcon, tratando das relações entre história e poder na historiografia, afirma que há inúmeros mecanismos e artimanhas através dos quais o poder se manifesta na produção do conhecimento histórico, com pretensões de manter uma memória, mas que não são considerados muitas vezes como objeto.

Poder e política passam assim ao domínio das representações sociais e de suas conexões com as práticas sociais; coloca-se como prioritária a problemática do simbólico – simbolismo, formas simbólicas, mas sobretudo o *poder simbólico*, como em Bourdieu. O estudo do político vai compreender a partir daí não mais apenas a política em seu sentido tradicional mas, em nível das representações sociais ou coletivas, os imaginários sociais, a memória ou memórias coletivas, as mentalidades, bem como as diversas práticas discursivas associadas ao poder. (1997, p.76)

Assim como Falcon, proponho a interpretação da presença do discurso gauchesco na historiografia de Passo Fundo no plano simbólico, ancorado no pensamento de Pierre Bourdieu (1998, pp.108-120). Para ele, as lutas de identidade significam a disputa pelo monopólio da definição legítima das divisões do mundo social e pelo consenso sobre a unidade do grupo. Sendo assim, o discurso regionalista é performativo, pois quer impor como legítima uma delimitação de região particular. Mas sua eficácia é proporcional à autoridade de quem o enuncia, ao poder simbólico.

Sendo a Academia Passo-Fundense de Letras (APL) uma instituição fundada em 1938 que congrega nomes de expressividade social e carrega o status de “academia”, é evidente a legitimidade que construiu perante o poder público e o imaginário social. Pregar

o discurso gauchesco não está dentre os objetivos dessa instituição voltada às letras¹², mas é ação recorrente entre seus membros, conforme se constata nas principais publicações historiográficas do final do século XX e início do século XXI.

Para o teórico francês, a cultura está sujeita ao mercado dos bens simbólicos, que está dividido em diferentes campos relacionados. A grosso modo, Bourdieu afirma que um corresponde ao campo intelectual e artístico, propriamente cultural, e o outro ao campo econômico, político e religioso. Nos processos históricos pode-se identificar a predominância ou a autonomia de um sobre o outro, já que os valores propriamente culturais e mercantis coexistem. Mas a tendência do nosso tempo, onde a indústria cultural ocupa o segundo campo citado, é de determinação econômica e da lógica mercantil contemporânea, sobrepondo-se à criação artística (2005, pp. 99-104).

Baseado na concepção de Miguel Rojas Mix, posso afirmar que Passo Fundo tem como principal constituinte de sua identidade contemporânea o imaginário gauchesco, formulado e emitido como opinião, crença, valor, representação de mundo e código de confiança. Mas, segundo o historiador chileno, a opinião se situa do lado do verosímil e é preciso encontrar a falácia na análise do imaginário, pois “gran parte del conocimiento verosímil se construye como una falacia”¹³ (2006, p.470).

A tomada de posição dos intelectuais da APL está sujeita, de acordo com a teoria do mercado dos bens simbólicos de Bourdieu (2005), a um processo de autonomização, correlato à constituição de uma categoria socialmente distinta. Agrupados em uma academia, eles podem cada vez mais inclinar-se a levar em conta exclusivamente as regras firmadas pela tradição propriamente intelectual ou artística herdada de seus predecessores, que lhes fornece um ponto de partida ou um ponto de ruptura. Sua produção seria cada vez mais propensa a se libertar de toda e qualquer dependência social, seja das censuras morais e programas estéticos, “seja dos controles acadêmicos e das encomendas de um poder político propenso a tomar a arte como um instrumento de propaganda” (BOURDIEU, 2005, p.101). Mas como se constata neste estudo, a Academia Passo-Fundense de Letras não obtém muita autonomia, em seu processo produtivo. Em muitos casos, os seus membros

¹² “A Academia Passo-fundense de Letras destina-se a congregar, exclusivamente, os escritores de Passo Fundo, com finalidade primordial de auxiliá-los a desenvolver e expandir a cultura em todos os níveis do conhecimento humano” (NASCIMENTO, 1995, p.10)

¹³ Grande parte do conhecimento verossímil se constrói como uma falácia.

estão vinculados ao governo municipal ou a instituições tradicionalistas e atuam como intelectuais a serviço da representação local e do gauchismo.

Welci Nascimento, quando Secretário Municipal de Educação, em 1982, assinou a apresentação dos três volumes de *Passo Fundo através do tempo*, de Delma Rosendo Ghem, patrocinado pelo poder público. Ele escreveu que a prefeitura tinha o prazer de patrocinar mais aquela obra, “envolvendo fatos da nossa história, a formação deste torrão gaúcho fundado pelo heróico Fagundes dos Reis” (1982, apresentação do livro, s.n). Ele conferiu a autoridade necessária à obra através do seu cargo e emitiu o discurso gauchesco como sendo a sua definição do mundo social, conseqüentemente tornou-o “legítimo”. A autoridade desconheceu instâncias coletivas de apreciação e usou o poder personalista agregado ao seu grupo cultural. Nesses casos, também se confunde o papel desempenhado pelos produtores, já que são escritores e ao mesmo tempo compõem a elite política municipal. Observa-se, ainda, que ambos pertencem à APL, assim como outros sete escritores das obras analisadas¹⁴.

Tabulando os dados pesquisados nas obras analisadas, constatou-se que 10 livros obtiveram patrocínio do poder público (Prefeitura Municipal e/ou Câmara de Vereadores), contrastando com apenas 5 de empresas privadas, 2 de bancos e 3 de instituições de ensino e pesquisa¹⁵. Dentre esses 10, em seis livros foi identificado o discurso gauchesco, seja em forma de poesia ou no texto histórico¹⁶.

Tabela 3 – Patrocínios

Patrocinador	nº de obras patrocinadas
Bancos	2
Instituições de Ensino e Pesquisa	3
Prefeitura Municipal	10
Câmara de Vereadores	4
Empresas privadas	5

¹⁴ Ver Tabela 2, p.51-52.

¹⁵ Ver Tabela 3, p.54.

¹⁶ Ver Tabela 4, p.61.

Um caso de discurso gauchesco é o livro *Resgate da música gaúcha em Passo Fundo*, da tradicionalista Orfelina Vieira Melo. Nele, há predileção por um tipo específico de música, com ligações institucional-ideológicas. Ilustra essa posição a seguinte frase: “com toda certeza, que os CTGs desempenharam um papel fundamental na formação cívica, cultural e artística de várias gerações, desde a sua criação e afirmação” (1998, p.20). Essa é a opinião da autora, que critica outros estilos musicais. Ela participou do MTG desde criança, foi conselheira e, no início dos anos 1980, implantou o projeto Tradição e Folclore nas escolas do Município. Também publicou por mais de 10 anos a coluna semanal “Cultuando a Tradição”, no jornal O Nacional, e integrou o Grupo Chamamento do Pampa, promotor de festivais nativistas (ÁGUA DA FONTE, abr. 2006.)

Outro caso de instrumentalização da memória para fins ideológicos está na publicação póstuma de um panfleto contendo texto do ex-Intendente Municipal de Passo Fundo, falecido em 1996, Arthur Ferreira Filho (1899), que escreveu diversas obras sobre a história do Rio Grande do Sul. Na Semana Farroupilha de 2001, foi impresso e distribuído *O decênio heróico*, pela Fundação Cultural Planalto. Nos agradecimentos, Daltro José Wesp, superintendente da instituição, agradeceu aos que elaboraram e apoiaram a publicação, entre eles, a Prefeitura, a Câmara Municipal e empresas privadas. Também fez menção ao reconhecimento de todos os que iriam utilizar o material “para engrandecer a cultura gaúcha e compreender o fato histórico da Revolução Farroupilha, epopéia que fundamenta nosso Tradicionalismo” (2001, p.03).

A Fundação Cultural Planalto de Passo Fundo coordena as rádios Planalto AM e FM (esta com programação “100% gaúcha”) e a revista Somando, propriedades da Diocese. No texto constam os objetivos da publicação referida:

[...] a Fundação Cultural Planalto de Passo Fundo resgata importante narrativa do processo histórico que edificou a terra gaúcha. As gerações que sucedem os Farroupilhas saberão, assim, que o chão que hoje pisam registrou feitos gloriosos, dignificantes para a história da humanidade. Os professores e demais incentivadores do conhecimento histórico e cultural do povo gaúcho encontrarão aqui valorosas informações que auxiliarão na capacitação cultural de nossos jovens (2001, p.07).

Na introdução, sem autor, consta que Arthur Ferreira Filho foi “homem culto e altivo, descendente dos troncos originais que formam a raça gaúcha”¹⁷. Além de ter sido “guerreiro quando necessário” e ter “autoridade suficiente para relatar fatos como os atos heróicos de Bento Gonçalves para com seus inimigos no findar das batalhas” (2001, p.05).

A escolha de Ferreira Filho foi de encontro aos objetivos propostos, pois obras como *História geral do Rio Grande do Sul* (1958), do autor, são ilustrativas de uma tendência da historiografia oficial que reforçou a heroicidade dos rio-grandenses, forjada pela contingência histórica impositiva e pelo meio fronteiriço. Seguindo essa tendência – de ressaltar a influência do meio fronteiriço sobre o caráter -, “o gaúcho que lutou pela causa de Portugal no período colonial e pelo Brasil no período imperial foi elevado à condição de herói...” (FLECK, 2006, p.275). Nota-se que essa é a base do discurso gauchesco.

Um dos principais memorialistas passo-fundenses é Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, tradicionalista, integrante do CTG Lalau Miranda e atuante desde a década de 1980. Em *Formação do Gaúcho* (1982), ele pretende narrar a ocupação do território de Passo Fundo. Entretanto limita sua origem na redução missioneira de Santa Tereza, destruída pelos bandeirantes em 1637. Reconhece que o paulista há muito já conhecia detalhadamente a região e admite ter certa “aversão” aos “descobridores e povoadores”. Em seguida, afirma que a povoação do Rio Grande começa, portanto, quase ao mesmo tempo pelo litoral e com a penetração nos campos de Vacaria até Mato Castelhano: “Sempre por varões ilustres e honrados que influirão decisivamente na nobreza do caráter do gaúcho rio-grandense” (1982, p.37). Assim, o autor desconsidera 12 mil anos de história indígena, integrada ao modo de vida da região. Para Arno Kern, a história tradicional ignorou sempre, sob as mais variadas explicações, “o genocídio praticado indiscriminadamente contra as culturas indígenas que povoaram nosso estado e a região platina na qual ele se insere” (1997, pp.10-11). Oculta-se desta forma a existência anterior à “história lusa”, de coletores, caçadores, pescadores e horticultores.

Fonseca reforça uma tese de diferenciação entre o “brasileiro” e o “gaúcho”. Defende que a formação do segundo continua através do tempo, “evoluindo sempre” e

¹⁷ O fato de visualizar uma “raça gaúcha”, por si demonstra o sério problema colocado ao conhecimento. De acordo com Tau Golin, o Rio Grande do Sul não pode ser considerado como o lugar de uma etnia. “Não se pode enquadrá-lo em uma ‘base biológica’ de características raciais homogêneas. É uma região mestiça e multiétnica” (2004, pp.46-47).

influenciando todas as culturas que com ele entram em contato. Sua justificativa ampara-se na primeira lei sociológica emitida por Jorge Salis Goulart, segundo a qual, quando as forças sociais ou raciais atuam no mesmo sentido que as possibilidades geográficas, a sua influência se torna real e máxima.

Aí está uma das fortes razões que explicam o porque tudo o que vem para o Rio Grande acaba se tornando gaúcho espiritualmente. Essa cultura tradicional, que é a linha espiritual do povo, logo absorve para os que aqui vêm. E hoje desde a cúpula do Tradicionalismo gaúcho até o mais humilde peão de CTG, vamos encontrar os descendentes dos imigrantes que vieram enriquecer a nossa pátria, com suas famílias e com seu trabalho, únicas riquezas que realmente contam na grandeza de uma nação (p.42).

Outra hipótese sustentada pelo autor é de que os povoadores da região serrana (que inclui Passo Fundo) não gostavam dos fronteiristas: “tipos brigões, gritões, pouco submissos ou até mesmo indisciplinados, debochados, com a mania de resolver os problemas campeiros a pata de cavalo, tiro de laço e a boleadeiras” (p.45) . Mesmo assim, os serranos, segundo ele, tinham que tê-los como peões, caso contrário não teriam domadores, homens campeiros, tropeiros capazes. Então, iam se “agauchando”, apesar de não terem participado da luta fronteira durante a formação do Rio Grande.

No mesmo livro, ao tratar do homem serrano, Fonseca descreveu que ele veio com a família, escravos, escravas, agregados e parentes, que recebiam dele um pedaço de terra para se arrancar, mas que ficavam economicamente dependentes do patriarca que havia recebido a sesmaria. Estes ajudavam nas lidas do campo e eram os homens de confiança para comprar tropas de invernar. Segundo Fonseca, essa era uma garantia na defesa “contra o índio hostil” (p.46), pois acompanharam os senhores de sesmarias nas lutas armadas e revoluções.

Percebe-se no texto de Pedro Ari Veríssimo da Fonseca a mesma ambivalência do termo “gaúcho” do livro de Ney Possap D’Avila. Ora serve de termo gentílico, usado para designar a população originária de uma miscigenação no Rio Grande do Sul nos séculos XVIII e XIX; ora é usado para designar um tipo sócio-cultural extinto.

Para Tau Golin, a historiografia que trata do noroeste e do norte do Estado e suas populações atuais construíram mitos fundadores sobre a invenção de uma terra-de-ninguém, com pouco conflito interétnico. A memória regional reconstruiu um imaginário baseado no avanço demográfico tropeirista, caboclos ervateiros e organização de fazendas.

Esse processo *natural* e cirurgante colocou um amortecedor na história. Dessa forma, Passo Fundo, como o lugar estratégico de penetração nos matos Castelhana e Português, tem diluído a sua importância estratégica de ocupação interna e de intrusão de populações adstritas ao Brasil-nação na fronteira litigiosa com a Argentina. Entretanto, essa operação ideológico-simbólica foi necessária para não comprometer a gênese étnica do município (GOLIN, 2006, p.517)

Nota-se em *Formação do Gaúcho* essa versão historiográfica, analisada por Golin, quando Fonseca afirma que “este homem aqui chegando encontrou uma terra de liberdade [...] onde o único monarca era ele próprio”. Ou que o gaúcho teve que sair da casa grande e entrar no galpão – “legítimo templo da democracia crioula”. Assim teria modificado e moldado o caráter do nativo e o seu próprio, formando um novo tipo de gaúcho, com o espírito de liberdade de um e a disciplina do outro. Na visão de Fonseca, “o povoador da província não teve escravos, embora os tenha trazido – e sim companheiros de trabalhos e lutas” (1982, p.47).

Em pesquisa de pós-graduação na UPF, Henrique Kujawa escreveu que o mito da *democracia racial* que paira sobre a historiografia gaúcha busca demonstrar que no sul o escravo foi pouco utilizado e, quando foi, era bem tratado, considerado um igual, que convivia com o gaúcho, tomava chimarrão no mesmo galpão e na mesma cuia. “Sabe-se que isso constitui uma falácia já que o Rio Grande do Sul, e também Passo Fundo, utilizou-se largamente do escravo, que sempre foi submetido ao trabalho forçado [...]” (1998, p.58-59).

Para o antropólogo Oliven, o argumento de que no Rio Grande do Sul a vida dos escravos era amena quando comparada com a existente em outros lugares repousa numa confusão entre o escravo das estâncias (que estava presente no estado desde sua colonização) e o escravo das charqueadas. “Se as condições de vida dos escravos nas

estâncias foram consideradas boas por uma série de viajantes estrangeiros, as charqueadas eram caracterizadas pela extrema desumanidade, o que é atestado em vários relatos” (2006, p.69).

No final do livro, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca faz um discurso panfletário, considerando interessante o fenômeno em Passo Fundo, onde o movimento em prol da cultura gaúcha teria partido dos CTGs, atingido o empresariado, mas não teria conseguido atingir o universitário. “Este se mantém alienado de suas raízes culturais. Não pode produzir porque não tem raízes e não se alimenta do HUMUS da tradição que lhe diz respeito” (op. cit. p.209). Ou, seja, para o autor, a universidade deveria ser local de devoção gauchesca, não de pesquisa metodológica; de diletantismo, não de estudo.

Outra publicação de Fonseca é *Tropeiros de mula*, que teve sua segunda edição em 2004. O livro é ilustrado com fotografias atuais, mostrando ex-tropeiros, muitos hoje tradicionalistas, montados em cavalos, “mateando”, picando fumo, encilhando. Há também fotos antigas, mas sem referência de data e local, e desenhos do artista Otelo, o mesmo ilustrador de *Formação do Gaúcho*, sobre lides campeiras. Na obra, ele abre espaço para outro autor, com a seguinte explicação:

Desejei ouvir um tropeiro de mula arriada de outra região. Foi fácil. Conversando com o meu companheiro do Conselho Consultivo do IGTF, Clóvis Pradel Pinheiro, ele me informou que terra de tropeirismo foi Caxias do Sul e São Francisco de Paula. Prontificou-se a me auxiliar. O Clóvis pertence ao Piquete da Cultura do CTG Rincão da Lealdade de Caxias do Sul. Fez uma pesquisa mui linda, como manda a ciência (*sic*) do folclore e por tal motivo eu vou publicá-la como me chegou às mãos (2004, p.89).

Nota-se nesse trecho a vinculação direta com o Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, bem como a tendência metodológica dos autores, preferindo um estudo “folclórico” ao histórico, em favor do memorialismo tradicionalista¹⁸. Tal versão reúne tropeiros, homens a cavalo e do campo e tradicionalismo citadino em um mesmo imaginário, como descendentes do mito fundador do gaúcho. Cabe comentar que, ao contrário do que Fonseca afirmou no trecho reproduzido acima, folclore não é ciência, é disciplina.

¹⁸ Ver Capítulo 3.2.

Uma hipótese investigada e corroborada nesta pesquisa é de que possivelmente os movimentos culturais que ocorreram no Rio Grande do Sul no século XX, da literatura, do tradicionalismo e do nativismo, tenham influenciado a historiografia de Passo Fundo na construção do mito do gaúcho, associado à cultura da cidade. Ou seja, o “gaúcho” de Passo Fundo decorre de um processo cultural urbano contemporâneo e não da história constituinte da região.

Através da poesia, o regionalismo já permeava a historiografia, durante todo o século XX. Mas foi nos anos 1980, talvez no embalo do Movimento Nativista, que os escritores “reforçaram” uma vinculação entre gauchismo e a história de Passo Fundo. O fenômeno seguiu intenso nos anos 1990 e ainda no século XXI, concomitante e contraditório com a produção acadêmica na universidade.

No final do século XX, com o desenvolvimento da pós-graduação em História na UPF, começam a aparecer pesquisas acadêmicas. Astor Antônio Diehl reconhece, na introdução de *Passo Fundo: uma história, várias questões*, que as histórias municipais eram monopolizadas pelos próprios historiadores locais, “que, em nome desse conhecimento, resguardam de forma tradicional a memória desse passado, dando-lhes o status de memória exclusiva” (1998, p.48).

Entretanto, é necessário refletir que o livro de Lacerda de Almeida Junior, *O puchirão de Gé Picaço*, com a identificação do tipo popular de Passo Fundo (o caboclo), publicado na década de 1920, não se tornou referência cultural para o município como seu contemporâneo Antonino Xavier Oliveira, cujas obras enaltecem o gaúcho “mitologizado”.

Tal processo fica evidente com a tabulação das obras. Do número total de livros analisados (29), 11 apresentam discurso gauchesco evidente em forma de prosa, 04 tem poesia gauchesca inserida e em 14 não foi percebido o discurso gauchesco. Ou seja, mais da metade, no período de um século, tem vinculação estreita com a identidade gauchesca, em uma região em que o tipo-social do gaúcho é altamente questionável.

Tabela 4 – Discurso Gauchesco

Discurso gauchesco	nº de Obras
Evidente em poesia	4
Evidente em prosa	11
Não percebido	14
TOTAL	29

Talvez como resultado dessa produção historiográfica, os eventos culturais promovidos na cidade a partir da segunda metade do século XX também enaltecem o gauchismo e cultuam o tradicionalismo, com a participação do poder público. As encenações e festividades, como Mostra da Cultura Gaúcha e Festival Internacional de Folclore, invariavelmente baseiam-se na historiografia aqui analisada, assim como muitos professores do ensino fundamental e médio¹⁹. Tal constatação faz crer no papel determinante dos agentes historiadores na construção do imaginário social do “gaúcho de Passo Fundo”, uma “ilusão muito bem fundamentada”, como escreveu Bourdieu, e muito bem divulgada, como fez Teixeira, com música e filme de mesmo título.

Dessa forma, a distorção se dá em duas dimensões. Além da ausência do tipo gentílico gaúcho em Passo Fundo, a sua recriação ilude a compreensão do tipo histórico. Como escreveu León Pomer, há um processo que representou as “duas mortes do gaúcho”. “A primeira perpetrada pela negação de sua historicidade; a segunda, na sua conversão bufânica para idolatrias carnavalescas” (POMER apud GOLIN, 2007, p.06).

Tabela 5 – Editoras

Editora	Número de obras por editora
Berthier	12
Ediupf	5
Aldeia Sul	2

¹⁹ Algumas escolas de Passo Fundo mantêm atividades gauchescas, “invernadas artísticas”, em parceria com CTGs. Ver GOLIN, 2004, p.39.

Sem editora	1
Clio	1
Diário da Manhã	2
Tropeiro dos Pampas	1
EST	1
São Cristóvão	1
Fundação Cultural Planalto	1
Livraria Nacional	1
Martins Livreiro	1
Méritos	1
TOTAL	30

1.3 Programa Tradição e Folclore nas Escolas

A legitimação do gauchismo, nesta perspectiva bourdiesiana, também ocorre no ambiente escolar em Passo Fundo. Na escola, um dos campos da cultura, onde se consagram versões históricas, o gauchismo garante ampla representação ao ter os livros de memorialistas como fonte para o Ensino Fundamental e ao se transformar em referência local para atividades festivas e culturais.

Como ilustração da dinâmica decorrente do processo de legitimação do gauchismo na educação passo-fundense, analiso o Projeto de Lei Nº 092/92, que “cria o programa permanente de fomento à tradição e folclore junto à Secretaria Municipal de Educação”, de 11 de setembro de 1992, encaminhado pelo poder executivo, na primeira gestão de Airton Dipp.

No artigo primeiro, consta que o objetivo do programa é “despertar nos alunos o gosto pelo folclore, conhecendo, valorizando e vivenciando o folclore rio-grandense, nas suas diversas manifestações”. A lei previa que o programa seria desenvolvido em todas as escolas municipais, através de “danças folclóricas, fandango gaúcho, interpretação de poesias e de declamações, iniciação ao movimento tradicionalista gaúcho com embasamento literário, formação de invernadas artísticas e cursos anuais com premiação” (p.04). O programa seria acompanhado sistematicamente, “visando avaliar o crescimento

cultural do alunado” e as despesas decorrentes seriam por conta da Secretaria Municipal de Educação.

O projeto não continha uma programação descrita, deixando vaga a compreensão das atividades a serem realizadas. Mas é significativo que a motivação deste se deu em função da Lei Orgânica de 1990, pois no artigo 221, inciso 2, consta que “O Município, através da Secretária de Educação, proporcionará meios para fomentar a tradição e o folclore” (PASSO FUNDO, 1990).

Listam-se 15 escolas onde atividades com o mesmo objetivo já estariam sendo realizadas, de, entre outros, “divulgar as fontes multiformes das raízes culturais do nosso povo e as maneiras de expressão regional”. Ao mesmo tempo, o projeto da Secretaria de Educação aponta “necessidade de participação de alunos no Movimento Tradicionalista nas Escolas e nos Centros de Tradições Gaúchas”, o que pode ser interpretado como uma imposição político-cultural, dentro das lutas simbólicas compartimentadas no município.

Em todas as instâncias de análise na Câmara de Vereadores, o projeto obteve parecer favorável. Na Comissão de Educação e Bem Estar Social, sugeriu-se duas emendas. Em uma delas, previa-se convênio com a Universidade de Passo Fundo, para treinamento dos professores que iriam desenvolver as atividades nas escolas. A lei foi aprovada pela Câmara com as emendas.

Os desdobramentos deste projeto de lei podem ser medidos pela repercussão que têm no início do século XXI as atividades gauchescas promovidas em escolas de Passo Fundo. O Programa Tradição e Folclore nas Escolas foi um marco legitimador desse tipo de prática pedagógica, autorizando os professores a promoverem anualmente, durante a Semana Farroupilha, o gauchismo como cultura representativa regional.

Na Semana Farroupilha de 2006, o Colégio Marista Conceição (privado) promoveu atividades relacionadas ao tradicionalismo para seus alunos, “no intuito de preservar o folclore do Rio Grande do Sul” (O NACIONAL, 16 e 17 set. 2006, p.02). Durante aquela semana, os estudantes foram incentivados a usar indumentária gaúcha a participar de tertúlias e cafés de chaleira. Em reportagem sobre as festividades, escreveu-se que “as crianças do Ensino Fundamental aprendem os verdadeiros valores da cultura do Rio Grande do Sul”.

O Instituto Estadual Cecy Leite Costa (estadual) também promoveu celebração gauchesca e teve repercussão na mídia. No jornal Diário da Manhã do dia 19 de setembro de 2006, na página 02, foi publicada uma fotografia dos professores que organizaram uma programação em um galpão dentro da escola.

Nestes exemplos percebe-se a conjugação entre escola e mídia, sugerindo que o gauchismo tenha obtido um grau elevado de consagração nos campos culturais de Passo Fundo.

2 A POLÍTICA CULTURAL DE UMA CIDADE ARTIFICIAL

Entre 1988 e 1992, Passo Fundo perdeu mais de 60% das áreas produtivas no setor primário, com as emancipações de Ernestina, Pontão, Coxilha, Mato Castelhana e parte de Gentil. Ao mesmo tempo, perdeu população na zona rural e ganhou na zona urbana. Este foi o quadro geo-político em que o governo do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), com Osvaldo Gomes e Júlio Teixeira, atuou a partir de 1992. Foi investido “em infra-estrutura, pavimentação e canalização de ruas e bairros, além do apoio à cultura e à educação, através, especialmente, da Jornada Nacional de Literatura e do Festival Internacional do Folclore”, evento, este último, caracterizado por promover o gauchismo (CANTÚ; AMBROS; SIQUEIRA, 1998, p.132). Nessa gestão a promoção do Rodeio Internacional foi fortalecida e pela primeira vez realizou-se a Mostra da Cultura Gaúcha, um desfile gauchesco adaptado das escolas de samba. Em maio de 1995, realizou-se o I Fórum de Municipalização do Turismo, quando se voltaram as atenções e os discursos para o gauchismo, como forma de desenvolver a cidade.

Esse processo de divisão territorial, com emancipação de municípios no Rio Grande do Sul a partir de 1988, resultou em maior responsabilidade político-administrativa. Os governantes tiveram que repensar as cidades, com suas novas dimensões e recortes de populações, ao mesmo tempo em que o mundo se “abria” com a globalização e “invadia” o cotidiano das pessoas através da tecnologia, principalmente de comunicação.

No final da década de 1980, com a redemocratização da política brasileira, após longo período de ditadura militar, houve uma redefinição do papel institucional dos diversos níveis de poder, o que inclui o dos municípios. A promulgação da Constituição Federal de 1988 atribuiu aos estados a competência de legislar sobre as emancipações, concedendo maior autonomia local. Analisando esse evento, pesquisadoras da Universidade de Passo Fundo concluíram que “foi com esta legislação que se consolidou a

descentralização fiscal assegurando transferências fiscais aos municípios, estimulando o processo emancipacionista” (FIOREZE, BITENCOURT, JORGE, 2007, p.114).

O Rio Grande do Sul foi o estado brasileiro que teve maior número de emancipações. Entre 1988 e 2000, foram criados 253 novos municípios. A dinâmica sofrida pelo território passo-fundense foi radical. A partir de 1950, com a introdução da cultura da soja no campo, o êxodo rural se acentuou. É nesse período que ocorreu uma primeira fase de formação de novos municípios no estado em um ritmo acelerado, para uma posterior estagnação do processo durante o militarismo. Passo Fundo teve seu território inalterado durante 23 anos, até que em 1992, ocorreram as últimas emancipações, supracitadas.

Neste contexto, a questão da identidade local foi reposta. Com a redução da arrecadação advinda da agricultura, Passo Fundo obrigou-se a se voltar a suas outras vocações, como o comércio e os serviços. Neste processo de enfraquecimento político-econômico, a questão cultural ficou latente, como demonstra o fenômeno dos novos eventos gauchescos. O surgimento da Mostra da Cultura Gaúcha, do Festival Internacional de Folclore e também o retorno do Festival Chamamento do Pampa coincidem com este enxugamento territorial, ao mesmo tempo em que o poder público começou a destinar verbas a suas promoções, em uma dinâmica de fortalecimento da identidade gauchesca introduzida e recriada como local.

Analisando o movimento populacional na região de Passo Fundo de 1950 a 1991, um grupo de pesquisadores da Universidade de Passo Fundo percebeu uma crescente urbanização, análoga ao que aconteceu em todo o Estado no mesmo período (DAL MORO; KALIL; TEDESCO, 1998, p.61). Conforme dados do IBGE, no ano de 1950 havia 101.887 habitantes, sendo apenas 31.229 residentes em área urbana. Em 1980, a mudança foi radical. Em uma população de 121.156 habitantes, 105.468 passaram a habitar a área urbana. Este é o quadro social-demográfico da época em que foi aprovado o projeto “Passo Fundo, Tchê!”, quando havia sete CTGs na cidade.

Já em 1991, dos 147.239 habitantes, 137.216 viviam na zona urbana. É um quadro de abandono crescente do campo, que teve em 1995 mais uma ação no sentido de desenvolver a cidade a partir, paradoxalmente, da exploração turística de uma questão cultural transplantada de inspiração rural, o gauchismo.

2.1 Passo Fundo, Tchê!

Na década de 1980, surgiu a Câmara da Indústria, Comércio, Agropecuária e Serviços de Passo Fundo – CICASP, com o objetivo de possibilitar “a solução de vários problemas que entravavam o desenvolvimento de Passo Fundo e região” (CANTÚ; AMBROS; SIQUEIRA, 1998, p.129). Foi justamente da CICASP que partiu a iniciativa e elaboração do projeto turístico “Passo Fundo, Tchê! A mais gaúcha cidade do Rio Grande do Sul”, oficializado em 04 de novembro de 1980 pela Câmara de Vereadores, na Lei nº 57/80, um marco na política cultural local.

O projeto de lei foi apresentado em 13 de outubro de 1980 pelo vereador Wilson Corrêa Garay (PTB), advogado e funcionário público, baseado no texto da CICASP, de autoria do jornalista, cartunista e publicitário, Walmor Palma. O autor possuía uma agência de publicidade que, ao confeccionar adesivos, flâmulas, chaveiros, camisetas, enfrentava a dificuldade de representar Passo Fundo através de um desenho.

Seus clientes insistiam para que ele encontrasse alguma coisa. Mas, como fazer isso, se P. Fundo não tem nada de especial? Não se destaca dos demais municípios em nada? Nem mesmo no que diz respeito a sua paisagem que é uma paisagem comum? (PROJETO DE LEI Nº 57/80, p.05)

Tal premissa é apresentada como justificativa do projeto de lei, assim como a “apatia” dos setores empresariais e governamentais, que estariam, segundo o vereador, permitindo que outros municípios de menor população e expressão andassem a frente de Passo Fundo. Para Walmor Palma, uma das poucas maneiras para conseguir desenvolver um município nas condições tão comuns como o de Passo Fundo era o turismo, apesar de ter ressaltado que a cidade não teria nada a oferecer, ou a ser explorado no campo turístico. A solução para o comunicólogo seria criar um ambiente artificial.

Essa é uma tendência do turismo de massas do final do século XX, baseando-se na idéia de que tal atividade pode transformar as economias locais, explorando-se todos os recursos, naturais, culturais e históricos. Mas segundo Margarita Barreto, essa opção pode

levar à degradação de alguns lugares em diversos níveis e aspectos (2000, p.30). Um desses aspectos, estudados por diversos pesquisadores europeus, é o impacto cultural, quando o turismo reduz os povos e sua cultura a objetos de consumo e ocasiona desajustes na sociedade receptora, que adapta-se culturalmente para receber visitantes e explorá-los comercialmente.

Tal impacto cultural pode ser imaginado ao elencar as sugestões do projeto “Passo Fundo, Tchê!”. Dentre os 24 tópicos estavam o maior desenvolvimento do trabalho da Prefeitura Municipal na área de turismo e cultura, e colocação de placas, decorações e monumentos na cidade com motivos gauchescos, contando com o apoio da iniciativa privada. Outra sugestão era uniformizar os servidores municipais com trajes típicos (pilchas), adaptados para as diferentes funções, bem como na iniciativa privada e nas escolas municipais. O pilchamento nos eventos vem desse tipo de orientação.

Outro objetivo era incentivar a criação de lojas especializadas na fabricação de artigos gauchescos, tais como chapéus, souvenirs, arreios, cutelaria, além de erva-mate e charque. Churrascarias também seriam incentivadas. Segundo o projeto, através da fabricação de móveis de madeira, Passo Fundo poderia ditar moda fabricando móveis “ao estilo P.Fundo, Tchê!”, assim como no vestuário (1980, p.14). Deduz-se que se pretendia uma total revolução na sociedade passo-fundense, em função do objetivo turístico, agauchando-a artificialmente.

Constam no texto algumas empresas que na época já tinham aderido ao *slogan* “Passo Fundo, Tchê!, a mais gaúcha cidade do Rio Grande do Sul”, imprimindo material promocional com a frase, e outras que estavam usando motivos *gauches* como tema em suas publicidades, como o Comercial Grazziotin com “A Maior Liquidação dos Pampas”²⁰ e o mascote Grazzito, um gauchinho; assim como o Supermercado Zaffari, simbolizado na logomarca por outro gauchinho. Em comercial de TV, as empresas Maggi de Cesaro e Bernardon são citadas como exemplos de publicidade gauchesca.

Mais uma prova que os passo-fundenses em sua maioria gostariam que Passo Fundo realmente fosse transformada numa cidade gauchesca é o carinho e o respeito que sempre devotaram ao sr. Vitor Mateus Teixeira, popular Teixeirainha. E a pronta aceitação e até mesmo satisfação pelo quadro humorístico em que o sr. Chico Anísio representa a famosa ‘Salomé’ de Passo Fundo, Tchê! (PROJETO DE LEI N° 57/80, p.23).

²⁰ Apenas para destacar a confusão geográfica e o domínio do imaginário: Passo Fundo situa-se no Planalto Médio, a cerca de 400km do pampa sul-rio-grandense.

A idéia desse projeto turístico partiu do *slogan* que deu nome à lei, criado por Palma para o concurso público promovido pelo governo de Edú Villa de Azambuja (1973-1977) a fim de escolher um *slogan* oficial que acompanhasse o nome da cidade. Na época, a comissão julgadora escolheu a frase “Passo Fundo, Passo Firme Para o Progresso”, mas , segundo o publicitário Palma, não teve muito efeito, porque era mais do tipo comercial e não promocional. Sentindo que a frase “Passo Fundo, Passo Firme para o Progresso” não atingia os objetivos desejados, o prefeito procurou Wolmar Palma a fim de confeccionar adesivos com a frase “Passo Fundo, Tchê!”.

Como dizíamos, esse slogan P.Fundo, Tchê! teve tal aceitação que logo começou a ser usado das mais variadas maneiras, em chaveiros, adesivos, flâmulas, bonés, camisetas, facas, cartões de apresentação, talonários de firmas e em muitas outras coisas.

Logo fábricas de brindes de outras cidades, diga-se, com muito oportunismo, passaram a fabricar e confeccionar os mais variados tipos de brindes que foram sempre muito bem aceitos, pelo comércio, indústria, sociedade, em fim, pelo povo em geral.

Esse fato veio comprovar ao Palma que os passo-fundenses de um modo geral, gostam e cultuam o chamado tradicionalismo, o folclore e suas coisas.

Vai daí, - diz o Palma – nasceu então a idéia de transformar Passo Fundo numa cidade gauchesca ou seja: a idéia de transformar Passo Fundo ‘Na Mais Gaúcha Cidade do Rio Grande do Sul’, uma cidade TURÍSTICA! (p.09)

Uma comprovação da pronta aceitação dessa idéia, conforme o autor, era o fato de além dos sete CTGs já existentes, existirem na cidade empresas que teriam aderido antecipadamente ao projeto, pelo simples fato de terem nomes como por exemplo: Gaúcha Madeireira, Cine Teatro Pampa, TV Umbú, Churrascaria Gaúcha. Mesmo assim, para transformar Passo Fundo na “Mais Gaúcha Cidade do Rio Grande do Sul”, era necessário que os dirigentes do município se propusessem a isso, arcando com boa parte da verba e incentivando o comércio, a indústria, os passo-fundenses em geral, a arcarem com a maior parte. Projeto dessa natureza acabaria com a “apatia existente nos vários setores de atividade e abriria para todos novas perspectivas, novas metas e canalizaria para Passo Fundo novas divisas” (p.09-10).

Observa-se que as justificativas do autor do projeto baseiam-se principalmente em um aspecto cultural-imagético. Não se percebe no texto do projeto recursos e ações concretas, estruturais, pré-existentes, no âmbito econômico e social, no sentido de

transformar a cidade em pólo turístico²¹. É relevante, assim, considerar que se vivia o auge do movimento Nativista nas décadas de 1970 e 1980, que incentivou ampla identificação com o gauchismo em todo o estado²². Não existe, portanto, originalidade. O projeto apenas se inseriu naquilo que o comércio denomina de “oportunidade”. Além disso, outras cidades reivindicavam o mesmo título.

O objetivo seria “criar um ambiente gauchesco”. Para tanto, sugere-se ainda outras ações que visam atrair turistas, como a construção de biblioteca, museu, mini-fazenda e parque de exposições especializados em gauchismo, além de promover teatro, feiras de artesanato, rodeios crioulos, festivais musicais, a exemplo da Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana (grande impulsionadora do Nativismo). Uma sugestão que merece destaque é a adaptação de uma igreja para transformar-se em “templo crioulo”. O carnaval e as festas natalinas também poderiam ser adaptados, com intuito semelhante.

Quanto a esse tipo de “atrações turísticas”, Silvana Miceli de Araújo escreveu que elas exemplificam a dimensão de irrealidade do mundo turístico. “Tudo pode ser tratado turisticamente, como elemento de algo representado, encenado para turista ver, produzindo assim a materialização do ‘pseudo-evento/realidade’” (2001, p.58). Portanto, a lógica do turismo não requer fidelidade para com a história e a cultura locais, o que fica evidente no caso gauchesco em Passo Fundo. As conseqüências desse processo devem inclusive fazer refém o sistema de ensino.

Em *Culturas Híbridas*, Néstor Garcia Canclini escreveu sobre a “teatralização do poder” e ritualização cultural. Segundo o autor, para que as tradições sirvam hoje de legitimação para aqueles que as construíram ou se apropriaram delas, é necessário colocá-las em cena. “O patrimônio existe como força política na medida em que é teatralizado: em comemorações, monumentos e museus” (2000, p.162).

Mas a teatralização do patrimônio é o esforço para simular que há uma origem, uma substância fundadora, em relação à qual deveria-se atuar hoje, o que é a base das políticas culturais autoritárias.

²¹ Apenas 12 anos depois, a partir de 1992, seriam realizados eventos periódicos em torno do gauchismo em Passo Fundo, como o Festival Internacional de Folclore, que movimentam bianualmente a economia e a sociedade do município.

²² Ver: JACKS, 2003a.

O mundo é um palco, mas o que deve ser representado já está prescrito. As práticas e os objetos valiosos se encontram catalogados em um repertório fixo. Ser culto implica conhecer esse repertório de bens simbólicos e intervir corretamente nos rituais que o reproduzem. Por isso as noções de coleção e ritual são fundamentais para desmontar vínculos entre cultura e poder (GARCIA CANCLINI, 2000, p.162).

Apesar disso, o fundamento desse tipo de projeto gauchesco, como o “Passo Fundo, Tchê!”, se resume na pregação de que há uma coincidência ontológica entre realidade e representação, entre a sociedade e as coleções de símbolos que a representam. “A política autoritária é um teatro monótono. As relações entre governo e povo consistem na encenação do que se supõe ser o patrimônio definitivo da nação” (p.163).

Assim, o gauchismo e a teatralização do poder são utilizados para contribuir no sucesso do processo turístico. Mas requer um mínimo de consistência identificatória, como Rudimar Baldissera explica:

De modo semelhante ao da construção da identidade individual, a cultural elabora para si mesma uma narrativa coerente, linear, una e coesa, procurando diluir/neutralizar a diversidade de fragmentos e possíveis identificações articuladas em seu âmago. Trata-se de um processo de naturalização da representação simbólica. Mediante mecanismos próprios, tais como os esquecimentos, os apagamentos, os mitos e os rituais, elimina as descontinuidades, a desordem e as contradições, e reveste-se com a plasticidade da continuidade, da coerência e da ordem (2006, p.95).

Na tentativa de assegurar o sucesso de tal empreitada turística, em 17 de novembro de 1980, a Câmara de Vereadores aprovou em plenário a redação original do projeto “Passo Fundo, Tchê!” e encaminhou para sanção da Prefeitura. Assinaram os vereadores Hildo Wollmann (presidente), Anael Portella (relator), Ivo Pacheco, Delmo Alves Xavier e Wilson Garay.

Em 21 de novembro, o vereador Argeu Santarém apresentou uma emenda pedindo uma correção na redação do projeto, alterando o *slogan* para “Passo Fundo, Che”, colocando o “che” na língua de origem, o espanhol. Mas a emenda foi rejeitada pela Câmara, justificando que a expressão “Tchê” já era popularmente utilizada na cidade.

Então, em 28 de novembro de 1980, a lei nº 1922 foi sancionada e promulgada pelo presidente da Câmara Municipal de Passo Fundo, vereador Miguel Lopes dos Santos, no exercício do cargo de prefeito, oficializando o projeto.

Para ilustrar a incoerência entre o gauchismo que se queria explorar e a sociedade, cabe um estudo prosopográfico a partir dos vereadores que compunham a Câmara que aprovou o projeto²³. Apenas um dos 21 políticos, envolvidos direta ou indiretamente na aprovação, tinha ocupação rural, e assim mesmo como agricultor. O restante era funcionário público (10) e/ou trabalhava no segundo e terceiro setores (16)²⁴. É o reflexo de uma sociedade proeminente urbana, querendo representar-se através de um tipo rural ilusório.

Tabela 6 - Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo (de 31/01/1977 a 31/01/1983) - 8ª legislatura – Local de Nascimento e Partidos

Vereador	Local de Nascimento	Partido
Adirbal da Silva Corralo	Espumoso/RS	PDS
Anoel Simplício Portella	Passo Fundo	PDS
Antônio Albery dos Santos	Soledade/RS	PDS
Antônio Lourenço Pires de Oliveira	Getúlio Vargas/RS	PDS
Argeu Rigo Santarém	Passo Fundo	PTB/PDT
Cândido Guarany de Rezende	Passo Fundo	PDS
Delmo Alves Xavier	Passo Fundo	PMDB
Ernesto Félix Scotegagna	Passo Fundo	PTB/PDT
Fidêncio Garibaldi Franciosi	Não-Me-Toque/RS	PDS
Heloisia Almeida	Passo Fundo	PMDB
Hildo Hollmann	Candelária	PDS
Ivo Francisco Ferrão	Campos Novos/SC	PMDB
Ivo Pacheco	Passo Fundo	PMDB
José Mário de Lima Cruz	Passo Fundo	PDS
Leopoldino Rosa	Passo Fundo	PTB/PDT
Miguel Lopes dos Santos	Cruz Alta/RS	PMDB
Nelson Rossetto	Passo Fundo	PDS
Nervílio Piovesan	Sertão/RS	PMDB
Odilon Soares de Lima	Vacaria/RS	PMDB
Ulisses Vieira Camargo	Passo Fundo	PTB/PDT
Wilson Corrêa Garay	Passo Fundo	PTB

Fonte: JORNAL TROPEIRO DOS PAMPAS. *Páginas da Nossa História*. Passo Fundo: Jornal Tropeiro dos Pampas, 2000.

²³ Ver: Tabela 6, p.72.

²⁴ Alguns vereadores exerciam mais de uma ocupação, totalizando 27 ocupações para 21 vereadores, conforme dados do Jornal Tropeiro dos Pampas.

Passo Fundo – 12
 Outras cidades do RS – 8
 Outras cidades de SC – 1
 PMDB – 7
 PDS – 9
 PTB – 1
 PDT – 4

Tabela 7 - Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo (de 31/01/1977 a 31/01/1983) - 8ª legislatura – Ocupação

Vereador	Ocupação
Adirbal da Silva Corralo	Advogado
Anoel Simplício Portella	Advogado, professor universitário e funcionário público federal
Antônio Albery dos Santos	Funcionário público estadual e do comércio
Antônio Lourenço Pires de Oliveira	Advogado
Argeu Rigo Santarém	Jornalista
Cândido Guarany de Rezende	Técnico em Contabilidade
Delmo Alves Xavier	Funcionário público municipal e industrial
Ernesto Félix Scotegagna	Técnico em Contabilidade, comerciário
Fidêncio Garibaldi Franciosi	Agricultor
Heloisia Almeida	Servidora pública federal
Hildo Hollmann	Funcionário público federal, Técnico em Contabilidade
Ivo Francisco Ferrão	Auxiliar de indústria
Ivo Pacheco	Construtor
José Mário de Lima Cruz	Advogado, funcionário público estadual
Leopoldino Rosa	Radialista
Miguel Lopes dos Santos	Comerciário
Nelson Rossetto	-
Nervílio Piovesan	Funcionário público municipal
Odilon Soares de Lima	Funcionário público municipal
Ulisses Vieira Camargo	Funcionário público estadual e municipal
Wilson Corrêa Garay	Advogado, funcionário público municipal

Fonte: JORNAL TROPEIRO DOS PAMPAS. *Páginas da Nossa História*. Passo Fundo: Jornal Tropeiro dos Pampas, 2000.

Funcionalismo público – 10
 Indústria – 2
 Comércio – 3
 Agricultura – 1
 Imprensa – 2
 Contabilidade – 3
 Construção Civil – 1
 Advogado – 5

Segundo Oliven, toda década de 1980 foi, na verdade, fortemente marcada pelo renascimento do gauchismo no Rio Grande do Sul. Este é responsável pela existência de aproximadamente mil centros de tradições, mais de quarenta festivais de música nativista, e de vários rodeios. O crescente interesse pelas “coisas gaúchas” também ajuda a explicar o consumo de produtos culturais voltados a temáticas regionais: programas de televisão e rádio, colunas jornalísticas, revistas e jornais especializados, editoras, livros, livrarias e feiras de livros regionais, publicidade que faz referência direta aos valores gaúchos, bailões, conjuntos musicais, cantores e discos, restaurantes típicos com shows de músicas e danças gaúchas, lojas de roupas gauchescas, etc. O interessante é que esse mercado está concentrado nas cidades e é formado, na maior parte, por pessoas sem vivências rurais (1995, p.77).

2.2 Fórum de Municipalização do Turismo

Em 1995, o Conselho de Desenvolvimento de Passo Fundo e a Secretaria Municipal de Turismo, Desporto e Cultura (SETUR), com apoio da Câmara de Vereadores, 7ª Região Tradicionalista do MTG, ACISA, entre outros, promoveram o I Fórum de Municipalização do Turismo. Assinaram a ata de participação 96 pessoas, todas como representantes de entidades. Apesar da presença proeminente de autoridades, a metodologia de trabalho da comissão organizadora, formada pelos dirigentes dos órgãos supracitados, previa a consulta prévia popular, em reuniões preliminares.

As palestras do evento foram ministradas por especialistas do turismo, atuantes em outras cidades do estado, e representantes do poder público de Passo Fundo. Conforme a lista de presenças do Fórum, somam-se 08 tradicionalistas, 22 profissionais e/ou dirigentes da indústria e comércio, 15 professores, 09 jornalistas, 05 agentes de turismo, 11 representantes de clubes e associações e 21 representantes do poder público municipal. Mas as representações institucionais listadas não excluem cruzamentos de funções e preferências culturais. Por exemplo, os agentes de turismo revelaram em seus discursos registrados nos

anais cooptação ao discurso gauchesco, apesar de não se apresentarem como tradicionalistas.

Tabela 8 - Lista de participantes do I Fórum da Municipalização do Turismo – organizada por entidades

Nome	Entidade
Jorge Rodrigo Costa	-
Tenente Sadrinski	3.RPMONT.
Anita Mariana Hoffmann	7ª Delegacia de Ensino
Paulo Dutra	7ª RT/MTG, CIOFF
Gilda Galeazzi	7ªRT/MTG
Geni Barbosa	7ªRT/MTG
Liane Barbosa	7ªRT/MTG
Irmã de Almeida Panisson	7ªRT/MTG
Enir Bringhenti	7ªRT/MTG
Agenor Casteli	ACISA
Sérgio Ricci	ACISA (presidente)
Daltro Wesp	ACISA, Rádio Planalto
Irineu Ghelen	APL
Claudino Cláudio Ribas	Assecor
Iradi Laimer	Assecor
João Miranda	Assecor
Flávio Paim	Assecor
Jurema de Oliveira	Assecor
Alori B. Castilhos	Banco do Brasil
Neli Piereven	Bovinu's Churrascaria
Nídia Fasolin	Câmara de Vereadores
Jairo Caovilla	Câmara de Vereadores
Tadeu Karczeski	Câmara de Vereadores
Antonio Carlos Loss	Câmara de Vereadores
Luciano Azevedo	Câmara de Vereadores
Thalito Faut Mendonça	Câmara de Vereadores
Celso Silva	Carroceltur
Desdêmona Ayres	CDE Carlos Barone
Márcia Meneguzzi	CDL
Hector Ganate	CDL
Jandira de Bortoli	Centro Cultural
Marilis B. Barbosa	CIM João de César
Jorge Rodrigues	Classic Tur
Odolir Di Domêmico	Clube Recreativo Industrial
Caroline Wesp	Colégio Objetivo
Edson Borges	Com. 16 ESQ. CMEC
Ari Emílio Ferrão	CTG Lalau Miranda
Juliana Leitão	CTG Tropel de Caudilhos
Maria Teresinha Chaise	E.E. Ernesto Tochetto
Ida de Oliveira	E.E. Jerônimo Coelho
José Luiz Serafim	Flytour
Paulo F. O. Conélio	GESP
Paulo Cavalcanti	Jornal Tropeiro dos Pampas
Adelmiro Parizzi	Lions Clube
Darcisio Rambo	Livraria Delta

Elisabeth Martins	Maitá Palace Hotel
Gladis Liarson	Maitá Palace Hotel
Zulmara Crossi Brandão	Notre Dame
Ecláea Berenice M.S.	O Nacional
Daltro Mattos	O Nacional
Carlos A. Cercena	O Nacional
Divane Tomasi	Orion Turismo
Maria Eloísa Dikesch	Panitur
Ivaldino Tasca	PMDB (presidente)
José Adalberto Prates	Prefeitura Municipal
Irani Dossa	Prefeitura Municipal
José Florenal da Silva	Prefeitura Municipal
Júlio César Canfilde Teixeira	Prefeitura Municipal (vice-prefeito)
Saete Algayer	Rádio Planalto
Jair Lazarotto	Rádio Planalto
Odolir Foresti	Rádio Planalto
Cirlei Marque Silva	Rádio Planalto
Miguel Rocha	Roselândia Parque Clube
Nagesca Nunes	San Silvestre Palace Hotel
Tatiana Giroto	San Silvestre Palace Hotel
Cláudio Viapiana	Sebrae
Nelson Lanza	Secretaria Municipal da Administração
Cândida Bertoncello	Secretaria Municipal de Educação
Elci Lotar Dickel	Sema
Ernani Bins Filho	SEMIC
Angelita Suzini	Senac
Cristiane de Oliveira	Senac
Cláudio Della Mea	Senai
Décio José Johann	Sesi
Solange Zibetti	Setur
Clecy Dalbosco	Setur
Magda Cavalheiro	Setur
Elizete Flores	Setur
Silvia de Santis	Setur
Lurdes Canelles	Setur
César Lopes	Sincomércio
César Lopes	Sincomércio
Dione Klaus	Sind. Dos Hotéis e Restaurantes
Albery Inácio Kerber	SME
Ana T. Rodrigues	Turis Hotel
Diná O. Santos	Turis Hotel
Elmar Luiz Floss	UPF
Roseli Pretto	UPF
Maria Cesária B. Ramos	UPF
Flavia Biondo	UPF
Edemilson Pranodi	UPF
Carlos Schlemer	UPF
Telisa Graeff	UPF
Dalva Bisognim	UPF
Elydo Alcides Guareschi	UPF (reitor)
Rogério Bortolon	Valença Restaurante

Fonte: FÓRUM DE MUNICIPALIZAÇÃO DO TURISMO. *Anais do I Fórum de Municipalização do Turismo*: Passo Fundo 1995. Passo Fundo: Pe. Berthier, 1997.

Tradicionalistas - 08
Hotéis e restaurantes - 09
Indústria e comércio - 13
Câmara Municipal - 06
Prefeitura Municipal - 15
Ensino - 15
Imprensa – 09
Agências de Turismo - 05
Clubes e Associações – 11
Outros - 04

A primeira palestra foi proferida por Abdon Barreto Filho, Diretor da Planalto Turismo e Diretor Vice-presidente do Itaimbé Palace Hotel de Santa Maria. Ele deixou como sugestões para o desenvolvimento do turismo em Passo Fundo organizar e aproveitar o tradicionalismo para que seja atração turística. Para tanto, sugeriu “unir todas as entidades do município em torno do mesmo objetivo” (FÓRUM DE MUNICIPALIZAÇÃO DO TURISMO, 1995, p.16).

O tema do gauchismo fez parte também da palestra do jornalista e especialista em marketing turístico, Renato Brenol Andrade. Ele introduziu a possibilidade de desenvolvimento econômico através do turismo. Em seguida, numerou as potencialidades no Rio Grande do Sul. O quinto item era “turismo temático”, em que sugeriu que Passo Fundo poderia trabalhar em cima dos temas “gaúcho”, “tradições” e “folclore”, retomando o projeto Passo Fundo, Tchê!” (p.45).

Elmar Luiz Floss, Presidente do Conselho de Desenvolvimento de Passo Fundo, elencou diversas potencialidades do município, colhidas nas reuniões prévias com entidades comunitárias. Percebe-se em seu discurso uma variedade de qualidades e opções a serem desenvolvidas, como gastronomia, turismo de saúde, aquático, rural, comercial, ecológico, de aventura, campismo, entre outros. O tradicionalismo aparece apenas como um item dentre 14 outros.

Os professores Solange Zibetti (SETUR) e Carlos Schlemer (Faculdade de Educação Física da UPF) falaram sobre a questão do esporte na promoção turística.

A secretária da SETUR, Lurdes Canelles apresentou no Fórum os resultados de uma pesquisa sobre os fatores limitantes para o turismo em Passo Fundo, como locais adequados para eventos e apoio na divulgação.

O Fórum teve como resultado a aprovação de 10 propostas de ações para o desenvolvimento turístico da cidade. Entre elas, estão construir o “Galpão da Cultura Gaúcha” e resgatar o projeto “Passo Fundo, Tchê!”. Neste último, estava previsto divulgar Passo Fundo como Centro Tradicionalista e de valorização do gaúcho, e estimular a utilização de recepcionistas pilchados(as) em eventos técnicos, científicos, culturais e desportivos. Em uma proposta de implantação do “Trem do Turismo”, o passeio contaria com programação artística e gastronômica promovida por CTGs, assim como na proposta de Municipalização do Turismo apresentada por Santo Claudino Verzeleti, Diretor do Centro Cultural, e na proposta de desenvolvimento do Pólo Turístico Cultural Roselândia. Essas propostas evidenciam o objetivo de promover a cidade através do gauchismo, mesmo que na consulta prévia popular este aspecto tenha ficado em segundo plano.

Merece destaque também o projeto “Divulgando as Tradições Gaúchas aos Turistas”, de Geni Barbosa, diretora do Departamento de Cultura da 7ª Região Tradicionalista/ MTG. Ela justificou que Passo Fundo possuía 12 entidades filiadas ao MTG, procuradas por turistas para conhecer “tradições do nosso povo”. O projeto previa a promoção de um dia de atividades ligadas ao gauchismo. Os CTGs fariam um revezamento para manter a programação. No texto do projeto, anexado aos anais do Fórum, lê-se a pergunta: “Por que as entidades tradicionalistas?” e em seguida a resposta: “Para não descaracterizar culturalmente o gaúcho” (p.90).

Desde 1952, o município contava com manifestações de cunho gauchesco através dos CTGs. Mas foi a partir do projeto “Passo Fundo, Tchê”, da Câmara de Vereadores (1980) e das resoluções do Fórum de 1995, na primeira gestão Osvaldo Gomes, que o campo político passou a atuar, seja através do discurso ou do incentivo, na promoção do gauchismo, vislumbrando obter vantagens simbólico-turísticas a partir dele.

Notou-se, nos dois fatos históricos, a presença das disputas de identidades, comum nos anos 1980, que polemizavam em torno da figura do gaúcho, o modo de construí-la, os critérios para definir sua autenticidade, as instâncias de sua legitimidade e consagração, etc. Havia basicamente dois tipos de contendores nessa disputa: os *tradicionalistas* e os *nativistas*. “Embora se proponham freqüentemente como antíteses um dos outros, eles seguem em essência o mesmo modelo, variando apenas a roupagem” (OLIVEN, 2006, p.166).

Os primeiros e mais antigos atores do gauchismo são os tradicionalistas. Eles se constituem em um movimento organizado e atento a tudo que diz respeito aos bens simbólicos do estado sobre os quais procuram exercer seu controle e orientação. Possuem intelectuais que produzem escritos e que ocupam posições importantes em lugares estratégicos. Para eles é fundamental demarcar quais são os 'verdadeiros' valores gaúchos, daí a necessidade de se erigirem em guardiães da tradição (p.166).

O que tradicionalistas e nativistas têm em comum, além da preocupação com as “raízes gaúchas”, é o fato de disputarem o mesmo mercado de bens simbólicos e utilizarem instâncias medianas de consagração como os festivais de música e o debate jornalístico. De certo modo, eles poderiam ser caracterizados como intelectuais que estão à margem do circuito consagrado de legitimação intelectual, na medida em que não têm acesso às instâncias mais clássicas como as universidades, as revistas acadêmicas, os congressos científicos, etc.

Esses movimentos emergem em uma realidade em que há um cruzamento das fronteiras culturais e simbólicas que faz com que haja uma desterritorialização dos fenômenos culturais. As identidades não são definidas por territórios. Uma manifestação simbólica que surge num contexto migra para outros e é recontextualizada, reelaborada (p.208). Esses movimentos levantam a bandeira territorial, mas como no caso de Passo Fundo, o território não tem relação direta com as referências culturais gauchescas, apesar da presença histórica do pastoreio. Conclui-se que no intuito de firmar identidade territorial estadual, o gauchismo desconsidera as fronteiras municipais, gerando um fenômeno unificador análogo ao global.

As ameaças à integridade gaúcha, consideradas na época, viriam de fora, pela massificação e introdução de costumes “alienígenas” disseminados pelos meios de comunicação de massa, e de dentro, através das deturpações de “maus” tradicionalistas, como no uso inadequado da indumentária por grupos artísticos, por aberrações nas coreografias das danças gaúchas, etc. Tal preocupação é evidente no Fórum, mas não no projeto turístico de 1980.

Parte do projeto “Passo Fundo, Tchê!” seria uniformizar os servidores municipais com trajes típicos, adaptados para as diferentes funções, bem como na iniciativa privada e nas escolas municipais. Ainda que o tópico onze faça uma ressalva de não querer negar os

“nossos gaúchos autênticos”, esses trajes deveriam ser muito sofisticados “para fugir à chamada grossura”, podendo ser confeccionados “com rendas e fazendas coloridas, muito couro, metais, brins e outros materiais e tecidos modernos” (PROJETO DE LEI Nº 57/80, p.13).

Já no Fórum, em 1995, foi apresentado o projeto chamado “Divulgando as Tradições Gaúchas aos Turistas”, que previa um revezamento de CTGs para manter uma programação turística, que não “descaracterizasse o gaúcho”.

O tradicionalista preocupa-se em delimitar conceitos e fronteiras, apesar de demonstrar grande dificuldade em definir e distinguir termos como tradição, folclore, regionalismo, nativismo, cultura gaúcha, etc. Segundo Oliven:

Poder-se-ia afirmar que estamos diante de um grupo de intelectuais que se valem de um certo conhecimento como forma de poder. Trata-se, em última análise, de ter um monopólio sobre o direito de afirmar o que é e o que não é tradição e cultura gaúcha e também de exercer influência sobre o mercado de bens simbólicos (OLIVEN, 2006, p.167).

Mas o Movimento Tradicionalista Gaúcho não consegue controlar todas as expressões culturais do estado, nem disseminar hegemonicamente suas mensagens. Para alguns, existiriam “diferentes formas de ser gaúcho” que não necessariamente passam pelos CTGs. O mercado de bens simbólicos ampliou-se e novos atores passaram a disputar segmentos dele. Os festivais de música nativista foram uma das arenas mais intensas de disputas em torno do que significa ser gaúcho, principalmente, a Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul (desde 1971). As polêmicas quase sempre giram em torno desse meio, onde circulam artistas e jornalistas que se denominam de *nativistas* e que não aceitam o controle e a patronagem imposta pelo MTG.

Para análise desse processo, torna-se necessário considerar o contexto macro e sua possível influência no local. É interessante observar que a formação do espaço regional do Rio Grande do Sul deu-se em sua história em constante disputa internacional. Esses acontecimentos são usados tardiamente na constituição de determinados perfis de relações regionais e na construção do regionalismo. Nota-se ainda que ao longo dos diferentes

momentos históricos no Brasil e no mundo, o significado de regionalismo mudou. Conforme Eduardo Munhoz Svartman, no período entre 1945 e 1980, a configuração do espaço regional era pautada pela Guerra Fria e conduzida, a partir de 1964, por governos militares ditatoriais, o que incrementou tanto as relações cooperativas quanto as de rivalidade. “O que aparenta ser um contra-senso, na verdade é a materialização do caráter dual, ou mesmo dialético, que as diferentes formas de operacionalização de regionalização carregam consigo” (2002, p.105). Tal contexto se estendeu até meados da década de 1980, quando uma nova realidade internacional e regional começou a se esboçar.

A década de 1990 foi marcada pelo neoliberalismo, enquanto doutrina econômica, tornando-se ideologia dominante e difundindo-se especialmente nos países do Terceiro Mundo, paralelamente a um acesso facilitado às tecnologias comunicacionais.

Os processos dessas duas décadas subsequentes podem ter influenciado o que significou “ser gaúcho”, ou identificar-se com o gauchismo, em duas dinâmicas distintas. A primeira dos anos 1980, com resquícios do autoritarismo que se traduzia em nacionalismo singularizado no Brasil, manifestado como regionalismo no Rio Grande do Sul. A segunda, quando neste país de Terceiro Mundo adaptam-se as lógicas neoliberais, impulsionadas pelo desenvolvimento tecnológico, que criam indústrias simbólicas como a do turismo.

Esses dois momentos históricos mundiais são são estanques. Por analogia, possuem recorrências locais. Mas as características e as dinâmicas estruturais perpassam processos complexos que extrapolam as décadas. No projeto “Passo Fundo, Tchê!”, eram evidentes idéias que iriam dominar a década seguinte na cultura e que continuariam a reprodução do gauchismo, adentrando a indústria cultural. Já em 1995, 15 anos após o fim dos regimes autoritários, afirmou-se e se enfatizou no I Fórum a necessidade de cercear as atividades turísticas para não perder a característica tradicional arremetida por um movimento, este sim, surgido no auge das ditaduras.

Essa intersecção de processos continua na atualidade. No início da gestão municipal 2004/2008, publicou-se o Planejamento Estratégico do Conselho de Desenvolvimento de Passo Fundo. Nele, notam-se sugestões similares às do projeto de 1980, como construir pórticos e monumentos estilizados nas entradas da cidade, motivados na cultura gaúcha.

O coordenador do Resultado 4 do Conselho de Desenvolvimento de Passo Fundo, referente ao Desenvolvimento Turístico, Cultural e de Eventos, era Daltro José Wesp, superintendente da Fundação Cultural Planalto.

Um tópico dentre as atividades planejadas era fortalecer os projetos ligados ao gauchismo, como uma responsabilidade permanente do MTG, dos CTGs, da rede escolar e da prefeitura. Bem como apoiar as iniciativas para projetar Passo Fundo como a “Cidade da Cultura Gaúcha” e “Produzir e montar peças teatrais, batalhas, editar livros, promover treinamentos e concursos, destinados à valorização da cultura gaúcha” (CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO DE PASSO FUNDO, 2004, p.21).

Neste processo político, evidencia-se a característica localista, ou cidade-estadista, proporcionada pelo gauchismo à Passo Fundo, quando o poder público age no sentido de garantir uma representação cultural unívoca para o município, como uma comunidade imaginada. Mas tal imaginação é produzida com esforços de uma história compartilhada. Para o sociólogo Manuel Castells, há um novo significado de nacionalismo (localismo), como fonte de sentido na era da informação. Para ele nações são “comunidades culturais construídas nas mentes e memória coletiva das pessoas por meio de uma história e de projetos políticos compartilhados” (1999, p.69).

Observando processos do início dos anos 1980, Castells identificou um paradoxo de forças políticas com bases cada vez mais locais em um mundo estruturado por processos cada vez mais globais. Houve a produção de significado e identidade a partir de localidades como a cidade. “Contudo, essa foi uma identidade defensiva, uma identidade de entricheiramento no que se entende como conhecido contra a imprevisibilidade do desconhecido e do incontrolável” (p.80).

2.3 Festivais Nativistas

A cidade de Passo Fundo entrou tardiamente para o circuito dos festivais nativistas, que agitavam a cena cultural do estado desde 1971, com a pioneira Califórnia da Canção Nativa, de Uruguaiana, e outros. Apenas em outubro de 1982, foi realizado o festival

Carreta Canção da Música Nativista do Rio Grande do Sul, em uma promoção da Secretaria Municipal de Turismo, Desporto e Cultura. De acordo com o regulamento do festival, ele seria organizado anualmente, com o objetivo de promover o turismo e “projetar a cidade de Passo Fundo, Tchê!”. Mas a primeira edição foi a única.

Após oito anos de recesso, em 1990, foi realizado o 1º Chamamento do Pampa: Festival da Música Nativa do Rio Grande do Sul, com apoio da prefeitura e patrocínio da iniciativa privada. Logo em 1991, por problemas na arrecadação de verbas, o poder público foi acionado.

O 2º Festival da Música Nativista Chamamento do Pampa contou com uma verba liberada em 06 de junho de 1991, de Cr\$ 1.500.000 (um milhão e quinhentos mil Cruzeiros), pelo prefeito Airton Langaro Dipp, equivalente a R\$ 24.898,85 (1º de novembro de 2007) de acordo com a Atualização de valores, através do Índice Geral de Preços-Disponibilidade Interna (IGP-DI) da Fundação Getúlio Vargas (www.fee.tche.br). O festival aconteceu de 11 a 13 de outubro de 1991 e na semana seguinte (21 de outubro), o Poder Executivo encaminhou em regime de urgência novo projeto de lei (nº 096/91) à Câmara de Vereadores, que o autorizaria subvencionar o Grupo Chamamento do Pampa, organizador do evento, com o valor de Cr\$ 4.812.000,00 (quatro milhões, oitocentos e doze mil Cruzeiros), e abrir crédito especial. Nota-se que a verba solicitada é o triplo do repasse inicial.

O projeto visava atender despesas com a realização do festival e propunha reduzir o montante do orçamento da III Efrica (feira da indústria e do comércio). Na mensagem do prefeito para o presidente da Câmara, a justificativa:

Com mais de 130 anos de história, nosso município tem uma indústria que vem crescendo e se expandindo gradativamente. O comércio passo-fundense merece um grande destaque na região. Agora é também a Terra do Chamamento. A colocação do Grupo Chamamento do Pampa não poderia ser mais acertada. O Festival que teve sua primeira fase no ano de 1990, agora se consolida em nosso Município, no cultivo da tradição gaúcha.

De 11 a 13 de Outubro, Passo Fundo foi o palco da integração, do intercâmbio cultural entre artistas e a comunidade na busca do aprofundamento de nossas próprias origens, obtendo o 2º CHAMAMENTO DO PAMPA – Festival da Música Nativa do RS total êxito na sua realização, com a brilhante organização e apoio dos que incentivaram o trabalho do Grupo.

Dessa forma, no compromisso de prestigiar a arte popular na busca do aprofundamento de nossas origens, na preservação cultural de nosso povo, encaminho à apreciação dos Senhores Vereadores o projeto em pauta (p.05-06).

Observa-se que o prefeito cooptou o discurso gauchesco, legitimando o grupo que organizou o festival nativista por se tratar de “preservação cultural de nosso povo”. Da mesma forma, em primeira análise dentro da Câmara de Vereadores, o auditor Nei Jorge escreveu que “tratando-se de encontro cultural regionalista, o incentivo é justificável” (p.07). São sintomáticos esses posicionamentos políticos de um querer fazer-se representar regional ou localmente, cultivando-se “uma cultura advinda do passado”. Mas a matéria utilizada, referenciada no pampa como o título prevê, não condiz com origens históricas locais, tampouco tradições presentes em um passado. O evento vale-se da cultura gauchesca, criada no século XX e apropriada no Planalto Médio, como em grande parte do Rio Grande do Sul. A denominação de Festival Chamamento do Pampa é induzida pelo imaginário de uma territorialidade idealizada (o pampa) no lugar do espaço geográfico-cultural concreto (o planalto).

Sobressaem-se nos textos constituintes desse processo de liberação de verbas públicas, o consenso sobre a legitimidade cultural do Festival, que leva o poder público a arcar com as despesas de sua realização. Salve exceção do relatório da Comissão de Legislação e Redação, em que o vereador Jesus Almeida solicitou informações à presidência da casa, de quanto a Prefeitura Municipal já teria gasto com aquele evento. Também solicitou a suspensão do regime de urgência, enquanto não retornasse a informação antes solicitada.

Em resposta, o prefeito informou que pela Lei Orçamentária de 1991, foi destinado ao festival o valor de Cr\$ 400.000,00 (quatrocentos mil Cruzeiros) em funcional programática. Pela lei 2.657, de 03 de julho de 1991, foi aberto crédito especial no valor de Cr\$ 1.500.000 (um milhão e quinhentos mil Cruzeiros).

Novamente avaliando a proposta, a Comissão de Legislação e Redação aprovou o projeto. No parecer favorável da Comissão de Orçamento e Tomada de Contas, escreveu-se que Passo Fundo era pólo da região do Planalto Médio, que abrigava os grandes eventos culturais nas áreas de Direito, Saúde e liderava movimentos tradicionalistas e nativistas. O relator se posicionou favorável entendendo que o evento obteve êxito total, beneficiando o comércio local, com a grande afluência de visitantes na cidade.

A Comissão de Educação e de Bem Estar Social avaliou o projeto e emitiu parecer favorável por entender que estava “prestigiando a arte popular na busca do aprofundamento

de nossas origens e a preservação cultural de nosso povo”, mais uma demonstração de alinhamento com o discurso gauchesco (PROJETO DE LEI Nº 096/91, p.13).

Em plenário, a lei foi aprovada.

No ano seguinte, novo projeto de subvenção de verbas para eventos foi aprovado, incluindo Cr\$ 45.000.000,00 (quarenta e cinco milhões de Cruzeiros)²⁵ para a 3ª edição do Chamamento do Pampa (Projeto de Lei nº 57/92, de 22.06.92, processo nº 205/92). O evento seria realizado entre 08 e 11 de outubro de 1992, no Ginásio da AABB.

Em justificativa da Secretaria Municipal da Indústria, Comércio, Turismo, Desporto e Cultura, o secretário César Bilibio escreveu que a cidade se caracterizou na promoção de grandes eventos na área cultural que divulgavam o município e promoviam a economia. Para o secretário, esses eventos eram realizados com profissionalismo e com pequena participação do poder público, o que contrasta com o fato de a edição anterior ter sido “paga” pela prefeitura.

As comissões da Câmara que avaliaram o projeto emitiram parecer favorável, reforçando a tese que os eventos “divulgam o município nacional e internacionalmente”.

Em 2001, já na 5ª edição do festival (22 a 25 de novembro), firmou-se um convênio entre a Prefeitura Municipal e o formalizado Grupo Chamamento do Pampa, subvencionando à organização R\$ 50.000,00 (cinquenta mil Reais)²⁶. O orçamento previa cerca de R\$ 93 mil de despesas, dentro do padrão de organizações de festivais no estado, com gravação de CD e ajuda de custo aos músicos participantes.

Neste trabalho não se tem o objetivo de avaliar as finanças públicas e os investimentos completos em eventos gauchescos. Mas com essa amostragem pesquisada, pode-se ter uma idéia da grande participação do poder público subvencionando a realização dos mesmos, considerando as verbas aprovadas por lei e eventuais decretos que podem ter sido assinados.

²⁵ Valor atualizado: R\$ 83.772,72 (1º de novembro de 2007).

²⁶ Valor atualizado: R\$ 85.159,92.

2.4 Os Cavaleiros do Mercosul e a Encenação da Batalha do Pulador

Um dos grupos mais atuantes em manifestações culturais gauchescas, a partir de 1995, foi o Grupo Cultural e Tradicionalista Cavaleiros do Mercosul, que promove cavalgadas na cidade, no estado e em países vizinhos. Também organiza a Encenação da Batalha do Pulador, sobre um episódio ocorrido durante a Revolução Federalista (1893-1895), no município de Passo Fundo.

O grupo foi criado no ano de 1995 e, conforme seu estatuto, não tem objetivos políticos partidários. Dentre seus objetivos, afirma comprometimento com a integração dos povos da América Latina e com a permanente valorização do gaúcho. O grupo se organiza como uma tropa, liderada pelo “comandante” Jabs Paim Bandeira, advogado e empresário.



Figura 1 – Monumento do Largo dos Cavaleiros do Mercosul

O grande feito desse grupo foi a Cavalgada do Mercosul, realizada em quatro etapas de percursos diferentes no período entre 1995 e 2000. Os cavaleiros percorreram a cavalo cerca de 5.245 quilômetros. Ao final, em janeiro de 2000, o poder público inaugurou o Largo dos Cavaleiros do Mercosul, em um dos trevos de entrada da cidade de Passo Fundo, na BR 285, em homenagem ao grupo. Trata-se de um monumento de um homem pilchado, montado a cavalo e empunhando uma bandeira com o símbolo do grupo.

Os Cavaleiros do Mercosul já realizaram cavalgadas na região de Passo Fundo, no estado e em Santa Catarina, em nome de causas ruralistas ou da “memória de heróis” como Anita Garibaldi, em parceria com a Prefeitura, a Câmara de Vereadores e o MTG.

A I Encenação da Batalha do Pulador da Revolução Federalista de 1893 foi promovida pelo Grupo Cultural e Tradicionalista Cavaleiros do Mercosul, junto à Brigada Militar, no dia 07 de agosto de 2005, no Distrito de Pulador, em Passo Fundo. De acordo com números do grupo, mais de cinco mil pessoas assistiram ao espetáculo, protagonizado por tradicionalistas e atores amadores. No ano seguinte, nova edição, em 25 e 27 de junho.

A batalha real aconteceu no dia 27 de junho de 1894. Estima-se que mais de quatro mil homens lutaram. No livro que Paim Bandeira organizou e co-escreveu, “Batalha do Pulador” (2006), ele exalta a “fidelidade canina que os soldados e oficiais tinham por seus comandantes”, especialmente, a dedicação que devotavam ao general Gomercindo Saraiva, o qual ele interpreta na encenação.

Personalidades passo-fundenses apresentaram a obra no prefácio. O vice-prefeito Adirbal Corralo afirmou que “é um livro que se lê de um só fôlego, tal o encantamento e interesse que a leitura nos provoca”. O advogado Irineu Gehlen escreveu que “a Encenação da Batalha do Pulador, além de realizar um resgate histórico da Revolução Federalista, também proporcionou um momento de profunda reflexão no sentimento popular”. E Daltro Wesp, da Fundação Cultural Planalto, interou que “a Batalha do Pulador não deve nos entristecer, mas sim, servir de referencial histórico para que recuperemos o ânimo de lutar por ideais, colocando o espírito à frente da matéria”.

Além da legitimidade política, conferida por discursos de governantes, o grupo também obtém destaque na imprensa. Em 2006, a II Encenação da Batalha do Pulador recebeu ampla repercussão. O jornal Zero Hora, de circulação estadual, estampou a

contracapa da edição do dia 04 de agosto com uma fotografia do espetáculo. Em reportagem de meia página, o jornalista Cleber Bertoncello reportou os números de participantes: cerca de 400 figurantes e 200 cavalos. O organizador do evento, Jabs Paim Bandeira foi entrevistado e declarou que “o exemplo de bravura dado por soldados e oficiais na batalha não deve ser esquecido pelos gaúchos” (ZERO HORA, 4 de agosto de 2006, p.56). Também afirmou que “em uma época onde muitos valores éticos estão dispersos, é uma honra lembrar e homenagear esses heróis”.

Em cobertura no local, a equipe de reportagem do jornal O Nacional constatou que cerca de 9 mil pessoas assistiram ao “espetáculo”. O então presidente da Câmara de Vereadores, Valdir Mendes, declarou que pretendia encaminhar um projeto para tornar a Encenação um evento oficial do calendário municipal, obtendo verbas públicas. “Esse é um evento de que devemos participar, pois é uma fonte de cultura, história e turismo para o município de Passo Fundo” (07 ago. 2006, p.12-13).

No jornal Diário da Manhã, os colunistas Carlos Fonseca e Rogério Silva elogiaram a iniciativa. Fonseca escreveu que a Encenação da Batalha do Pulador “já é um ponto turístico do município, necessitando para se consolidar, de mais investimentos na infraestrutura, o que certamente já está sendo pensado” (DIÁRIO DA MANHÃ, 08 ago. 2006, p.03). Silva também afirmou que a Encenação caminha para se tornar um grande evento, como a “Tomada de Laguna”, que acontece no litoral catarinense. “Iniciativas como esta merecem todo o apoio” (05 e 06 ago. 2006, p.04). De acordo com a reportagem do jornal, havia duas mil pessoas prestigiando o espetáculo no dia 06 de agosto, ao contrário do O Nacional, que informou 9 mil.

Em 2007, a encenação da Batalha do Pulador foi promovida novamente, integrando as comemorações dos 150 anos do município de Passo Fundo. Como preparação ao evento, aconteceu, nos dias 18 e 19 de julho, o Seminário 113 anos da Batalha de Passo Fundo, no Teatro Municipal Múcio de Castro. Em 2006 havia sido realizado o Seminário 112 anos da Batalha de Passo Fundo.

No primeiro dia, tratou-se do tema “O nome do evento bélico ocorrido no Município de Passo Fundo em 27 de junho de 1894”. Participaram Paulo Monteiro

(jornalista e crítico literário), Alexandre Luiz Rodrigues (Diretor Presidente da Funzotur²⁷) e Ney Eduardo Possapp d'Avila (Mestre em História). A coordenação da noite ficou a cargo de Silvana Santos de Moura (Mestre em História). O vice-prefeito Adirbal Corralo iniciou o seminário discursando com eloquência, ao modo que está habituado em eventos públicos, conforme pesquisa de campo. Cometeu uma gafe: “Passo Fundo participou de todas as guerras, todos os combates do estado e do país”. Após versos poéticos gauchescos afirmou que devemos buscar a paz.

A discussão se deu em torno do nome da batalha: se era “de Passo Fundo”, ou “do Pulador”. Paulo Monteiro defendeu que o nome é uma questão técnica, pois é o local onde acontece. Já Alexandre Luiz Rodrigues, que além de Diretor da Funzotur é professor de matemática e pesquisou na internet para saber da história da batalha, disse que “Batalha de Passo Fundo” é um produto turístico melhor de ser vendido que “do Pulador”. Mas para isso, o evento deve ser profissionalizado.

Em 2004, Ney d'Avila idealizou e propôs a realização da Encenação da Batalha do Pulador, à Secretaria de Turismo, Desporto e Cultura (SETUR)²⁸. No seminário de 2006 declarou que podemos escolher o nome do evento dentre as diversas denominações que já existem. Mas se dedicou a justificar a troca do nome de “do Pulador” para “de Passo Fundo”, citando arquivos que se referem ao nome. Leu uma lista de incidência dos seis diferentes nomes dados à batalha por historiadores e em relatos. Concluiu que “Batalha de Passo Fundo” era o mais freqüente. Em sua explanação, d'Avila disse que “existe em nossa história uma questão ideológica, de se isentar os jesuítas e se incriminar os bandeirantes”. Pois segundo ele, heróis brasileiros são os bandeirantes. “Se não fosse eles, não seríamos Brasil hoje”.

No segundo dia, o painel foi “Passo Fundo e passo-fundenses na Revolução de 1893-1895”. Os painelistas: Fátima Teresinha Nunes Roesler (licenciada em História), Daltro José Wesp (radialista e superintendente da Fundação Cultural Planalto), Juliano Roso (vereador e mestrando em História). A coordenação foi de Ney d'Avila.

²⁷ A Funzotur é uma entidade ligada ao município, com caráter de secretaria, que administra o Parque da Roselândia e que em 2007 passou a deliberar sobre a pasta do Turismo.

²⁸ Em 2007, a SETUR desmembrou-se. A pasta do Turismo foi realocada junto à Funzotur, organização que administra o Parque da Roselândia. Assim criou-se a SEDEC – Secretaria de Desporto e Cultura.

Novamente o vice-prefeito esteve presente, ao lado de alunos de escolas estaduais, levados ao teatro por professores. Daltro Wesp opinou que Batalha do Pulador é um nome consagrado e se preocupou em sugerir um estudo genealógico dos descendentes da guerra. No final ainda arriscou: “Acredito que é do Paraguai [guerra] que vem o sangue gaúcho”.

Juliano Roso afirmou de saída que “nossa história é diferente”. “A história do Rio Grande do Sul é como se fosse um grenal”, pois tem sempre dois grupos políticos concorrentes. “Na Revolução Farroupilha, não era todo mundo farrapo”, reiterou.

Após o Seminário, veio a Encenação, nos dias 04 e 05 de agosto de 2007. No dia 04, o Grupo Cavaleiros do Mercosul desfilou pela Avenida Brasil, junto aos atores da encenação. Não se notava público dedicado a acompanhar o desfile. Apenas alguns transeuntes paravam para olhar o que estava acontecendo. Na parada final do desfile, em ato solene de encerramento, definitivamente, não havia público para prestigiar, conforme pesquisa de campo.

Ao contrário da véspera, no dia 05, grande público prestigiou a encenação no distrito de Pulador. Parecia um evento gauchesco, como rodeio ou festival, dado o número expressivo de pessoas pilchadas, na platéia. Quanto à encenação, notei que os atores que representavam os maragatos também estavam pilchados e carregavam uma bandeira com as cores do Rio Grande do Sul. Nas palavras do narrador da encenação, “a maior arma dos revolucionários era a bravura”, pois estavam em menor contingente. Os pica-paus vestiam farda e empunhavam a bandeira brasileira.

Nota-se que a encenação acaba reforçando os estereótipos da bravura e do heroísmo gauchesco, contrapondo o Brasil.

3 O SISTEMA CAPACITADOR DE UM PLANALTO MÉDIO COMPLEXO

Tornou-se lugar comum afirmar que a globalização provocou uma afirmação das identidades regionais, a partir da segunda metade do século XX. Em Passo Fundo não foi diferente. Ao mesmo tempo em que a indústria cultural²⁹ ou o sistema capacitador³⁰ adquiriu maior complexidade na capital do Planalto Médio, pôde-se verificar a proliferação de manifestações de cunho gauchesco. Dessa forma, essa identidade local foi potencializada pelas novas tecnologias, principalmente de comunicação, colocando uma questão teórica essencial: o gauchismo faz parte da indústria cultural.

O gaúcho ideal, matriz da identidade gauchesca elaborada arbitrariamente, é baseado em uma figura marginal, praticamente extinta em meados do século XIX. Para o pesquisador Sergius Gonzaga, ele renasceu no século XX como instrumento de sustentação dos mesmos grupos que a tinham destruído. “O processo de transfiguração do gaúcho-pária em gaúcho-aristocrata, cheio de virtudes civis e militares, não foi instantâneo nem uniforme: durou várias décadas, encontrou várias formulações e teve o seu coroamento apenas no século XX, quando a oligarquia precisou aglutinar a seu projeto político as novas forças sociais existentes na província.” (1980, p.118)

Esse tipo ideal, cada vez mais genérico, foi reforçado pela prática do cotidiano, por manifestações da cultura de massa e do conjunto de discursos (jornalísticos, literários,

²⁹ Conceito de Theodor Adorno e Marx Horkheimer. “A cultura contemporânea a tudo confere um ar de semelhança. Filmes, rádio e semanários constituem um sistema. Cada setor se harmoniza em si e todos entre si. As manifestações estéticas, mesmo a dos antagonistas políticos, celebram da mesma forma o elogio do ritmo do aço” (ADORNO, 2002, p.07).

³⁰ Segundo René Armand Dreifuss, “no século passado, na década de 1980, a economia mudava em profundidade e alcance, a partir da introdução-em-desenvolvimento, no sistema produtivo e de serviços dos países adiantados, de um complexo sistema capacitador, suporte de profundas e radicais mudanças da organização produtiva e da estruturação societária. O complexo capacitador de conteúdo era baseado um conjunto de inovadoras tecnologias de telecomunicações e informática, computação e microeletrônica, automação e microrrobótica, optoeletrônica e engenharia espacial” (2003, p.105).

políticos) da cultura das elites (1980, p.119). Nessa análise, Gonzaga refere-se ao século XX, até 1980. Vamos além, ao considerar que os meios de comunicação, ao se potencializarem em um complexo sistema capacitador, contribuíram na construção e sustentaram a identidade gauchesca passo-fundense, visto que ela nasce tardiamente, comparada ao processo estadual. Percebe-se ainda que a questão ideológica oligárquica não é a tônica do gauchismo na cidade, mas sim a representação através, principalmente, da nova lógica globalizada.

Esse mundo pós-1980 carrega o processo descrito por Dreifuss como *mundialização*³¹, que abrange uma disseminação da homogeneização cultural. São característicos desse momento a indução de denominadores comuns em comportamento, na aceitação e na rejeição; padronização nos novos gostos e nas preferências de consumo das mais diversas ídoles, chegando à massificação metanacional – e sua interação com singularidades e particularidades nas variadas mentalidades e nos diversos hábitos, estilos, gostos, comportamentos, usos e costumes (2003, p.122).

Por outro lado, são reforçados os sentidos de identificação comunal e comunitária e as condições para a emergência de indagações sobre identidade. [...]

Desta maneira, em concomitância com processos e movimentos de homogeneização e denominação comum (*rotinas e continuidades, tradições e convencionalismos*), descortinam-se múltiplos cenários atravessados e constituídos por *reações, contradições e reafirmações excêntricas*, expressas e configuradas pelas *singularidades* locais, regionais e nacionais, pelas particularidades étnicas e religiosas (p.126-127).

Indaga-se como é possível classificar o gauchismo em Passo Fundo, sob a perspectiva de Dreifuss. A hipótese, neste texto, é que, ao contrário do senso comum, que o classifica como tradição, ele se enquadre como “reação, contradição e reafirmação excêntrica”, já que se configura por singularidades gauchescas (reação à homogeneização), não presentes na cultura local (contradição e excentricidade). Tampouco o gauchismo está baseado no município em uma raiz antropológica que pudesse prover uma continuidade. Ao mesmo tempo, o MTG não possui nenhuma posição negadora do sistema capitalista global.

³¹ Dreifuss utiliza a expressão “mundialização”. Há autores que diferenciam esse termo, do termo “globalização”. Mas pelo uso comum e considerando que não há razões neste trabalho para teorização em torno desta questão, opta-se por utilizar “globalização” no texto.

O estado do Rio Grande do Sul, em 1980, já tinha uma referência identitária edificada no processo moderno descrito por Sergius Gonzaga, através do gauchismo. Mas é a partir dessa época, que Passo Fundo, com a formação de seu complexo sistema capacitador (a televisão e o rádio começam realmente a ganhar abrangência de massa), passa a tomar para si a identidade gauchesca. Vale ainda observar que foi nesta década que o movimento Nativista aconteceu com maior força, em todo o Estado.

Para Adorno, a urbanização moderna instalou a “indústria cultural”, reprodutora da cultura de massas. Dentro dessa cultura de massas há a falsa identidade do universal e do particular, pois para Adorno, “toda a cultura de massas em sistema de economia concentrada é idêntica” (2002, p.08). “A cultura contemporânea a tudo confere um ar de semelhança. Filmes, rádio e semanários constituem um sistema” (ADORNO, 2002, p.07). O gauchismo participa da cultura contemporânea, sustentado na ritualidade da celebração, através da mídia e do espetáculo, como será demonstrado a seguir.

A globalização é a cultura da imagem. Segundo Miguel Rojas Mix, ela não se lê nem em inglês, nem em espanhol, nem em chinês, simplesmente se vê. “En realidad, civilización de la imagen, es aquella de la imagen mediática: invasora, omnipresente, que inunda nuestra vida cotidiana, que es sinónimo de televisión y publicidad”³² (2006, p.25).

Com os modernos meios audiovisuais, vivemos o universo das representações, feito de signos abreviados que exigem uma interpretação rápida. Neste contexto, o imaginário é uma argumentação e como tal busca um “acordo prévio” com o espectador. Mas o lugar reservado ao gosto, à sedução e à emoção é muito maior que o lugar para a argumentação oral” (MIX, 2006, p.35). “Proprio de la imagen en la cultura de masas es que debe agradar al cliente, para que éste desee el producto. De ahí la búsqueda incesante de seducción/persuasión. La sociedad de la comunicación es una sociedad retórica, es ‘la cultura del convencer’³³ (p.37).

Mix acredita que a força da imagem contribuiu para o avanço dos grandes temas do século XX, como direitos humanos e igualdade racial, mais do que os seus discursos e teorias. O gauchismo, da mesma forma, teria avançado mais pela imagem do gaúcho do que

³² Na realidade, civilização da imagem, é aquela da imagem midiática: invasora, onipresente, que inunda nossa vida cotidiana, que é sinônimo de televisão e publicidade.

³³ Próprio da imagem na cultura de massas é que deve agradar ao cliente, para que este deseje o produto. Daí a busca incessante de sedução/persuasão. A sociedade da comunicação é uma sociedade retórica, é ‘a cultura do convencer.

por todos seus manuais. Prova disso é o Nativismo, quando a indústria cultural potencializou o discurso tradicionalista, desenvolvendo-o através da imagem, da televisão, da moda e da publicidade.

A mídia cumpre papel determinante na constituição de um imaginário gauchesco, rememorando ou oferecendo novos elementos para a memória coletiva. Le Goff conclui que “a imprensa revoluciona, embora lentamente, a memória ocidental”, porque se assiste à exteriorização da memória individual (2003, p.451). O autor trata esse problema como um renascimento da história-testemunho, intermediada por jornalistas, que em seu desenvolvimento pode ser chamada de “história imediata”, fabricada em grande parte pela mídia. O resultado é que a evolução do mundo contemporâneo “caminha na direção de um mundo acrescido de memórias coletivas, e a história estaria, muito mais que antes ou recentemente, sob a pressão dessas memórias coletivas” (p.467). Nesse processo, há uma homogeneização do imaginário social, bem como se nota na unificação identitária em torno do gaúcho no Rio Grande do Sul. Outro fenômeno decorrente é uma fetichização da história, da qual “o sucesso explica-se pela necessidade que as sociedades têm de alimentar sua procura de identidade, de se alimentar num imaginário real; e as solicitações da *media* fizeram entrar a produção histórica no movimento da sociedade de consumo” (2003, p.145).

Para Pierre Levy (2003), uma grande mudança contemporânea na humanidade é a noção de tempo prático. Com o desenvolvimento do transporte e da comunicação, modificou-se o espaço prático, as distâncias entre municípios e países. Tal percepção deve ser levada em consideração ao se analisar os processos sociais e culturais hoje, como o caso de Passo Fundo, que é entroncamento rodoviário e possui boa parte das tecnologias de comunicação disponíveis no Brasil.

Há uma oferta simbólica heterogênea, renovada por uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação. Para Garcia Canclini, essa expansão urbana é uma das causas que intensificaram uma hibridação cultural nos países latino-americanos. Assim, “o uso massivo da cidade para a teatralização política se reduz; as medidas econômicas e os pedidos de colaboração ao povo são anunciados pela televisão” (2000, p. 287). O autor afirma que a “cultura urbana” é reestruturada ao ceder o protagonismo do espaço público às tecnologias eletrônicas. Mas não é um processo de

sucesso, apenas de predominância e também concomitância, pois “a publicidade comercial e os lemas políticos que vemos na televisão são os que reencontramos nas ruas, e vice-versa: umas ressoam nas outras” (p.290). Pode-se concluir que a essa circularidade do comunicacional e do urbano subordinam-se os testemunhos da história, o sentido público construído em experiências de longa duração.

A partir desse cenário urbano, com essa dinâmica contemporânea, cabe apontar características da cidade de Passo Fundo. Um dos símbolos passo-fundenses é o cantor Teixeira, que tem uma estátua instalada no centro do município, decora anúncios publicitários da Prefeitura Municipal e adorna discursos políticos. O mesmo acontece com o monumento da cuia de chimarrão, na principal praça da cidade, Marechal Floriano.

A dinâmica dos novos recursos tecnológicos enfraquece o sentido histórico e as concepções macroestruturais “em benefício de relações intensas e esporádicas com objetos isolados, com seus signos e imagens”. Também estabelecem novos hábitos perceptivos, de descontinuidade extrema. Assim, Garcia Canclini indaga se não há uma “diminuição de oportunidades para compreender a reelaboração dos significados subsistentes de algumas tradições para intervir em sua transformação”, e se não “reforça o poder inconsulto dos que realmente continuam preocupados em entender e dirigir as grandes redes de objetos e sentidos: as transnacionais e os Estados” (2000, p. 307). Aqui se esclarece que a construção do gauchismo enfraquece os sentidos históricos e culturais do estado e do município, em benefício de uma rede de significações representativo-simbólicas.

Não se trata, é claro, de retornar às denúncias paranóicas, às concepções conspirativas da história, que acusavam a modernização da cultura massiva e cotidiana de ser um instrumento dos poderosos para explorar mais. A questão é entender como a dinâmica própria do desenvolvimento tecnológico remodela a sociedade, coincide com movimentos sociais ou os contradiz (GARCIA CANCLINI, 2000, p. 308).

É preciso verificar o que essa revolução tecnológica provocou de fato. No Brasil, por exemplo, o avanço da massificação e industrialização da cultura não implicou, contrariamente ao que se costumava dizer, uma maior dependência da produção estrangeira. A sua produção de conteúdo desenvolveu-se através dos novos meios. O mesmo pode-se concluir no Rio Grande do Sul, pois a simbologia gauchesca disputa

espaços com outras referências, nacionais ou estrangeiras, nos meios de comunicação estaduais, que têm na Rede Brasil Sul (RBS) sua maior empresa, que domina a maior parte do mercado e serve como modelo no país.

Para Bourdieu, este desenvolvimento do sistema de produção de bens simbólicos “é paralelo a um processo de diferenciação cujo princípio reside na diversidade dos públicos” (2005, p.103). Mas a diversidade de produtos está condicionada à própria natureza dos bens simbólicos. Isto quer dizer que os valores propriamente culturais e mercantis co-existem e que a sanção econômica pode reafirmar a consagração cultural.

Fica claro que o processo cultural estudado aqui se desenvolve em um contexto contemporâneo, no qual este sistema capacitador, ou de produção de bens simbólicos, ou de indústria cultural, determina um padrão recorrente que notamos contribuir na reprodução do gauchismo, como referencial local dentro do sistema, onde o discurso contra o estrangeirismo se revela como um mecanismo de reconhecimento.

Esse processo, que anteriormente chamamos de pós-1980, e que é resultado da globalização, podemos denominar ainda de pós-modernismo, tema desenvolvido no capítulo 4. Segundo Garcia Canclini, “pós-modernismo não é um estilo mas a co-presença tumultuada de todos, o lugar onde os capítulos da história da arte e do folclore cruzam entre si e com as novas tecnologias culturais” (2000, p.329). Assim, elucidam-se os conceitos utilizados no Rio Grande do Sul erroneamente, ao referir-se ao gauchismo, como folclore e tradição. O gauchismo, como experiência simbólica propiciada pela cultura contemporânea, se opõe às estudadas por folcloristas, antropólogos e historiadores. É uma cultura híbrida. “Para a mídia e para as novas tecnologias recreativas não interessam as tradições senão como referência para reforçar o contato simultâneo entre emissores e receptores; não lhes importa a melhoria histórica, mas a possibilidade de participação plena e fugaz no que está acontecendo” (p.363).

Esta experiência midiática e simbólica, na teoria de Muniz Sodré, ocupa o *bios midiático*, onde acontecem relações sociais em um nível diferente de realidade, além sócio-histórica. Para o comunicólogo, “o *bios midiático* é a resultante da evolução dos meios e de sua progressiva interseção com formas de vida tradicionais” (2002, p.238). Historicamente, assinala o momento em que o objeto alcança uma posição poderosa e inédita frente à ordem clássica do sujeito.

A partir desta teoria, pode-se interpretar o gauchismo como uma simulação, um imaginário, criado nas relações entre sul-rio-grandenses através de um sistema capacitador, configurando-se como realidade no *bios midiático*. Essa realidade virtual é produzida pela sociedade sistematicamente. Podemos utilizá-la manipulativamente e ela parece organizar grande parte de nossos usos e costumes (SODRÉ, 2002, p.237). Assim, tem-se uma nova forma de vida onde o virtual pode ter mais peso fenomenológico do que as representações clássicas do real histórico.

No livro *Mídia Nativa* (2003a), a professora Nilda Jacks levantou importantes dados sobre o papel da indústria cultural durante o movimento Nativista, quando houve concomitantemente um *boom* de criação de CTGs, por volta de 1980. Tal assertiva faz crer que o desenvolvimento do gauchismo deu-se predominantemente a partir dessa década, conquistando as massas, a partir do sistema capacitador.

Para Jacks, a indústria cultural aproveitou uma oportunidade mercadológica e de identificação com um grande segmento do público, contribuindo na edificação de uma “cultura gaúcha” (1998, p.66). Com o movimento Nativista, houve uma passagem do CTG às grandes festas, como rodeios e festivais de música. O imaginário gauchesco foi composto pelos dois, calcado primeiro no jornal e no rádio AM, e, depois, com o acréscimo da televisão, do rádio FM e da internet.

Para provar sua tese, ela constata que, à exceção do rádio, a indústria cultural como um todo foi retardatária no acompanhamento do processo. O rádio acompanhou desde o início, com transmissões ao vivo, e no auge do movimento todos os festivais de música eram transmitidos, seja via rádio ou televisão. Importante ainda salientar que no início dos anos 1970, o rádio ocupava grande espaço, ainda maior que a TV, dentro do sistema capacitador, como ferramenta de massificação. A televisão cresceu posteriormente, assim como a venda de discos, nos anos 1980.

Mídia Nativa conclui que houve a massificação de festivais pelo Estado, na década de 1980, com o mesmo formato e mesmos artistas participantes, a maioria originária de Porto Alegre e de outros centros urbanos, a exemplo de Santa Maria. Houve ampla cobertura das rádios desde a primeira edição da Califórnia da Canção (1971). A demanda por comprar discos se deu porque as músicas foram massificadas nas rádios, um exemplo típico de funcionamento da indústria cultural.

Para Jacks, uma explicação possível para o Nativismo é que se tratou de um movimento “que conseguiu impor-se por carregar uma *força intrínseca* muito grande e significativa, acrescido do fato de ter sido estruturado com bases locais e apoiado por instituições da sociedade civil e pela indústria cultural ‘local’” (p.86, grifo meu). A hipótese da “força intrínseca” pode ser considerada também como “ausência” de identidade, pois a cultura depende da experiência, determinada pelo fator externo, muito mais que por predisposições congênitas. É importante afirmar também que depois de dois séculos da hipotética existência do tipo social ideal do gaúcho, nascem indivíduos que encontram meios tradicionalistas e nativistas, cujos equipamentos sustentam a “força intrínseca” gauchesca. Nesta dissertação procuro interpretar que o gauchismo foi inventado por dinâmicas político-regionalistas e se massificou através da indústria cultural. Caso contrário, o Rio Grande do Sul desenvolveria sua diversidade cultural e não a unificação em um estereótipo, fato corroborado pela autora, ao comprovar que os festivais eram promovidos por prefeituras e CTGs (16), além de outros 9 por outras entidades.

Jacks enfatiza também que a RBS TV dominou a televisão aberta do estado e incentivou o nativismo através de programas especiais e publicidade temática motivada. Entrevistando os produtores culturais da época, publicitários e jornalistas, descobriu que eles tinham certa autonomia e que teriam captado a força que advinha do nativismo, ou em alguns casos atenderam à vontade dos clientes. Portanto, os produtores culturais foram determinantes ao escolherem o gauchismo como referência cultural a ser massificada. Caberia um estudo prosopográfico dessa elite. Em nota de rodapé, observou que muitos publicitários entrevistados apontaram a RBS como a responsável por “impor” a cultura que chamaram de gaudéria à população do estado. Por contraditório, quando se escreve sobre uma reação do Rio Grande do Sul contra a massificação cultural advinda de fora do Brasil e do próprio centro do país, desconsidera-se a massificação que a RBS empregou dentro do estado.

3.1 O sistema capacitador passo-fundense

O jornal impresso foi o meio de comunicação mais difundido do final do século XIX até 1935. Surgiram nesse período, em Passo Fundo, 15 órgãos de circulação local.

Apenas dois perduram até hoje: *O Nacional*, de 1925, e o *Diário da Manhã*, de 1935. O cinema passou a ter sessões na cidade a partir de 1915. Até 1930, foram fundadas quatro salas e um cinema ao ar livre, que funcionava na rua General Neto, esquina com a Independência (ROSSO; SIQUEIRA, 1998, p.100).

Na década de 1950, foi fundada a Rádio Municipal, em uma época de franco desenvolvimento econômico e modernização do campo no Rio Grande do Sul. Em Passo Fundo, os carros-chefe eram os setores agrícola e comercial. O reflexo social imediato desse processo foi a sobra de mão-de-obra agrícola, que em Passo Fundo, como em outros municípios, passou a buscar novos meios de sobrevivência, na forma assalariada urbana. Nota-se aqui o processo histórico que corresponde a uma revolução cultural, a partir da urbanização e do desenvolvimento tecnológico. Os meios de comunicação eram cada vez mais eficientes e a propaganda divulgava produtos, criava necessidades, ampliava a faixa de consumidores, o que possibilitou “o desenvolvimento industrial e comercial, surgindo mercado para a mão-de-obra vinda do campo” (CANTÚ; AMBROS; SIQUEIRA, 1998, p.121).

Como era a cultura de Passo Fundo, antes desse processo?

Até 1952 não existiam Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) na cidade. A sociedade divertia-se nos clubes sociais, como o Caixeiral Campestre, em noitadas de audição de canto e piano. Havia apresentações teatrais, cinema, bailes de gala, apresentações de mágicos (CANTÚ; AMBROS; SIQUEIRA, 1998, p.121). Um episódio relatado por Ney Possap D’Avila, marca claramente a chegada do gauchismo na cidade, como algo novo e não pertencente à cultura local. O Centro de Tradições Gaúchas “Lalau Miranda”, fundado em 24 de março de 1952, quando ainda não possuía sua sede (galpão), realizava seus bailes tradicionalistas estreiantes nos salões do Clube Caixeiral Campestre.

O primeiro baile “à gaúcha” ocorreu no Caixeiral no dia 20 de setembro de 1952. Nota pitoresca: - Os “cola fina” do centro da cidade pilcharam-se e foram bailar de bota e esporas. Resultado, o assoalho do salão ficou todo riscado e a patronagem teve que arcar com a despesa do “conserto”. Isso aconteceu porquanto aqueles pioneiros do gauderismo urbano não conheciam a velha regra da educação do gaúcho, “o revólver e as esporas ficam aos cuidados do dono da bailanta”. (D’AVILA, 2001, p.108)

Welci Nascimento escreveu que após a fundação do CTG 35 em Porto Alegre, a idéia logo se espalhou pelo Rio Grande do Sul, “chegando em Passo Fundo em 1952, através do professor Antônio Donin, vindo da cidade de Rio Grande, que de imediato contou a novidade para Múcio de Castro, jornalista e diretor presidente de O Nacional, Ney Vaz da Silva, empresário, Jorge Cafruni, professor, e Tenebro Santos Moura, funcionário público e poeta. Dia 24 de março de 1952, foi fundado o CTG Lalau Miranda e elaborado seu estatuto, nos moldes do 35. A primeira presidência foi de Múcio de Castro.

A fundação do CTG Lalau Miranda foi seguida da primeira Semana Farroupilha organizada em Passo Fundo, em 20 de setembro de 1952, no Clube Comercial, com atos cívicos e apresentações artísticas. Desde a fundação, a Rádio Passo Fundo iniciou um programa gauchesco, apresentado todos os domingos, que durou mais de 40 anos.

Já no nascedouro, iniciava a transferência de bens públicos para o tradicionalismo em intrusão no município. A prefeitura apoiou o centro, designando um terreno para a construção de um "galpão crioulo". Em 1956, o poder público concedeu outro terreno, para a construção de uma cancha de carreira, para corrida de cavalo em cancha reta.

O CTG se apresentava em outras cidades do estado e do país, com danças e músicas tradicionalistas. Em 1954, apresentou-se na Rádio Nacional no Rio de Janeiro. De acordo com Welci Nascimento, a entidade “representava” Passo Fundo. Em 19 de abril de 1966, o prefeito Mario Menegaz conferiu ao CTG "Pergaminho Honorífico", pelos relevantes serviços prestados a Passo Fundo, no setor tradicionalista e cultural (1992b, p.57).

3.1.1 Rádio

A primeira emissora do Rio Grande do Sul foi a Rádio Sociedade Gaúcha de Porto Alegre. Na época havia orquestras que tocavam jazz, samba, choro e tango. Pequenos grupos tocavam habanera, chimarrita e outros ritmos. Havia gaiteiros e trovadores. Mas até aí não se pilchavam e eram fruto da miscigenação brasileira. De acordo com a pesquisa de Henrique Mann, em 1935 apareceram os primeiros programas exclusivamente gauchescos, como o “Campereadas”, da Rádio Gaúcha. É nesta época que surge o catarinense Pedro

Raymundo, um dos principais nomes da música regionalista no nascedouro da radiofonia gaúcha. “Pedro Raymundo, veremos adiante, será o pioneiro da música gauchesca no Brasil e um fenômeno de massas para as proporções da época” (MANN, 2002, p.11).

Em Passo Fundo, o primeiro programa radiofônico de música gaúcha iniciou em 1952, realizado pelo CTG Lalau Miranda, aos domingos à tarde, com Ivo Paim, transmitido pela Rádio Municipal. A seguir, vieram novos programas, como o do CTG Getúlio Vargas e o “Entardecer no Rio Grande” (1958 a 1959), apresentado por Vitor Mateus Teixeira. Teixeira, como ficou conhecido, foi tratorista e dono de banca de tiro-ao-alvo. Ele se tornaria um fenômeno nacional e o maior símbolo da cidade, ligando ao gauchismo.

Orfelina Vieira Melo escreveu, em “Resgate da Música Gaúcha em Passo Fundo”, sobre essa gênese do gauchismo nas ondas do rádio. É interessante observar que antes desses programas não havia reprodução de música gauchesca. E mesmo no seu início, era uma música que se relacionava com as estéticas interioranas do Brasil.

Quando abriu a rádio Planalto [1969], Epaminondas Xavier apresentou por 10 anos o programa que tinha o seu nome. Diariamente, das 6 às 7 horas, Passo Fundo despertava com a música gaúcha, o que era praticamente uma novidade, pois até então era a música sertaneja de São Paulo que acordava também os rio-grandenses... (MELO, 1998, p.25)

Sobre os principais movimentos que colaboraram na construção do gauchismo, Tradicionalismo e Nativismo, Melo aponta a inserção de ambos na cidade de Passo Fundo. O surgimento do Tradicionalismo, por exemplo, coincide com a instalação das rádios AM na região do Planalto. Mais tarde, na mesma época do Nativismo, observa-se também o início das rádios FM e o incremento nas programações com música gauchesca em diversos horários. Quanto à FM, a autora associa ainda a adesão do jovem, garantindo espaço nas emissoras para música nativista, em um meio de comunicação “cuja característica é a vibração e a música do momento” (p.25). Escreve ainda que os programas radiofônicos e a comunicação gauchesca estimularam o tradicionalismo³⁴.

³⁴ A Fundação Cultural Planalto de Passo Fundo, pertencente à Mitra Diocesana de Passo Fundo, que já mantinha sua rádio AM, fundou em 1986 a Planalto FM, que na década de 1990 teve sua programação convertida para 100% gauchesca, excluindo a “música ambiente”, predominante até então (RÁDIO PLANALTO)

A partir de 1973, inicia uma fase de ampliação dos meios de comunicação social em Passo Fundo, com a unidade móvel da Rádio Planalto, transmitindo ao vivo atos políticos e eventos de CTGs. “A transformação da Sociedade Radiodifusão Planalto Ltda. para Fundação Cultural Planalto de Passo Fundo teve a tutela da Igreja Católica, interessada em ampliar o seu poder de *convencimento* junto à população passo-fundense” (CANTÚ; AMBROS; SIQUEIRA, p.126).

3.1.2 Fundação Cultural Planalto

A Fundação Cultural Planalto merece um sub-capítulo neste trabalho, dado seu engajamento pelo gauchismo. Possui a Rádio Planalto FM, em operação desde o dia 16 de julho de 1982. No início, sua programação privilegiava a música ambiente, mas, desde a metade da década de 1990, a emissora toca exclusivamente música gaúcha e cobre eventos tradicionalistas da região³⁵. A emissora, compartilha o mercado de audiência com mais três emissoras FMs da cidade e duas emissoras da região. Possuía 38,74% de audiência, conforme pesquisa de outubro de 2002.

A Planalto FM, devido à divulgação da “cultura gaúcha”, recebeu o Prêmio Teixeira da Assembléia Legislativa, em novembro de 2005. Conforme Daltro José Wesp, no editorial da revista Somando, “a Fundação Cultural Planalto de Passo Fundo teve o orgulho de ver sua emissora FM receber o Troféu Vitor Mateus Teixeira, como a rádio mais gaúcha do Rio Grande do Sul (e, por consequência, do Brasil)” (dez. 2005, p.03). Esse prêmio foi instituído pela resolução 2.708/97, da Assembléia Legislativa, e é conferido aos nomes de maior destaque da música teuto e ítalo-rio-grandense e regionalista. No ano de 2005, a rádio Planalto FM venceu a categoria veículo de comunicação. Também são premiados artistas e produtores musicais, indicados por deputados e avaliados por uma comissão composta por representantes do Sindicato dos Compositores, Associação Gaúcha dos Músicos Profissionais, Associação Gaúcha de Artistas Regionais, Movimento Tradicionalista Gaúcho e Diretoria de Atividades Culturais da AL. A indicação da rádio

³⁵ Ver: KLEIN; BOTH, 2001, p.161.

passo-fundense foi feita pelo deputado Giovani Cherini (PDT), idealizador da premiação e que constantemente pauta sua atuação política em datas comemorativas regionais, pilchando-se.

De acordo com o texto escrito pelo padre Darci Domingos Treviso, diretor-executivo da Fundação Cultural Planalto de Passo Fundo, fornecido via e-mail, por Jocelia Almeida (gerente comercial das rádios), em 10 de agosto de 2007, “a Planalto FM tem como característica a valorização da cultura gaúcha, por isto, nas 24 horas diárias, leva música nativista e gaúcha”. Com esta programação, “busca cultivar e valorizar as tradições do Rio Grande do Sul, divulgando fatos históricos que marcaram a construção e desenvolvimento do Estado, interpretados através de canções por apreciadores da história rio-grandense”. Esse posicionamento programático da emissora revela sua proximidade com o MTG, pelo discurso, e a predisposição a vincular a história regional estreitamente ao gauchismo.

Desde 1997, a Fundação Cultural Planalto adquiriu os direitos de publicação da revista *Somando*, periódico de circulação mensal, com orientação para os empresários, outro veículo que publica artigos e reportagens em favor do ideário tradicionalista. Exemplo disso é a reportagem “7ª Região Tradicionalista conquista prêmio máximo no Enart”³⁶ (SOMANDO, dez. 2005, p.17). Em texto não-assinado, confunde-se a autoria entre o editorial da revista e o MTG, pois afirma: “A 7ª Região está em festa, pois trouxe o prêmio máximo do Enart de 2005, o troféu Marca Grande, por ter sido a região que obteve a maior pontuação entre as diversas modalidades”.

A Planalto AM, fundada em 05 de abril de 1969, pretende-se como rádio de informação. Nela são expressas muitas idéias do grupo, em debates e comentários de radialistas³⁷. Em datas festivas, como 20 de setembro – “o levante farroupilha” – a programação é voltada a evidenciar as festividades e a explorar o mito gauchesco. Por exemplo, no dia 18 de setembro de 2006, às 10h13min, no programa de debates

³⁶ O MTG promove, desde 1986, os Encontros de Arte e Tradição Gaúcha (ENART), onde os CTGs competem em diversas modalidades. Ver MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO.

³⁷ A emissora se apresenta desta forma: “A Rádio Planalto AM, possui 5 KW, se caracteriza por ser uma rádio jornalística, apresentando em sua programação 18 horas de jornalismo ininterrupto. É uma emissora regional que informa para formar opiniões, presta relevantes serviços à comunidade, através de seus noticiários, entrevistas, avisos de utilidade pública, celebrações religiosas, jornadas esportivas e grandes eventos regionais, assim se destaca por ser uma emissora cultural” (RÁDIO PLANALTO, Histórico).

apresentado por Daltro José Wesp, com participação do jornalista Alex Sandro Franciosi, comentaram a Mostra da Cultura Gaúcha, evento integrante da Semana Farroupilha, elogiando com entusiasmo a performance das três únicas entidades que participaram do desfile. Mas lamentaram que tivessem sido apenas três. Em seguida chamaram a atenção para a data: Dia dos Símbolos Nacionais. Então Wesp reclamou da “perda de valores na sociedade” e da “educação deficitária”. Franciosi comentou, em tom pejorativo, um artigo que leu “nessa semana, de um professor”, falando do comportamento do “gaúcho”. Wesp replicou o comentário de Franciosi, afirmando que os professores têm um problema, pois, segundo o “relativismo cultural” e o “materialismo histórico”, não convém celebrar o 7 de setembro, por exemplo, porque é “coisa de ditadura”. Franciosi continuou no seu tom pejorativo, dizendo que “o marxismo quer acabar com esse tipo de manifestação cívica”.

Os comunicadores nesse episódio revelaram posições em favor do civismo e do gauchismo. Também manifestaram uma posição estereotipada em relação à academia e à historiografia crítica.

No processo de identificação contemporâneo é recorrente a valorização do civismo, da família e da religião. De acordo com a teoria de Manuel Castells, quando as redes dissolvem o tempo e o espaço, as pessoas se agarram a espaços físicos, recorrendo à sua memória histórica. “Quando o sustentáculo patriarcal da personalidade desmorona, as pessoas passam a reafirmar o valor transcendental da família e da comunidade como sendo a vontade de Deus” (1999, p.85).

O gauchismo em Passo Fundo surge como uma forma de referência física a uma memória histórica. Mas esta memória foi construída. Assim, como é o caso da Fundação Cultural Planalto, as pessoas passaram a reafirmar “valores” da família e cristãos. Essa assertiva explica a vinculação destes valores à identidade gauchesca em Passo Fundo, pois os fluxos de informação na sociedade em rede carregam a lógica de dominação global. Destarte, o gaúcho midiático que a Fundação reproduz seria apenas uma manifestação da cultura da realidade virtual, não fosse o discurso de família, comunidade e Deus, associados a ele.

3.1.3 Jornais impressos

Os primeiros 50 anos da imprensa passo-fundense foram marcados por periódicos impressos de cunho político-partidário ou literários. O “Echo da Verdade” (1890) foi a primeira publicação. Esse estilo entrou em decadência, até que teve início a circulação do “O Nacional” (1925) e do “Diário da Manhã” (1935), de pretensões empresariais, ativos até hoje.

De acordo com o estudo de Sônia Bertol e Fabíola Frosi, notou-se que a cidade acompanhou o processo ocorrido no estado, estudado por Francisco Rüdiger (2007, pp.135-154). Ou seja, a partir de 1885, há uma intensificação da Imprensa Partidária, motivada pela movimentação política causada pela proximidade da abolição da escravatura e da proclamação da República e surgem os primeiros jornais italianos, com aumento no número de publicações em colônias de imigrantes. Ao aproximar-se o século XX, a imprensa sul-rio-grandense foi sofrendo novas transformações e, aos poucos, pequenos jornais começaram a adquirir características de empresas.

As mudanças significativas implantadas estavam ligadas ao recebimento de notícias, através dos serviços telegráficos, da especialização nas seções (esportes, cinema, vida social), devido à diversificação do público. A criação do jornal Correio do Povo, de Porto Alegre, em 1895 marca a modernização do jornal gaúcho, em moldes industriais, estrutura técnica e administrativa como empresa.

A própria natureza do processo comunicacional teve mudanças. Como Jean- Noël Jeanneney aponta, a velocidade e o ritmo levam os jornalistas a privilegiarem o oral, o telefone, a conversa, em relação ao escrito. Assim, “dirige o espírito dos atores para o mais instantâneo, matando rapidamente, na maioria deles, qualquer interesse perseverante por um passado amarelecido – a não ser por algumas anedotas que sobrevivem” (1996, p.215). Então a história, escrita baseada na pesquisa não é privilegiada na consulta pela imprensa. No caso dos eventos gauchescos, são privilegiados os discursos dos produtores culturais, em detrimento dos historiadores.

Esse fenômeno é demonstrado através das reportagens de jornais, de rádio, de televisão, bem como nas publicações do governo municipal. Busca-se, assim, o

entendimento do processo de comunicação na divulgação e cobertura dos eventos gauchescos.

No jornal ligado à administração empresarial, se registra a tendência a acentuar a “gauchicidade”. Zero Hora e Correio do Povo, ambos publicados na capital gaúcha, abriram espaço para o “regionalismo” e, de acordo com Léa Masina, atestam a “preocupação constante com a questão da identidade gaúcha, valorizando-se agora, mais do que antes” (2002, p.101).

Fica claro que, considerando o processo histórico, o gauchismo teve início em um contexto de massificação tecnológico-cultural. Mas é importante tentar desvendar o uso que o presente faz do passado, além das relações entre memória e história.

Maria Eurydice de Barros Ribeiro alerta que “seguidamente, sem que nem sempre tenhamos consciência, a realidade histórica é camuflada em sua representação”. A autora lembra que os meios de comunicação constituem, na verdade, uma instituição sócio-econômica seletiva que possui os seus próprios interesses. “A produção do acontecimento filia-se a um lugar. Conseqüentemente, a narrativa que chega até nós é o produto de um meio, onde as relações de poder desempenham um papel essencial” (1994, p.104).

De acordo com a teoria de Bourdieu, esse meio, da indústria cultural, está sujeito ainda aos mecanismos de reprodução e consagração. Comparando o campo erudito ao da indústria cultural, o teórico nota que a recepção dos produtos do segundo é “mais ou menos independente do nível de instrução dos receptores (uma vez que tal sistema tende a ajustar-se à demanda)” (2005, p.117). Ao mesmo tempo, esses produtos são mais acessíveis e menos raros culturalmente. Portanto, pode-se refletir sobre o papel dos jornais na época, como veículos de circulação estadual e como empresas. Vendiam no estado inteiro e muito lhes convinha uma identificação cultural homogênea dentre seus leitores para um maior apelo.

Essa fase testemunha, além de uma ascensão dos jornais da capital, como O Correio e o Diário de Notícias, o enfraquecimento dos jornais interioranos, que permaneceram por mais algum tempo ligados à atividade política local devido à falta de sustentação econômica para transformá-los em empresas.

Alguns jornais foram surgindo, aos poucos, no interior, com a pretensão de empresas jornalísticas. Em Passo Fundo, surgem, nesse contexto, os jornais O Nacional, em

19 de junho de 1925, e o Diário da Manhã, em 28 de novembro de 1935. Eles ainda existem, mas nunca chegaram a adquirir status estadual, como as empresas metropolitanas. Seus estilos são contemporâneos, baseados muito na imagem em detrimento do texto, reflexo da influência lingüística da cultura de massa.

Uma amostra deste fazer jornalístico pode ser constatado na cobertura da Semana Farroupilha de 2006. A capa da edição do dia 12 de setembro do jornal Diário da Manhã é emblemática. Traz uma fotografia de um tradicionalista pilchado, montado a cavalo e com o chapéu junto ao peito, em um gesto de reverência cívica. A manchete dizia “Orgulho de ser gaúcho”. O curioso é o automóvel fusca que aparece ao fundo, que nos sugere a troca de locomoção do sujeito da imagem. No texto de introdução à reportagem, escreveu-se que a Semana Farroupilha é um momento especial para quem cultiva as tradições com paixão. “A exaltação do orgulho de ser gaúcho fica evidente nas vestimentas, e nas práticas de hábitos antigos como andar a cavalo, participar de tertúlias, dançar ou se reunir em CTG para um café de chaleira ou uma comida campeira” (p.01).

Esse texto reproduz o estilo festivo da data e foge da objetividade jornalística padrão nos jornais empresas, baseada em manuais de redação e estilo. O fazer jornalístico “moderno” não recomenda a apreciação pessoal e apaixonada do repórter sobre a notícia. Também desaconselha o excesso de adjetivação na redação de jornal (ERBOLATO, 1991, pp.90-95).

“Orgulho gaúcho” é uma abstração repetida incessantemente na Semana Farroupilha por tradicionalistas e pela mídia, seja na imprensa ou na publicidade. A manchete da edição acima, ocupava metade do espaço da capa, sendo o maior destaque da página pelo tamanho da foto e das letras do título. Na página 06, a reportagem foi diagramada com três fotos e texto em página inteira. Lê-se na matéria que o prestígio dos eventos tradicionalistas não se dá apenas na imprensa, pois a autoridade máxima municipal esteve presente ao início das festividades da Semana Farroupilha. O prefeito Airton Dipp carregou a “chama crioula”, uma tocha de fogo que simboliza a abertura das festividades de 20 de Setembro. Dipp comentou: “comemoramos o maior evento gaúcho, levando e engajando de fato a cultura gaúcha a nossa comunidade. A intensificação das culturas e tradições reflete no presente e no futuro e, somente, através da nossa história resgatamos a cidadania gaúcha” (DIÁRIO DA MANHÃ, 12 set. 2006, p.06).



Figura 2 – Capa do jornal Diário da Manhã de 12 de setembro de 2006

A reportagem do jornal termina com um quadro intitulado “Assim se fez o gaúcho”, tema da Semana Farroupilha daquele ano, escolhido pelo MTG. No texto reproduz-se fielmente o discurso do Movimento, que defende que várias etnias formaram o gaúcho. “Todos contribuíram para a formação do gaúcho e deram sua colaboração para o que hoje são crenças, valores, princípios e ideais gauchescos.”

Naquela semana, o jornal Diário da Manhã destacou as festividades gauchescas na capa ou contracapa todos os dias, de 12 a 21 de setembro de 2006. As reportagens ocupavam meia página ou página inteira. No dia 13 de setembro, a empresa jornalística engajou-se nas comemorações e recepcionou o público na sede com funcionários pilchados, conforme nota divulgada na edição do dia. Em página inteira, escreveu-se sobre atividades

em escolas e o movimento no comércio. “As lojas de artigos campeiros estão cheias de ávidos consumidores em busca de roupas e adereços que melhor representem a cultura gaúcha” (DIÁRIO DA MANHÃ, 13 set. 2006, p.05). Nota-se a desvinculação do gauchismo com o cotidiano, pois é durante a Semana Farroupilha que as pessoas procuram comprar pilchas e se representarem como gaúchas, ao contrário do resto do ano.

Em reportagem especial, no dia 20, o jornal publicou em uma página duas versões antagônicas sobre a música em CTGs. De um lado, o tradicionalista Orlei Caramês foi entrevistado para opinar sobre a proibição do MTG sobre o estilo Tchê Music, não permitindo shows de grupos que “modernizam a música gaúcha” dentro de seus centros. Em contraponto, Lê Vargas, integrante do grupo Tchê Guri, revelou ter público maior em feiras e clubes populares do que dentro dos CTGs. A redação do jornal não se posicionou na polêmica, apenas mostrou os dois lados equitativamente.

Naquele ano, a Semana Farroupilha coincidiu com a campanha política para as eleições da presidência da república e governo estadual. Apropriando-se também do gauchismo, candidatos concorrentes utilizaram-se da data festiva para demonstrar identificação. O candidato à presidência Geraldo Alckmin (PSDB), esteve em Passo Fundo no dia 16 de setembro, vestiu um lenço vermelho e posou para fotos tomando chimarrão. O governador do Rio Grande do Sul e candidato à reeleição, Germano Rigotto, participou da cerimônia de abertura da Semana Farroupilha ao lado de tradicionalistas, dentro do Palácio Piratini, sede do governo, e comentou que “dentro dos próximos anos a Semana Farroupilha trará pessoas de todo o território nacional e do exterior, será um dos maiores eventos turísticos do Brasil” (DIÁRIO DA MANHÃ, 15 set. 2006, p.07). O candidato ainda teve um artigo publicado nos jornais de todo o estado, intitulado “Sempre gaúchos”. Rigotto escreveu: “Temos nos empenhado em valorizar a Semana Farroupilha e em fazer dela um momento especial de reencontro do povo gaúcho com suas origens” (p.10).

O senador Paulo Paim (PT/RS) também aproveitou a data para expressar idéias próprias através do gauchismo. Em artigo publicado no Diário da Manhã de 20 de setembro de 2006, Paim criticou a política econômica nacional que, segundo ele, prejudicava o estado do Rio Grande do Sul assim como na época da Revolução Farroupilha. Clamando por um novo pacto federativo, o senador escreveu que é preciso mais autonomia aos estados e municípios e “que falta faz a força dos ideais farrapos” (p.18).

A política local, além de promover os festejos oficiais em parceria com o MTG, expressou reverência às festividades. O vereador Verceli de Oliveira (PMDB), por exemplo, foi trabalhar todos os dias devidamente pilchado.

A cobertura dos eventos realizados na Semana Farroupilha de 2006 pelo jornal O Nacional foi similar à do concorrente, evidenciando atividades escolares e de CTGs, a Mostra da Cultura Gaúcha e o desfile cívico de 20 de setembro. A diferença se deu através de artigos de opinião. Ao invés de publicar textos escritos por políticos, o jornal manteve seus colunistas semanais, que abordaram o tema a seu modo. Dentre os colunistas estavam historiadores-professores da Universidade de Passo Fundo (Mauro Gaglietti e Mário Maestri), o Superintendente da Fundação Cultural Planalto, Daltro José Wesp, e os membros da Academia Passo-Fundense de Letras, Meirelles Duarte e Welci Nascimento. Os primeiros procuraram trazer subsídios históricos para refletir sobre a Revolução Farroupilha e desmistificar algumas passagens do discurso tradicionalista. Mário Maestri, por exemplo, escreveu que “os farroupilhas lutaram para ampliar seus bens, em gado, terras e cativos, e não para restringi-los. Jamais pensaram em libertar cativos e distribuir terras” (O NACIONAL, 19 set. 2006, p.13), contrariando os “ideais de liberdade e igualdade”, presentes no gauchismo e evocados na Semana.

Ao contrário do historiador, Wesp utilizou o tema “Assim se fez o gaúcho” para dissertar em três momentos, justificando, a seu modo, a escolha da temática pelo MTG para pautar as comemorações da Semana Farroupilha daquele ano. No primeiro artigo, o colunista afirmou que “o gaúcho é uma miscigenação de raças (índio, branco e negro)” (O NACIONAL, 6 e 7 set. 2006, p.19). No seguinte, Wesp reproduziu fatos históricos desde as grandes navegações das coroas ibéricas até processos geopolíticos brasileiros dos séculos XVI ao XIX. No último artigo de sua série, escreveu sobre as missões jesuíticas, revoluções do século XX e o surgimento do tradicionalismo, como sucedâneo dos processos anteriores. Na versão histórica de Wesp, o gaúcho nasceu para “perpetuar-se na glória da humanidade, com todos os seus valores e conquistas heróicas, conservando a tradição de um povo que lutou para sobreviver nas planícies sul-americanas, demarcando fronteiras para construir pátrias” (O NACIONAL, 20 e 21 set. 2006, p.15). Antinomicamente, esses eventos das “planícies”, por óbvio, não pertenceram ao planalto. Todavia, não cabe aqui analisar as licenciosidades “históricas” do radialista.

3.1.4 Revista Água da Fonte

A Academia Passo-Fundense de Letras lançou em dezembro de 2003 a primeira edição da revista “Água da Fonte”, com textos de seus membros e de colaboradores, editada semestralmente. A característica desta revista deveria ser diferenciada do estilo de texto de jornal, por coerência de estilo editorial. Entretanto, muitos dos textos publicados têm seguido a linha dos publicados pelos jornais Diário da Manhã e O Nacional. Muitos acadêmicos são colunistas dos jornais e repetem os textos. Assim, a Academia Passo-Fundense de Letras não cumpre um papel propriamente cultural, como de uma academia literária, nos moldes do campo erudito. Ela funciona mais dentro da lógica do campo da indústria cultural, reproduzindo e ajudando a legitimar as referências culturais consagradas, assim como a imprensa o faz.

Na primeira edição, o escritor Veríssimo da Fonseca escreveu “Síntese de um povo” (Água da Fonte, Revista da Academia Passo-Fundense de Letras, ano 1, nº1, dez. 2003, pp.22-25). Para ele, a Semana Farroupilha não é a comemoração de uma guerra fratricida, nem da coragem e do heroísmo do povo rio-grandense. Pois nenhuma “batalha deve ser comemorada, no sentido de festejar, mas sim no de memorar em conjunto, pois sempre implica em sacrifício de vidas e sofrimento de um povo. Memoramos em conjunto, sim, a lição de civismo dada pelos nossos ancestrais” (p.22). Veríssimo segue afirmando que entre as duas facções havia uma coisa em comum: o civismo, o respeito pela pátria.

E segue com a opinião que, desde a fundação da Colônia do Sacramento até a batalha do Passo do Rosário, com a Argentina, “o povo gaúcho lutara pela conquista desse solo, sem interrupção”. Esta história justificaria a identidade gauchesca:

Os comandantes gaúchos brasileiros, com a têmpera forjada em 148 anos de lutas, e preteridos em comandos pelo governo central, voltaram das guerras com o ideal de formar uma república federativa do Brasil; e de não mais aceitar a interferência do governo central em suas decisões, no que dizia respeito aos interesses dos estados (p.22).

Para o membro da APL, negar a identidade cultural de hoje com o gaúcho de ontem, e afirmar que o gaúcho é um mito, é desconhecer as descrições que dele fizeram diferentes

e insuspeitos cronistas da época. “É pura opinião pessoal, sem embasamento histórico-social”. Ele acredita que a Revolução Farroupilha sintetizou o caráter do povo rio-grandense em busca da democracia. “Exemplo de civismo, na luta pelo ideal federativo democrático, não concluído” (p.23).

Para Fonseca, o sistema social-militar influenciou na formação do gaúcho e na tradição, mas o MTG se retirou dos quartéis onde nasceu, pois fora conquistado o serviço militar obrigatório em 1916. “O MTG tornou-se independente e passou a habitar os galpões do Rio Grande, em rodas de fogo de chão, onde o mate-chimarrão tem mais sabor, e onde as portas estão abertas para repouso e abrigo dos andantes” (p.24). E termina o texto desta forma: “Tradição é prática da Educação Cívica” (p.25).

Na terceira edição de “Água da Fonte”, Welci Nascimento escreveu sobre o CTG Lalau Miranda e afirmou algumas convicções, como de que “tradição é o ato de transmitir”, para logo concluir que “tradição é memória”. “Ela se transmite de geração em geração” (ÁGUA DA FONTE, jul. 2005. p.92).

Nascimento reconstitui, ao seu modo, a história do Movimento Tradicionalista Gaúcho, iniciado na capital do estado, Porto Alegre. “Estávamos passando pela ressaca da Segunda Guerra Mundial e os americanos queriam nos abarrotar de cultura norte-americana, com suas músicas, roupa, cinema, etc” (p.92). Não deixa de reiterar que o movimento tradicionalista gaúcho no norte do Rio Grande do Sul teve início em Passo Fundo.

O autor revela que o primeiro galpão do CTG foi construído de forma rústica, “como manda a tradição”, num terreno doado pela Prefeitura Municipal. Era prefeito Daniel Dipp. E continua: “certa feita, em reunião da patronagem, o tradicionalista Gonorvam de Almeida Guedes defendeu a idéia de que o CTG deveria ter uma cancha reta para realizar carreiradas. Foi então criada a hípica do CTG Lalau Miranda” (pp.92-93). Mais uma vez a Prefeitura Municipal doou um terreno no bairro Vera Cruz. Era prefeito Wolmar Salton. Este texto reforça a tese de que o poder público e os intelectuais da Academia Passo-Fundense de Letras trabalharam, desde o início do tradicionalismo, no sentido de legitimá-lo em Passo Fundo.

A origem da Semana Farroupilha na cidade de Passo Fundo teve como marco uma sessão cívica realizada no Clube Comercial, no dia 20 de setembro de 1952. Depois da palavra do patrão Múcio de Castro, tiveram início as apresentações artísticas. Foram 16 apresentações de arte gaúcha, destacando-se as apresentações de Ivo Paim e Iraí Varela, que tocaram 'Perigo na Fronteira e Cavalo Preto'. As alunas da Escola Normal Osvaldo Cruz apresentaram um trabalho literário e o professor Cafruni disse uma aplaudida conferência: 'O gaúcho, um legado do índio e cavaleiro' (p.93).

Neste texto de Welci Nascimento está resumida a forma como o gauchismo se reproduz. O poder público municipal patrocina (prefeitos Dipp e Salton). Os "memorialistas" justificam (Cafruni). A mídia apóia (Múcio). Os colégios se engajam (E.N. Osvaldo Cruz). E a consagração intelectual ocorre através da Academia Passo-Fundense de Letras (Tenebro – um dos fundadores do Lalau). Sua militância fica clara quando o escritor defende a patronagem do CTG Lalau Miranda de 2005, que procurava dar atenção às novas gerações, "para que o tradicionalismo não desapareça com as gerações dos velhos". Nascimento observa no final que "é preciso, também, cuidar da área campeira, para não mantermos uma tradição de fantasia" (p.93-94).

A quarta edição de *Água da Fonte* (abr. 2006) mantém a publicação de textos gauchescos. Escrevem novamente Welci Nascimento (*A cultura gaúcha*, pp.90-91), descrevendo a estância pastoril; Veríssimo da Fonseca (*O gaúcho serrano*, pp.98-101), reafirmando o que já escreveu no livro *O gaúcho quem é...*; e Jabs Paim Bandeira (*Batalha do Pulador*, pp.106-109), reproduzindo passagens sobre a Batalha do Pulador, encontradas em alguns livros.

A quinta edição se destaca no conteúdo gauchesco. Além de uma reportagem sobre a história de Tenebro dos Santos Moura há outro texto de Welci Nascimento e um artigo já publicado no jornal *O Nacional*, assinado pelo jornalista e então presidente da APL, Antonio Augusto Meirelles Duarte (*Cristo só não andou pilchado por não existir CTG na época*, p.23).

O presidente inicia o texto lembrando que a música *Querência Amada*, de Teixeira ("Deus é gaúcho/ de espora e mango/ foi maragato ou foi chimango") inspirou sua opinião, levado pelos momentos que o 13º Rodeio Internacional de Passo Fundo proporcionou e que ele jamais esquecerá.

O valor do tradicionalismo gaúcho, um privilégio que Deus nos consagrou com exclusividade, hoje é cultuado nas principais capitais européias e nas mais importantes cidades norte-americanas, além dos países do Sul e da América Central. Um dos fatores que mais nos leva a admitir que o tradicionalismo é uma dádiva divina, pois prega a manutenção da dignidade, do respeito e do amor que os partidários dessa corrente têm, quer seja em seus 'galpões', sede dos seus CTGs, quer seja na própria vida íntima de cada família (ÁGUA DA FONTE, jun. 2007).

Segundo Meirelles Duarte, o tradicionalismo conseguiu superar a chamada “evolução dos costumes”, que jogou nossa mocidade na mais condenável libertinagem, alimentada e estimulada por novelas, revistas pornográficas e principalmente pela ausência dos pais. O autor acredita que o tradicionalismo inspira respeito, desde a infância, com meninos pilchados e meninas com seus vistosos vestidos de chita, o amor à arte, música, canto e dança, à natureza, “tudo dentro de um princípio que jamais foi superado ou desvirtuado”. Então conclui: “por esse verdadeiro milagre que é a resistência do movimento tradicionalista do estado às condenáveis mudanças de costumes e agir, é porque realmente Deus é gaúcho” (p.23). Meirelles corrobora com seu texto para a tese de que na contemporaneidade a identificação cultural carrega a variável “resgate de valores”.

Welci Nascimento (*Somos diferentes?*, p.106), por sua vez, reafirma a ideologia tradicionalista em uma interpretação histórico-cultural. Para ele, os imigrantes alemães, italianos e poloneses transmitiram suas culturas e, ao mesmo tempo, assimilaram os usos e costumes do povo gaúcho. “Dessa mescla étnica surgiu o gaúcho de hoje, cheio de sentimentos nativistas, orgulhoso de seu pago que, de pai para filho, de geração em geração, foram transmitidos, dando lugar à tradição” (p.106).

Este tipo de discurso colabora na criação de um imaginário que se postula a realidade, a natureza humana. Mas o sul-rio-grandense não nasce “gaúcho”. Ele será quando posto em contato com o gauchismo. De tanto ouvir e ver representados a bravura e o estilo gaúcho, ele o incorporará como identidade e o vivenciará, representando-o como aprendeu.

3.1.5 Televisão

Em 14 de maio de 1980 foram inauguradas pelo ministro das Comunicações, Haroldo Corrêa de Mattos, a TV Umbu e a Rádio Atlântida FM, em Passo Fundo (CANTÚ; AMBROS; SIQUEIRA, 1998, p.129). A RBS TV, principal rede de telecomunicação do Estado, foi conveniada desde o início das transmissões e, em 1992, a concessão passou para sua outorga.

A RBS TV tem origem na TV Gaúcha, inaugurada em 29 de dezembro de 1962, que logo se tornou afiliada à Rede Globo, principal rede brasileira, tendo como logotipo uma cuia de chimarrão e uma câmera – mostrando, desde o seu início, a intenção de identificar-se com uma cultura do Rio Grande do Sul (JACKS, 2003a, p.18).

Evidentemente não é possível generalizar sobre questão tão complexa como o papel da televisão na produção de sentido, muito menos afirmar genericamente sobre sua importância na afirmação das identidades culturais, entretanto, diante das evidências empíricas sobre a produção cultural de caráter regional que está em circulação no Rio Grande do Sul, tomando como um dos exemplos a RBS, fica difícil não admitir que ela exerça um papel importante na constituição dos processos culturais em curso, ou seja, participe do processo de construção e reconstrução da identidade cultural regional (p.18).

Nilda Jacks aponta nesse artigo uma hipótese da qual se compartilha neste texto, ao afirmar que a televisão teria papel importante na construção da identidade regional, ou seja, do gauchismo. Em Passo Fundo, a RBS TV é co-promotora do Campeonato RBS TV de Tiro de Laço, junto à 7ª Região Tradicionalista do MTG, que, em 2007, chegou a sua quinta edição. Também proporciona espaço para o programa “Momento Gaúcho”, produzido e apresentado por Daniel Bush, trazendo temas gauchescos semanalmente em horário nobre, no intervalo do programa Fantástico, aos domingos. Além disso, proporciona ampla cobertura jornalística de todos os eventos citados nesta dissertação.

Estudos do inglês Chris Barker (2003) sobre a realidade sul-africana fornecem subsídios quando afirma que no processo de globalização, a televisão se constitui em um recurso proliferador para a desconstrução e para a reconstrução de identidades culturais. O autor diferencia os anos em que havia apenas um canal e as pessoas viam os mesmos programas, então a televisão servia de unificadora da nação. O mesmo não poderia ser dito

hoje, com a oferta de televisão a cabo e satélite e de diversas emissoras dividindo o sinal aberto. A RBS TV, como emissora que domina a audiência no Rio Grande do Sul, cumpre um papel unificador local em Passo Fundo, principalmente a partir de 1992, mantendo o gauchismo como identidade estadual. Já em 1980, os domicílios urbanos com TV no estado chegavam a 90%. A empresa é hoje o segundo maior conglomerado de comunicação no país (RÜDIGER2007, p.376).

Esta lógica local estaria inserida ao mesmo tempo em uma lógica global, pois insistir na particularidade diante da diversidade incorpora-se no processo geral da globalização. O resultado é “una serie de formas de identidad híbridas y la producción de identidades tradicionales, ‘fundamentalistas’ y nacionalistas”³⁸, tão fortes como o processo homogeneizador (2003, p.81). Assim, a televisão em tempos de globalização se refere a fluxos de âmbito mundial de discursos e representações culturais que carregam questões de poder e identidade cultural.

O regionalismo da RBS é uma versão idêntica ao padrão televisivo-espetacular da Globo. O formato é do espetáculo televisivo estereotipado.

[...] la fuerza visual de la imagen televisiva debilita la connotación y atrofia nuestra capacidad de abstracción. El lenguaje perceptivo (hecho de imágenes y sonidos) es mucho más pobre que el lenguaje conceptual (hecho de abstracciones). Si en el dominio de la publicidad pasamos de la cosa – o del objeto – al producto, en el caso de los iconos nacionales o regionales, pasamos de la imagen de identidad (saturada de connotaciones) a la visión folclórica (denotativa), vaciada de significados o sólo connotada como exterioridad o exotismo³⁹ (MIX, 2006, p.43).

A televisão é global porque permite a circulação de formas narrativas semelhantes, essencialmente visuais, em todo o mundo. No formato dos programas é predominante a “bricolage”, que se constitui na colagem de imagens a partir de diferentes épocas e lugares,

³⁸ Uma série de formas de identidades híbridas e a produção de identidades tradicionais, “fundamentalistas” e nacionalistas.

³⁹ A força visual da imagem televisiva debilita a compreensão e atrofia nossa capacidade de abstração. A linguagem perceptiva (feita de imagens e sons) é muito mais pobre que a linguagem conceitual (feita de abstrações). Se no domínio da publicidade passamos da coisa – ou do objeto – ao produto, no caso dos ícones nacionais ou regionais, passamos da imagem de identidade (saturada de conotações) à visão folclórica (denotativa), vazia de significados ou apenas compreendida como exterioridade ou exotismo.

qualificando-se como estética pós-moderna. As “cores” regionais não são suprimidas, mas recicladas, passando a ser difundidas e percebidas dentro das novas condições de vida, como clichês pitorescos com apelo de consumo massificado (RÜDIGER, p.389).

Neste contexto global-visual da televisão, habita a representação gauchesca, como manifestação “kitch”, “pastiche”, ou “bricolage”, como será dissertado no capítulo 4.

3.2 O *fakelore gauchesco*

Antes de abordar o Festival Internacional de Folclore, faz-se necessária a conceitualização de folclore, para em seguida analisar um dos eventos mais expressivos da cidade de Passo Fundo, em público e repercussão na mídia. O Festival, e sua realização, interferem e confundem sobre os conceitos de folclore, tradição, costumes e cultura.

A prática consciente do folclorismo teve origem no século XVIII, quando se viu abrir um hiato entre a cultura patriciana e a da plebe. Para E.P. Thompson, isso ocorreu em toda a Europa, e uma das conseqüências foi o surgimento do folclore, “à medida que observadores sensíveis (e os pouco sensíveis) nas camadas superiores da sociedade promoviam a investigação da ‘Pequena Tradição’ plebéia, registrando seus estranhos hábitos e ritos” (1998, p.13).

Assim, desde a sua origem, o estudo do folclore teve este sentido de distância implicando superioridade, de subordinação [...] vendo os costumes como remanescentes do passado. Durante século e meio, o método preferido dos colecionadores foi reunir esses resíduos como ‘costumes de almanaque’, que encontravam seu último refúgio na província mais remota. Como declarou um folclorista no fim do século XIX, seu objetivo era descrever ‘os antigos costumes que ainda subsistem nos recantos obscuros do nosso país, ou que sobreviveram à marcha do progresso na nossa agotada existência humana’.

Sobre tradição, Thompson escreveu que a educação formal é um motor da aceleração e do distanciamento cultural, mas que ainda não se interpôs de forma significativa no processo de transmissão de geração para geração. Tradição seriam as

práticas e as normas que se reproduzem ao longo das gerações na atmosfera lentamente diversificada dos costumes. “As tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas exemplares” (E.P.THOMPSON, 1998, p.18).

Essa tradição e esses costumes são constituintes de uma cultura plebéia, que em seu cotidiano não está sujeita “ao domínio ideológico dos governantes”. Seria portanto rebelde, resistente à inovação do processo capitalista. Aqui fica claro que o gauchismo não opera da mesma forma que uma tradição e defesa dos costumes, pois é um fenômeno que se dá principalmente através das instituições e da mídia, e não pelos costumes em ambientes sócio-culturais. Sua reprodução não se dá desta forma “pura”, como quer Thompson, de geração em geração, mas pela mediação simbólica, pela criação estética, pelo dirigismo cultural e, fundamentalmente, pela interpretação historicizada de grupos intelectuais. Ao contrário da rebeldia, a mídia e o civismo o disciplinaram como obediência. De outro lado, no século XIX não existia a comunicação de massa como parte da cultura da população. Levava-se em conta como folclore aquilo que estava fora da educação formal e das estruturas do progresso. Tratava-se, além de tudo, de uma determinação física, de isolamento, fenômeno desconhecido pelo gauchismo, dado que ele se manifesta nas escolas, na mídia e através dos governos.

A coleção e o estudo do folclore ocorrem geralmente em pequenos países que padecem de auto-imagens, pobres em comparação com outras nações. Neles ocorre freqüentemente o fenômeno que Dorson chamou de *fakelore* (em que a palavra *folk*, isto é, povo, é substituída por *fake*, isto é, falso) e que designaria a apresentação de escritos espúrios e sintéticos sob a noção de que são folclore genuíno. “Essas produções não são coletadas no campo, mas são escritas a partir de fontes literárias e jornalísticas anteriores numa interminável corrente de regurgitação” (OLIVEN, 2006, p.30). Para Oliven, o folclore cumpre uma função psíquica nacionalista. Se necessário, os intelectuais inflam ou enfeitam fragmentos de folclore e fabricam o *fakelore*.

A suposta pobreza do folclore gaúcho não corresponde exatamente à realidade, sendo mais uma forma de alguns intelectuais legitimarem a necessidade de inventar as tradições, o que talvez seja mais fácil que pesquisá-las. Igualmente, cabe ressaltar que boa parte dos tradicionalistas têm uma visão do folclore como

sendo só o que foi catalogado, ignorando assim a pujança das manifestações populares que sempre existiram de forma espontânea no estado. Eles construíram uma figura frequentemente retirada do tempo e do espaço, a quem passam a 'defender' e considerar como sendo o legítimo representante dos valores do Rio Grande do Sul (p.168).

Os tradicionalistas foram inventando e se apropriando de uma série de tradições, algumas das quais se tornaram tão massivas que frequentemente são consideradas como sendo de origem folclórica apesar de seus criadores sempre ressaltarem que elas são criações suas.

Quanto à formação dos tradicionalistas, Oliven aborda os estudos de Barbosa Lessa, que escreveu a tese-matriz do MTG, *O sentido e o valor do tradicionalismo*. Descobre-se por depoimento que o autor teria lido apenas três livros para compor sua formação intelectual ligada às ciências sociais, e que estes seriam de pesquisadores americanos. Assim, o Movimento Tradicionalista Gaúcho é, sem sabê-lo, um dos maiores difusores das idéias das ciências sociais norte-americanas da década de quarenta e da Escola de Chicago, com suas concepções funcionalistas.

No mesmo texto, Barbosa Lessa afirma que “não se deve confundir o folclorista, por exemplo, com o tradicionalista: aquele é o estudioso de uma ciência, este é o soldado de um movimento” (LESSA apud OLIVEN, p.119). Então, pode-se entender o posicionamento dos atores do gauchismo como militante. É preciso investigar o quanto se confunde o folclore com esta tradição inventada, por mais que seus fundadores tenham alertado.

Garcia Canclini corrobora ao escrever que a longa lista de estudos sobre costumes populares e folclóricos que vêm sendo realizados desde o século XIX tornaram visível a questão do popular e instauraram os usos habituais, mesmo em nossos dias, dessa noção. “Mas suas táticas gnosiológicas não foram guiadas por uma delimitação precisa do objeto de estudo, nem por métodos especializados, mas por interesses ideológicos e políticos” (2000, p.208).

Jacks destaca a recorrência de uma “força intrínseca” (2003b, p.29), recorrente no discurso gauchesco, que fortalece a idéia de uma cultura regional pré-existente, a qual se insere por um hibridismo de referências mortas em um passado distante (ver JAMESON, 1996), não praticadas (sem continuidade antropológica), transpostas para o presente em um

formato contemporâneo dominante, que é o da indústria cultural. Mesmo com esse entendimento, consideram-se as ações do movimento Tradicionalista e de comunas literárias anteriores ao Nativismo, mas que não eram manifestações folclóricas, ou tradicionais, eram também híbridos de referências transpostas a formatos contemporâneos.

O texto de Jacks fornece informações importantes para se identificar essa transposição “kitch”, pós-moderna, na base da criação do gauchismo. Historicamente, a autora disserta que “nos anos 1950, surge o ciclo do *Tradicionalismo*, criado por jovens que ‘eram os gaúchos’ para contrariar a fase anterior em que os jovens ‘escreviam sobre os gaúchos’” (p.33). Isso significa que as gerações anteriores, do Partenon Literário e do Grêmio Gaúcho, forneceram as referências para formulação do estereótipo gauchesco, usado pela geração tradicionalista para se auto-afirmar. Não houve um aprendizado cultural de uma pra outra, através da vivência, mas sim a criação de algo novo, baseado em referências estanques.

Barbosa Lessa, um dos criadores do Movimento Tradicionalista Gaúcho, citado por Jacks, reconheceu que o nativismo seria “uma tendência nostálgica de volta às origens rurais perdidas (ou jamais possuídas)” (p.45). Note-se: “ou jamais possuídas”.

Há que se considerar ainda que por mais que a mídia tenha determinado o gauchismo no século XX, esse fenômeno cultural comumente está interligado a atividades da vida diária, além dos momentos especiais regulamentados em um calendário de eventos, de modo a proporcionar aos indivíduos um sentido de pertença à comunidade, um sentido de identidade como parte integrante de uma coletividade, que tem, até certo ponto, uma história comum e um destino coletivo. Este é um aspecto identificador da “tradição”, que John B. Thompson afirma não ter sido eliminado pelo desenvolvimento das sociedades modernas, mas “remodelado (em parte pela mídia) e relativizado a uma crescente autonomia do indivíduo como agente reflexivo capaz de refazer a própria identidade” (1998, p.171). Assim, não temos uma audiência dos meios de comunicação que apenas recebe uma identidade construída. Os indivíduos utilizam referências gauchescas para fabricar sua identificação, seja pela mídia ou na mídia. Mas não se quer uma conclusão totalizante, apenas a reflexão sobre uma prática recorrente, principalmente em elites políticas de Passo Fundo.

Para Nestor Garcia Canclini, em *Culturas Híbridas*, enquanto os folcloristas colocaram em cena as culturas locais de modo convincente, acreditou-se que os meios de comunicação massiva eram a grande ameaça para as tradições populares. Mas ele acredita que o processo de homogeneização das culturas autóctones da América começou muito antes do rádio e da televisão. Teria sido nas operações etnocidas da conquista e da colonização, na cristianização violenta de grupos com religiões diversas durante a formação dos Estados nacionais, na escolarização monolíngüe e na organização colonial moderna do espaço urbano. Para o autor, nem sequer pode-se atribuir aos meios eletrônicos a origem da massificação das culturas populares. “Esse equívoco foi propiciado pelos primeiros estudos sobre comunicação, segundo os quais a *cultura massiva* substituiria o culto e o popular tradicionais” (2000, p.255). Assim, a noção de cultura massiva surge quando as sociedades já estavam massificadas, não pela imprensa, mas pela urbanização e pela educação.

Para Garcia Canclini, “os comunicólogos vêem a cultura popular contemporânea constituída a partir dos meios eletrônicos, não como resultado de diferenças locais, mas da ação difusora e integradora da indústria cultural”. A noção de popular construída pelos meios de comunicação, e em boa parte aceita pelos estudos nesse campo, segue a lógica do mercado.

“Popular” é o que vende maciçamente, o que agrada a multidões. A rigor, não interessa ao mercado e à mídia o popular e sim a popularidade. Não se preocupam em preservar o popular como cultura ou tradição; mais que a formação da memória histórica, interessa à indústria cultural construir e renovar o contato *simultâneo* entre emissores e receptores (2000, p.259-260).

A definição comunicacional de popular abandona o caráter ontológico que o folclore lhe atribuiu. Nessa perspectiva, o popular não consiste no que o povo é ou tem, mas no que é acessível para ele, no que gosta, no que merece sua adesão ou usa com frequência. “Com isso é produzida uma distorção simetricamente oposta à folclórica: o popular é dado de fora ao povo” (p.261), seja através da institucionalização da cultura em CTGs, ou pela mídia. Tau Golin escreveu que o tradicionalismo, através da mídia e da inserção na educação, tornou a pergunta “Quem eram os gaúchos?” cada vez mais rara, pois

“no senso-comum, a indagação foi substituída pela normalidade equivocada de *estes são os gaúchos*, referindo-se aos tradicionalistas” (1998, p.93).

Outro teórico da comunicação latino-americano entende que a comunicação é percebida como o cenário cotidiano do reconhecimento social, da constituição e expressão dos imaginários a partir dos quais as pessoas representam aquilo que temem ou que têm direito de esperar, seus medos e suas esperanças. Jesús Martín Barbero escreveu que os meios de comunicação começaram assim a fazer parte decisiva dos novos modos como nos percebemos latino-americanos. O que significa que neles não apenas se reproduz ideologia, mas também “se faz e refaz a cultura das majorias, não somente se comercializam formatos, mas recriam-se as narrativas nas quais se entrelaça o imaginário mercantil com a memória coletiva” (2004, p.63).

Diante do discurso que vê as culturas tradicionais apenas como algo a ser conservado, cuja autenticidade se encontraria somente no passado e para o qual qualquer intercâmbio aparece como contaminação, é em nome daquilo que em tais culturas tem direito ao futuro que se faz necessário afirmar: não é possível ser fiel a uma cultura sem transformá-la, sem assumir os conflitos que toda comunicação profunda envolve. (p.68-69).

Martín Barbero conclui que o desconhecimento do sentido antropológico dessa reação levou à proposta de comunicação puramente conteudista da cultura-tema para divulgação nos meios de comunicação, e a uma política meramente difusionista da comunicação como simples instrumento de propagação cultural. Existem, entretanto, outros modelos de comunicação que, tanto a partir da pesquisa quanto da experiência dos movimentos culturais, convergem para o reconhecimento da competência comunicativa das comunidades e para a natureza negociada, transacional, da comunicação. Nessa perspectiva, a comunicação da cultura depende menos da quantidade de informação circulante do que da capacidade de apropriação que ela mobiliza, isto é, da ativação da competência cultural das comunidades. “Comunicação significará então colocação em comum da experiência criativa, reconhecimento das diferenças e abertura para o outro” (2004, p.68-69).

3.3 Festival Internacional de Folclore

O I Festival Internacional de Folclore de Passo Fundo foi realizado de 17 a 31 de agosto de 1992, no Parque de Exposições Wolmar Salton, contando com o apoio de entidades locais públicas e privadas. Teve como tema “O Encontro de Dois Mundos”, em comemoração aos 500 Anos do Descobrimento da América. Trata-se de um espetáculo, montado com palco, luzes e sonorização, onde grupos de “folclore” de diversos países se apresentam dançando. Representando Passo Fundo e o Rio Grande do Sul, dominam grupos tradicionalistas.

O destaque do evento na imprensa foi grande desde o início, quando seus organizadores passaram a afirmar na esfera pública concepções próprias de folclore. Maria Cândida Barbosa é voluntária do CIOFF, participa da organização do festival e se diz pós-graduada em Folclore. Em entrevista para o jornal O Nacional em 2006, afirmou que “folclore é uma forma de se preservar as raízes” (18 ago. 2006, p.17). Teorizou que folclore “é tudo aquilo que nasceu do povo e foi transmitido através das gerações”. Em Passo Fundo, a voluntária do CIOFF disse que o folclore religioso é predominante, além do resgate da tradição gaúcha que é promovido pelos CTGs. Identifica-se uma contradição entre o discurso de Barbosa, pois se o folclore é algo que passa de geração para geração e em Passo Fundo é forte o folclore religioso, qual a relação que um espetáculo de danças tradicionalistas, em um festival, tem com esse folclore passo-fundense?

O idealizador e organizador do Festival Internacional de Folclore, em entrevista à revista *Água da Fonte*, da Academia Passo-Fundense de Letras (nov. 2004, pp.53-56), revela um pouco de sua trajetória pessoal até a criação do evento. Na introdução consta que Paulo Dutra, junto com o Grupo Terra Pampeana, “revolucionou” a dança gaúcha, introduzindo a abertura e o encerramento, além de modernizar a indumentária dos dançarinos. A reportagem ainda afirma que o seu relacionamento com o Conselho Internacional de Organizações de Festivais de Folclore (CIOFF) colocou Passo Fundo no mapa do circuito dos festivais internacionais de folclore. Salienta que, “apesar do respeito e da credibilidade que goza, mantém a simplicidade e a humildade do menino de Santo Antônio

que, um dia, motivado pelas ondas do rádio, se sentiu irresistivelmente atraído pela música e pela cultura do povo rio-grandense” (p.53).

Durante a entrevista, Paulo Dutra reafirma ter nascido no interior, zona rural de Passo Fundo, como se isso desse mais propriedade ao produtor cultural ao falar sobre gauchismo. Entretanto, a reportagem revela que ele teve contato com a cultura gauchesca pelo rádio.

Ele relata sobre um episódio no início dos anos 1980, em que o Grupo Terra Pampeana foi proibido de dançar no CTG Getúlio Vargas, porque os tradicionalistas não aceitavam as inovações que o grupo fazia. Então, criou-se polêmica e a apresentação foi garantida na Justiça. Em decorrência ainda da disputa, foi realizada uma filmagem que valorizava o curto comprimento das saias das prendas (outro motivo de discordância). O caso teve repercussão nacional, inclusive com matéria na revista *Veja*, contribuindo para que o grupo se tornasse conhecido.

Uma de suas convicções demonstradas na entrevista é de que deve ter ensino de “folclore e cultura gaúcha” nas escolas, como disciplina, para estimular o tradicionalismo junto a crianças e adolescentes. No festival, o organizador sempre abriu espaço para grupos de CTGs. Ele lembra que no do ano de 2000, foram 80 grupos de Passo Fundo, apresentando “folclore gaúcho”. Nas edições seguintes, o número teria decaído, em virtude da decadência dessa proposta cultural nas escolas, Dutra acredita.

O tradicionalismo tomado como folclore, no entanto, é duramente criticado por Tau Golin. O autor escreveu que tradicionalismo não é folclore, sequer tradição. “É tão somente um movimento sociocultural associativo, que instrumentaliza elementos do folclore, da tradição, do regionalismo e dos hábitos e costumes” (2004, p.33). Para o historiador um fato só é folclórico quando manifestado pelo grupo social que o mantém. Quando retirado do seu espaço social, deixa de ser folclore. Assim, a representação feita no Festival seria uma manifestação artística de inspiração folclórica.

Paulo Dutra conclui a entrevista orgulhando-se que “o Festival Internacional de Folclore de Passo Fundo projetou o tradicionalismo gaúcho para o mundo” (p.53). No site do festival na internet, registra-se “Como surgiu o festival...”⁴⁰, relatando que um grupo de pessoas de Passo Fundo, após terem sido escolhidas pela Delegada Mundial do Conselho

⁴⁰ Ver FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOLCLORE.

Internacional das Organizações de Festivais de Folclore (CIOFF) do Brasil, Luisa Cavalcanti Maciel, representantes do CIOFF para o Estado do Rio Grande do Sul e terem participado de 14 festivais internacionais de folclore e ajudado na organização de alguns, acreditaram na possibilidade da realização de um festival de folclore no sul do Brasil. Assim, com a ajuda de colaboradores, foi elaborado um projeto, demonstrando que Passo Fundo teria condições de promover esse evento dentro das conformidades estabelecidas.

De acordo com o site, a realização do festival tinha como meta projetar Passo Fundo e o Rio Grande do Sul para o Brasil e para o mundo, bem como seus potenciais e vocações. Além disso, “pretendia trazer a cultura de outros povos ao conhecimento do nosso e mostrar a nossa a estes”. O projeto inicial foi encaminhado ao então Prefeito Municipal, Airton Lângaro Dipp, no dia 10 de Maio de 1991.

No site ainda constam “razões que justificam a ampliação do Festival Internacional de Folclore de Passo Fundo e a sua aceitação cada vez maior”. Entre elas está: “O interesse e a capacidade da comunidade passo-fundense em desenvolver eventos culturais, buscando a valorização de seus princípios históricos e de suas origens étnicas”. Cabe comentar que os princípios históricos e as origens étnicas demonstradas por Passo Fundo no festival resumem-se ao gauchismo.

Em 1992, o poder executivo subvencionou verba de Cr\$ 60.000.000,00 para a sua realização (PROJETO DE LEI Nº 57/92), mais Cr\$ 45.000.000,00 como crédito suplementar (PROJETO DE LEI Nº 95/92), após o evento, em uma solicitação para cobrir “despesas excedentes”. De acordo com a organização do Festival, a defasagem teria sido de Cr\$ 89.086.727,00. Na descrição de receitas e despesas previstas, percebe-se que dos Cr\$ 102.793.749,17⁴¹ que a organização possuía em caixa, mais da metade era verba da prefeitura (60 milhões de cruzeiros) e para pagar as contas pendentes, a prefeitura também subvencionou mais da metade (45 milhões).

A verba suplementar foi aprovada. As comissões, em pareceres favoráveis, enalteceram o sucesso do evento. No parecer da Comissão de Educação de Bem Estar Social, escreveu-se que o Festival “projetou nossa cidade a nível nacional e internacional”. Mas cabe comentar que no relatório da organização, consta apenas uma reportagem de jornal de abrangência estadual, publicada no jornal *Correio do Povo* de Porto Alegre.

⁴¹ Valor atualizado em 1º de novembro de 2007: R\$ 129.512,52.

No relatório do festival, em anexo ao pedido de verbas suplementares, escreveu-se que a divulgação na imprensa foi ampla e “fez com que o festival consolidasse o seu sucesso” (p.10). As reportagens anexadas revelam um estilo celebrativo, análogo ao evento, em nome da paz e da união dos povos. Por exemplo: “Acabou o Festival Internacional de Folclore, mas a união continua” (O NACIONAL, 30 ago. 1992). O Diário da Manhã também seguiu a mesma linha. Em reportagem sobre os grupos que se apresentaram no dia 27 de agosto de 1992, comenta-se que todos apresentaram danças típicas de suas regiões ou países, “com muita alegria, novamente erguendo a bandeira do sucesso deste festival, mostrando que devemos cada vez mais fortificar a integração cultural entre estes povos que hoje formam um só país baseado na arte e conservação de suas raízes” (29 ago. 1992, p.04). A tônica das matérias jornalísticas era constantemente a da emoção, da animação e da integração, proporcionada pela dança ao grande público. Foram publicadas reportagens nos jornais diariamente no mês de agosto. O prefeito municipal Airton Dipp participou ativamente da organização, manifestando-se publicamente e aparecendo em fotografias.

A preocupação em rotular a cidade, para se fazer representar simbolicamente, apareceu na manchete do jornal *O Nacional*, de 22 de agosto de 1992: “Passo Fundo tornou-se a Capital Internacional do Folclore”.

O apoio da Administração Municipal foi mantido pelos prefeitos sucessores, Osvaldo Gomes e Júlio Teixeira, tendo sido o Festival oficializado pela Câmara Municipal de Passo Fundo, através da Lei N.º 3.235, de 04 de setembro de 1997.

Desde 1992, o Festival Internacional de Folclore vem sendo realizado de dois em dois anos. Segundo os organizadores, ele está em uma amplitude crescente, “projetando Passo Fundo (seu folclore e suas artes tradicionais) em âmbito nacional e internacional”. Pôde-se notar em pesquisa de campo, na 9ª edição do festival, no dia 18 de agosto de 2006, que o tradicionalismo domina o palco. No dia de abertura, foi reverenciada a Revolução Farroupilha e em seguida foi cantada “Viva a bombacha!”. Paulo Dutra e seu grupo “Bando Andarengo” lembraram a Revolução Federalista e logo foram coadjuvantes de seu próprio espetáculo, quando entrou em cena a dupla Oswaldir & Carlos Magrão⁴², aplaudidíssimos pela platéia.

⁴² Oswaldir & Carlos Magrão são uma dupla musical de Passo Fundo, com influências regionais, que já lançou doze discos, com sucesso estadual e alguns com sucesso nacional.

A apresentadora Angélica Weissheimer da RBS TV foi anfitriã da festa-espetáculo, conferindo caráter televisivo. Iniciou-se então um longo protocolo, que a platéia acabou vaiando, quando anunciados mais e mais discursos. Até que o primeiro grupo, campeão do Enart 2006, o CTG Rancho da Saudade, de Cachoeirinha, ocupou o palco. O grupo foi anunciado como “organização que cultiva a tradição e a cultura de nossos antepassados”.

E a festa prosseguiu com dança gauchesca, desta vez com os passo-fundenses do CTG Lalau Miranda. Após, vieram os grupos estrangeiros. Importante observar que o Bando Andarengo e o Vocal Tebanos, ambos gauchescos, abriram todas as noites de festival de 2006. Após a apresentação deles, havia sempre dois CTGs e após os grupos internacionais. Ou seja, ficou bem reforçado que o “folclore” de Passo Fundo seria o tradicionalismo.

Quando escrevo “festa”, refiro-me à conotação contemporânea do termo, como na explicação de Edgar Morin, em que “a ‘festa’, momento supremo da cultura folclórica, na qual todos participam do jogo e do rito, tende a desaparecer em benefício do espetáculo. Ao homem da festa sucede o que chamamos ‘público’, ‘audiência’, ‘espectadores’”. Para o autor, nesta festa, “o elo imediato e concreto se torna uma teleparticipação mental” (2005, p.62-63). O festival é promovido em uma lona de circo, onde é instalado um grande palco, com luzes e sonorização apropriadas para um show pós-moderno, assistido por centenas de espectadores presentes e outros milhares, na edição de 2007, ligados na transmissão ao vivo pela televisão (Canal 4, UPF TV).

Morin ajuda a compreender esse fenômeno cultural, que não pode ser interpretado como genuinamente folclórico (velha festa patronal das aldeias, antigas danças, antigos jogos).

O gosto, o odor, o aroma dos terreiros se dissipam. O produto cultural, a conservação cultural se propagam.
Destruição radical? Antes desintegração, acompanhadas de novas integrações. Certos temas folclóricos são absorvidos pela cultura de massa e, com ou sem modificações, são *universalizados* (2005, p.64).

Para Jesús Martín-Barbero, no âmbito correlato do folclórico-religioso, a *deformação* opera pela *transformação* da festa em *espetáculo*: algo que já não é para ser vivido, mas visto e admirado (1998, p.100). Ao analisar as esferas da cultura, a popular, a folclórica e a massiva, ele conclui que há uma tendência a se reproduzir uma dicotomia que impede pensar a complexidade da circulação cultural contemporânea: o que vem de cima não chega a tocar os de baixo, porque não tem nada que ver com estes, ou se chega manipula e aliena, como hoje a cultura de massa. Mas há uma cultura entre o folclore e a massa, que constitui a expressão de um modo novo de existência popular que é fundamental compreender para não opor de forma funcional e maniqueísta o popular ao massivo (p.119).

Trazendo essa percepção para a análise do Festival de Folclore, pode-se indagar até que ponto o evento é pura manifestação de massa, e até que ponto ele mantém uma participação popular ativa. Com certeza, como já se observou, o festival não é uma manifestação folclórica, muito menos originária de Passo Fundo. Sua duração e seu espaço resumem-se ao tempo em que a lona de circo está armada para receber os espetáculos.

Através de um projeto da vereadora Lurdes Canelles, também membro do CIOFF, de 06 de março de 1997, o Festival Internacional de Folclore de Passo Fundo foi oficializado no município (PROJETO DE LEI Nº 023/97). Mas dos sete artigos propostos no projeto original, aprovado pela Câmara de Vereadores, quatro foram vetados pela Prefeitura Municipal.

O projeto, no Executivo, teve apenas o 1º, o 6º e o 7º artigos aprovados, ficando a organização e o orçamento do festival a serem definidos a cada edição. Assinou o veto parcial o prefeito Julio César Canfield Teixeira. Ele justificou que constava no projeto a obrigatoriedade do Poder Executivo de realizar o Festival Internacional de Folclore (no caput e no parágrafo único do art.2º, bem como no caput e §§ do artigo 3º), de firmar convênio com o C.I.O.F.F. (art.4º), e de subvencionar ou alcançar recursos financeiros para o Festival (§ 1º do art.4º e 5º), ditada pelo Legislativo.

Tal imposição fere o disposto no artigo 2º da Constituição Federal (cláusula pétrea constitucional, de acordo com o disposto no inciso III, do § 4º do artigo 60), uma vez que a realização ou não do Festival é ato do Executivo, que

depende da avaliação, através de critérios administrativos de oportunidade e de conveniência (típico deste Poder).

Não pode o Legislativo Municipal compelir o Executivo a firmar convênio e destinar recursos, pois isto caracteriza ingerência de um Poder no outro.

E ainda, o fato que o Legislativo, através de projeto de lei, cria despesas para o Executivo, vicia de inconstitucionalidade o projeto (p.82-83).

Dentre os vetados, estava o artigo 2 do projeto, prevendo que o Festival seria organizado pelo CIOFF, contando com a participação da Secretaria Municipal de Turismo, Cultura e Desporto, “cabendo a presidência do mesmo ao CIOFF”.

De acordo com o artigo 4, o Município de Passo Fundo e o CIOFF firmariam convênio de caráter permanente, referendado e mutável por lei. Assim, o município ficaria responsável por recursos para alimentação, hospedagem, assistência à saúde dos integrantes dos grupos, transporte (dentro do Brasil), comunicação, infra-estrutura dos locais de espetáculos e pessoal.

Também estava previsto que seriam usados “para os mesmos fins os recursos obtidos junto à iniciativa privada e bilheterias do festival, devendo ser este valor abatido da participação do Município” (§ 2º do Art.4, p.05). O artigo 6 estabelecia que as despesas decorrentes desta lei constariam nos orçamentos do Município, dentro da unidade Orçamentária correspondente à Secretaria Municipal de Turismo, Desporto e Cultura, com destinação específica.

Na justificativa do projeto apresentou-se um histórico do festival, incluindo o público presente às edições.

I edição – 17 a 31 de agosto de 1992 – 21 grupos – 50 mil pessoas

II edição – 22 de setembro a 01 de outubro de 1993 – 30 grupos – 70 mil pessoas

III edição – 26 de agosto a 03 de setembro de 1995 – 42 grupos – 100 mil pessoas

IV edição – de 21 a 31 de agosto de 1996 – 59 grupos – 130 mil pessoas

Sobre a 4ª edição, de 1996, afirmou-se na justificativa que o Festival Internacional de Folclore de Passo Fundo firmou-se definitivamente, com a atenção da imprensa local, estadual, nacional e internacional, incluindo rádio, jornais e televisões, pois países como

Estados Unidos, Alemanha, França, Romênia, Inglaterra, Rússia e outros enviaram jornalistas a Passo Fundo, que acompanharam os grupos, e efetuaram publicações. Estão anexados ao projeto, publicações dos Estados Unidos e da Romênia, que tecem elogios a Passo Fundo. Este festival teve um público de 130.000 pessoas, em desfiles de ruas, missa, escolas, CTGs, empresas e lona do circo. Com 59 grupos nacionais e estrangeiros. Escreveu-se que a repercussão do festival foi notada em diversos segmentos da comunidade, “que é exemplo principalmente no aspecto de bem acolher os forasteiros, como: a ativação do projeto tradição e folclore nas escolas municipais; o crescimento do número e a qualidade dos grupos de Passo Fundo; crescimento de público” (p.06).

Também argumenta que “o Festival está despertando o interesse da comunidade pelo conhecimento mais aprofundado das nossas raízes e de outros povos, o que é uma forma nobre de propiciar oportunidades culturais ao povo” (p.07). Aqui se percebe que o folclore cumpre um papel de algo a ser mostrado “para” o povo que não tem acesso à cultura, ao contrário do conceito original de folclore, que “vem” do povo. Ainda nota-se a pretensão que o evento atraia turismo, sendo uma oportunidade econômica.

Diante dessa realidade, o Poder Público Municipal deve cada vez mais incentivar o crescimento de nossos Centros de Tradições Gaúchas, grupos folclóricos, internadas estudantis, enfim pessoas e grupos que trabalhem com nossa cultura. Esses grupos de trabalho, sem grandes formalismos, acabam por tornarem-se escolas não-formais, pois é nesse meio sadio, que ensina-se e aprende-se a história, a cultura de nossos antepassados, de nossa gente, de forma natural e contagiante (p.07).

Fica claro no projeto uma vinculação estreita da organização do festival com o tradicionalismo. Na mesma edição, participaram 30 grupos de Passo Fundo (veja o quadro abaixo), sendo todos de caráter gauchesco. Nota-se também a equivalência de grupos vinculados a instituições de ensino e clubes sociais (21), em relação a organizações culturais propriamente gauchescas (19), o que evidencia a versão de que o tradicionalismo se apresenta como se fosse folclore de Passo Fundo, no imaginário e nas práticas culturais simbólicas.

Tabela 9 – Grupos participantes do 4º Festival Internacional de Folclore

Grupos de Passo Fundo	Número de grupos
CTGs	11
Invernadas de clubes	06
Grupos Independentes	08
Escolas Municipais	07
Escolas Estaduais	05
Escolas Particulares	01
UPF	02
TOTAL	30

Fonte: Projeto de Lei N°023/97, Câmara de Vereadores, p.08.

Em documento anexado ao Projeto, assinado por Paulo Dutra, revela-se que o CIOFF tem um acordo com o MTG desde o 37º Congresso Tradicionalista, realizado na cidade de Santo Ângelo, no sentido de que o vencedor ou vencedores do Festival Gaúcho de Arte e Tradição (FEGART)⁴³ de cada ano, sejam convidados oficiais do CIOFF, para representar o estado ou o país em festivais. Afirma, ainda, que “as danças do RS a apresentar em festivais CIOFF devem preservar as raízes, por isso segue-se o mesmo critério do FEGART” (p.39).

O Conselho Internacional das Organizações de Festivais de Folclore e Artes Tradicionais (CIOFF) coordena suas atividades seguindo orientações de estatutos locais. O correspondente à Secção Estadual do Rio Grande do Sul fornece informações administrativas e ideológicas. Seu Capítulo II trata das finalidades da organização, que é “promover e preservar os valores culturais em defesa da identidade estadual e nacional” (Art.5. Parágrafo primeiro), além de “manter, apoiar, salvaguardar e cuidar do folclore, das criações artísticas populares, costumes e tradições, assim como a arte cênica popular” (Art.5. Parágrafo segundo). O Parágrafo 5º prevê documentar e pesquisar “os grupos folclóricos autênticos do estado, no intuito de preservação e prestígio dos grupos perante a comunidade estadual, nacional e internacional, bem como apoiar, incentivar e divulgar as pesquisas de preservação existentes e em andamento”.

Pode-se concluir, a partir destes artigos, que há, de fato, uma negligência por parte dos membros do CIOFF para com os conceitos e significações de “folclore”, “tradição” e

⁴³ No início chamava-se Festival Gaúcho de Arte e Tradição (Fegart). A partir da 14ª edição passou a se chamar Enart.

“costumes”. Em Passo Fundo, apesar de o seu estatuto prever a pesquisa e o cuidado com estas instâncias da cultura local, o que se realiza é a celebração midiática da paz e do tradicionalismo, através do espetáculo.

De acordo com o capítulo III do estatuto, que trata do ingresso e atribuições dos membros da secção estadual, nota-se que o CIOFF é uma espécie de confraria fechada. O artigo 7 prevê requisitos a serem preenchidos pelos aspirantes a ingressarem na Secção Estadual, como ser produtor de eventos culturais. Mas o artigo 8 disserta sobre o processo de avaliação para ingresso, requerendo indicação por membro do CIOFF e aprovação por Assembléia Geral Ordinária. Também consta que, em situações especiais, a Diretoria Executiva pode aprovar membros automaticamente, “visando o interesse do engrandecimento, colaboração, divulgação e preservação da Secção Estadual do CIOFF, devendo comunicar e justificar tal ação perante a Assembléia Geral Ordinária seguinte” (p.26).

O membro ordinário, que é o delegado da secção, tem o cargo intransferível, a não ser que não obedeça aos estatutos ou cometa falta grave, como previsto no cap.VI. A diretoria executiva da secção estadual é formada por presidente, que é o delegado, vice, que é nomeado diretamente pelo presidente, assim como o secretário geral. Os outros cargos são eleitos em Assembléia a cada dois anos, podendo ser reeleitos indefinidamente, o que confere condição vitalícia.

Após a leitura do Estatuto do CIOFF e deste projeto de lei, entende-se que se pretendia, intencionalmente ou não, obrigar as gestões seguintes do governo municipal a pagarem pela realização de um festival bianual, promovido por pessoas que fazem parte de um grupo fechado. Não se trata de um processo político democrático. Por sua inconstitucionalidade, foi vetado quase em sua totalidade. Mas a ação política foi representativa do entendimento que os produtores culturais gauchescos têm da realidade, como se o gauchismo fosse incontestável em sua legitimidade representacional.

O processo do Projeto de Lei N°023/97 traz ainda material importante para a análise de comunicação, pois constam nele cópias de *folders* e de reportagens jornalísticas. Em carta do CIOFF para o prefeito municipal Osvaldo Gomes, datada em 05 de setembro de 1996, presta-se contas do evento recém realizado e se agradece o patrocínio da prefeitura.

[...] informamos que a Prefeitura Municipal constou em toda a mídia do Festival, ou seja nas seguintes modalidades: como promotora principal do evento, e sempre em primeiro lugar, pois temos a certeza de que sem o apoio dos Poderes Públicos, jamais teríamos um festival com o excelente nível que teve o festival de Passo Fundo, portanto a Prefeitura Municipal de Passo Fundo e Câmara Municipal de Passo Fundo, especialmente o Poder Executivo Municipal, tem todos os méritos por ter apoiado um grande evento em nome da cultura e PAZ mundial (p.36).

A seguir, descreve a mídia investida, que inclui 100.000 programas, distribuídos gratuitamente na cidade, na região, no estado, e enviado para municípios do país; 5.000 cartazes, coloridos; 10.000 revistas; ingressos do festival; diplomas e certificados; mídia de televisão na RBS TV e na Bandeirantes; mídia de rádio (Planalto), durante 10 dias diversas chamadas diárias; jornais Diário da Manhã, O Nacional, O Cidadão, A Nota, Tropeiro dos Pampas, Zero Hora, Correio do Povo.

O projeto contém em anexo uma reportagem de um jornal da Romênia (Realitatea de zi cu zi, da cidade de Timisoara), de 09 de setembro de 1996, sobre o IV Festival de Passo Fundo. A manchete traduzida diz: “Um público que aplaude como no futebol e chora como num filme de amor” (p.40), bem como audiência de massa.

O projeto de lei ainda recebeu duas emendas em 28 de maio de 1997. A primeira versava que o Festival seria realizado junto ao Complexo Turístico Roselândia, “com toda infra-estrutura necessária ao bom andamento do mesmo, no prazo máximo de três anos, a partir da promulgação da presente lei” (p.61). A segunda previa que

O Município de Passo Fundo, com o intuito de divulgar o folclore e as tradições do Estado do Rio Grande do Sul, deverá providenciar na construção de um ‘Galpão da Cultura Gaúcha’ e um ‘Galpão Estância com Museu’, locais onde deverão ser realizadas apresentações de Grupos de C.T.G.s – Centros de Tradições Gaúchas – do Município de Passo Fundo e região, bem como de Invernadas Artísticas, sob a coordenação do M.T.G. (p.61).

Conclui-se que mais que uma proposta, trata-se de uma usurpação do espaço público, exclusivizado por uma entidade privada, mas que não foi aprovada como lei. No entanto, bianualmente o evento recebe subvenções públicas para a sua realização.

O Festival Internacional de Folclore se dá nos mecanismos do sistema capacitador comunicacional contemporâneo, o que contraria as categorias originais de folclore e tradição. Ao ser realizado como espetáculo, esteticamente produzido como um show, distancia-se de um fenômeno cultural popular engendrado socialmente, para se postular a cultura de massa.

O Festival, ao promover o tradicionalismo gauchesco, confunde-o como folclore e o legitima como genuinamente representativo do povo sul-rio-grandense. Também nota-se a cultura política dos produtores deste evento, dominada pela intuição de legitimidade que o gauchismo carrega, contribuindo sempre para que sua reprodução seja garantida e consagrada.

3.4 O Rodeio

O rodeio tradicional se refere a um lugar no campo de uma estância, onde se reúne o gado em dias determinados, para apartar, contar, examinar e curar (VOCABULÁRIO SUL-RIO-GRANDENSE, 1964, pp.417-418). Os homens que trabalhavam nesses rodeios se utilizavam de instrumentos como o laço para cumprir a tarefa. Mas essa concepção ligada à vida campeira, das lides pecuárias, foi adaptada em um evento contemporâneo de competição e divertimento, reproduzido desta forma em Passo Fundo.

Desde 1984, são realizadas festas gauchescas com a temática de rodeios no Parque da Roselândia, ocupado pelo CTG Lalau Miranda especialmente para o evento. Em coluna escrita no jornal O Nacional, em razão do 13º Rodeio Internacional de Passo Fundo, Daltro José Wesp opinou que o tradicionalista Eloir Rescke foi fundamental no início, como integrante do CTG Lalau Miranda e chefe-de-gabinete do prefeito Fernando Carrion. O colunista ainda afirmou que “Teixeirinha cantando Gaúcho de Passo Fundo é outro referencial. Acredito ser o maior de todos”, para a realização do Rodeio (07 fev. 2007, p.11). Nota-se que o referencial motivador não foram apenas rodeios tradicionais.

Mas Daltro Wesp defende a tese que algumas famílias de passo-fundenses davam continuidade a hábitos gerados na atividade econômica da pecuária, até a realização do

primeiro Rodeio. Avaliando a 13ª edição do evento, Wesp elogia a administração municipal, “principal organizadora e patrocinadora desde a primeira até o momento”. O colunista ainda clama pelo uso do Parque, que fica desocupado enquanto não é promovido o Rodeio a cada dois anos.

Analisando os projetos de lei para aprovação de verbas públicas para realização desse evento na cidade de Passo Fundo, confirma-se que a partir da década de 1990, todos os chamados Rodeios Internacionais foram subvencionados com dinheiro público e contaram com a co-organização da Prefeitura Municipal, ao lado de entidades tradicionalistas, principalmente o CTG Lalau Miranda.

Dos projetos analisados, apenas um não continha a logomarca ilustrativa, “Passo Fundo, Che”, timbrada nos documentos da Câmara de Vereadores, oriunda do “Projeto Passo Fundo, Tchê!” de 1980 e que continuou ilustrando a documentação oficial do órgão.



Figura 3 – Selo “Passo Fundo, Che!”, da Câmara Municipal de Vereadores

Após a década de 1990, mesmo após o controle da inflação, as verbas destinadas aumentaram significativamente, de uma edição para outra. Entre a edição de 1992 e a de 2002, houve um acréscimo de cerca de 160%⁴⁴, considerando valores atualizados. Em 2002 foram disponibilizados R\$ 120 mil reais⁴⁵ para a Associação de Trovadores Pedro Ribeiro da Luz, como empresa conveniada ao poder público e encarregada da administração do evento. Na justificativa, aparece um discurso recorrente nos projetos de promoções gauchescas e em três dos sete analisados sobre o rodeio. O prefeito Osvaldo Gomes destacou “a grande importância do evento, o qual divulga o nome de nossa cidade aos mais diversos lugares do país e também de outros países, que participam do Rodeio” (PROJETO

⁴⁴ Ver Tabela 10, p. 138.

⁴⁵ Valor atualizado em 1º de novembro de 2007: R\$ 174.094,97.

DE LEI Nº 02/2003). A aprovação da lei deu-se por 11 votos contra 06 na Câmara de Vereadores, visto que a subvenção de verbas era direcionada ao acerto de contas do evento que havia sido realizado em dezembro de 2002. Os outros projetos não seguiram o mesmo modelo de arrecadar divisas públicas para o pagamento de contas passadas, pois todos os outros tiveram projetos de lei encaminhados dois ou três meses antes da realização. Inclusive em 2000, as verbas foram previstas no orçamento anual da Prefeitura.

Em 1987, o projeto encaminhava melhorias no Parque da Roselândia, de infraestrutura, para a realização do Rodeio. As edições anteriores não contaram com projeto de lei. Mas, a partir de 1992, criou-se a prática de organizar os rodeios dependendo de verbas públicas, aprovadas pela Câmara, o que ocorreu em todas as edições desde então, subsequentemente, até 2006.

Após vinte anos de rodeios, o evento assumiu um perfil de festa aberta à população, para socialização e entretenimento. Mas o ambiente ficou tachado de violento e promíscuo, após fatos recorrentes, de brigas e de livre circulação e instalação de jovens em acampamentos dentro do parque. Em reportagem do jornal O Nacional, a avaliação do 13º foi que “os estigmas negativos deixados pelas edições anteriores foram apagados por essa edição, tida como uma grande festa familiar” (05 fev. 2007, p.05). A manchete era “Rodeio paz & amor”. E a chamada na capa: “Menos baderna, mais família”. A mesma tônica permeou os discursos dos organizadores. O vice-prefeito Adirbal Corralo afirmou que a prefeitura tinha a intenção de fazer “um evento voltado para a família”.

Ainda na repercussão do evento, o tradicionalista Ari Ferrão assinou artigo de opinião no jornal O Nacional, que afirmava que “o tradicionalismo continua fiel as suas regras e à carta de princípios, resistindo a tudo que surge contra o bem comum e àquilo que possa desvirtuar a família” (O NACIONAL, 23 fev. 2007, p.14).



Figura 4 – Capa do Jornal O Nacional de 05 de fevereiro de 2007

Na prestação de contas do evento, o prefeito também elogiou a “volta das famílias ao Rodeio”. Alexandre Rodrigues, um dos organizadores e servidor municipal, afirmou:

Quando abordávamos as pessoas para buscar patrocínio, sentíamos o quanto essa marca precisava de revitalização. Então nosso primeiro objetivo foi melhorar a marca do evento, que foi pautado por alegria, culto ao tradicionalismo e pelo ambiente familiar (O NACIONAL, 09 fev.2007, p.07)

Na fala de Rodrigues fica claro o perfil de evento turístico do Rodeio, sendo tratado como produto e negócio em que são investidas verbas públicas e privadas. O servidor exibiu na prestação de contas a quantia arrecadada com patrocínios e comentou que não pode ficar satisfeito com uma arrecadação de R\$ 386 mil, enquanto o mais tradicional Rodeio do estado, na cidade de Vacaria, mobiliza cerca de R\$ 1 milhão. “Temos que aumentar esses valores e para isso teremos de nos empenhar e, quando conseguirmos, os passo-fundenses terão mais emprego e renda”.

Tais avaliações da elite promotora do Rodeio traficam a idéia que ele é um empreendimento voltado a preservar valores familiares, com retorno financeiro, o que distancia o evento de alguma tradição campeira, perdida em um passado. Há sim uma transposição do trabalho dos peões de estância para a festa e para o jogo, ou seja, a dinâmica atual obedece a lógicas morais e econômicas contemporâneas. É uma festivação do modo de produção pastoril, oficializado em competições de CTGs (GOLIN, 1983, p.104).

Tabela 10 - Projetos de Lei da Câmara de Vereadores sobre a realização de Rodeios em Passo Fundo

Nome Edição Ano	Gestão Municipal	Verbas públicas	Regime de urgência?	Organização	Projeto de lei	Observações	Selo Passo Fundo, che!
3º Rodeio Nacional de Integração Gaúcha, de 3 a 7 de novembro de 1987	Presidente da Câmara Nelson Rosetto assinou o projeto, como prefeito em exercício, no lugar de Fernando Machado Carrion	CZ\$ 100.000,00 (cem mil cruzados) Valor atualizado: R\$ 13.419,00	sim	CTG Lalau Miranda	Nº25/87 de 07.05.87	Justificativa: conceder verbas para realização do Rodeio, “visando a melhoria de sua realização, que beneficiará o turismo e o lazer da comunidade passo-fundense” (p.04) Aprovado por 12X03	sim
VI Rodeio Internacional de	Prefeito Airton Dipp e Tadeu Karczeski,	Cr\$ 120.000.000,00 (cento e vinte	Sim	MTG – 7ª Região Tradicio	Nº 57/92 de 22.06.92 (arquivo	Na justificativa do Executivo, escreveu-se que “eventos são realizados com	sim

Passo Fundo, de 1992.	presidente da Câmara	milhões de cruzeiros), em 4 parcelas. Valor atualizado: R\$ 60.923,40. Consta no projeto que o valor total do Rodeio é Cr\$ 450 milhões (US\$ 200 mil)		nalista	misto)	profissionalismo e com pequena participação do poder público. [...] É de fundamental importância a participação do Poder Público na infraestrutura e pequeno percentual financeiro, para o início da execução do projeto, especialmente num período de recessão” (p.07).	
VII Rodeio Internacional de Passo Fundo, 3 a 11 de dezembro de 1994	Prefeito Osvaldo Gomes encaminhou projeto ao presidente da Câmara Tadeu Karczeski	R\$ 20 mil (vinte mil reais) Valor atualizado: R\$ 67.711,39	sim	CTG Lalau Miranda	Nº074/94 de 10.10.94	Os itens 4.3 e 4.4 do convênio assinado pelo executivo e o CTG foram tidos como ilegais perante a auditoria geral da câmara, pois previam que o poder executivo assumisse ônus em eventual fracasso financeiro.	sim
VIII Rodeio Internacional de Passo Fundo, de 07 a 15 de dezembro de 1996	Osvaldo Gomes (prefeito) e Jairo Caovilla (presidente da Câmara)	R\$ 30 mil (trinta mil reais) Valor atualizado: R\$ 81.182,47	sim	CTG Lalau Miranda	Nº046/96, de 21.06.96	Justificativa: evento que por sua importância e grandiosidade já se tornou tradicional em nosso meio. A Comissão de Educação e Bem Estar Social emitiu parecer favorável e escreveu que o evento “eleva o nome de nosso Município em nível nacional e internacional, pela excelente qualidade do evento que aqui é realizado, demonstrando a pujança de nossas raízes” (p.11)	sim
IX Rodeio Internacional de Passo Fundo, de 02 a 06 de dezembro	Júlio Teixeira e presidente da Câmara Izair Sachet (Luciano Azevedo)	R\$ 50 mil, verba destinada à Manutenção da Divisão de Turismo. Valor atualizado: R\$	sim	CTG Lalau Miranda	Nº 115/98, de 15.09.98	No relatório/parecer da comissão de Orçamento e Tomada de Contas da Câmara, escreveu-se que “O evento objeto do convênio já se consagrou, a nível nacional e internacional, como um	sim

de 1998.		123.907,90				dos maiores rodeios do estado do Rio Grande do Sul, elevando o nome do nosso Município de forma a torná-lo mais conhecido, além do que, este evento integra o calendário de eventos do Município. A matéria, por estas razões está revestida de interesse público. [...] Por outro lado, esta é a IX edição do evento, cuja realização depende do convênio entre o Município e a entidade tradicionalista” (p.11).	
X Rodeio Internacional de Passo Fundo, de 25 de novembro a 03 de dezembro de 2000.	Prefeito Júlio Teixeira e presidente da Câmara Júlio Andrades.	R\$ 63 mil (sessenta e três mil reais) – OBS – verba prevista no orçamento Valor atualizado: R\$ 118.242,57	Não (verba prevista no orçamento)	20 entidades tradicionalistas	Nº 189/2000 de 20.11.00	Aprovado por unanimidade em sessão plenária da Câmara de Vereadores.	sim
XI Rodeio Internacional de Passo Fundo, 30 de novembro a 08 de dezembro de 2002	Prefeito Osvaldo Gomes e Presidente da Câmara Décio Ramos de Lima	R\$ 120 mil (cento e vinte mil reais) Valor atualizado: R\$ 164.492,60	Sim (encaminhado após a realização do evento).	Associação de Trovadores Pedro Ribeiro da Luz	Nº 02/2003 de 20.01.03	Na justificativa, o prefeito destaca “a grande importância do evento, o qual divulga o nome de nossa cidade aos mais diversos lugares do país e também de outros países, que participam do Rodeio”. Aprovado 11X06	não

3.5 Terra de Teixeira

No imaginário cultural da cidade flutua a idéia que Passo Fundo é muito conhecida no Brasil e no mundo por ser Terra de Teixeira. Neste subcapítulo, destaca-se brevemente a trajetória do músico com a cidade, e se descreve os projetos de lei que

estreitaram relações entre o poder público e o cantor, seja enquanto empresário cineasta ou enquanto símbolo representativo da cidade.

Vitor Mateus Teixeira nasceu em 03 de março de 1927 na cidade de Rolante (RS). Como cantor e compositor, gravou 69 LPs (discos *long-plays*), vendendo mais de 18 milhões de cópias. Como cineasta, produziu e protagonizou 12 filmes. Seu estilo era contestado às vezes, pois começou a carreira cantando samba e “sempre aparecia alguém pra dizer que ele era mais sertanejo, que não fazia o tipo gaúcho tradicional” (MANN, 2002, p.44). Faleceu em 04 de dezembro de 1985 e teve seu corpo velado no Estádio Olímpico em Porto Alegre, em um evento digno de grandes estrelas midiáticas. Foi sepultado vestido de branco, junto a uma bandeira do Rio Grande do Sul, uma do Brasil e outra da cidade paranaense de Crissiumal (onde consta que ele tinha muitos fãs e amigos). Passo Fundo também se fez associar ao artista que gravou a música “Gaúcho de Passo Fundo” (1961), o LP “Saudades de Passo Fundo” (1963) e o filme “Gaúcho de Passo Fundo” (1978), através inicialmente de um monumento construído em 1990, pelo artista Paulo Siqueira, que passou a representar a cidade em publicidade pública e privada.

Em 1962, a Câmara Municipal de Vereadores concedeu a Teixeira o título de “Cidadão Passo-Fundense”. O cantor receberia a mesma honraria das cidades de Rolante, Santo Antônio da Patrulha (1973) e Soledade (1974). Para cada título, o artista compôs uma música, fosse antes ou depois de recebê-lo.

Teixeirinha foi pioneiro no ramo de produção de bens culturais, ao captar verbas públicas para um empreendimento privado com fins lucrativos, que foi o filme “Gaúcho de Passo Fundo”. O Projeto de Lei nº 03/78, de 07 de março de 1978, encaminhou a autorização ao Executivo Municipal a abrir crédito especial no valor de Cr\$ 250.000,00⁴⁶, para subvenção a favor de Teixeira Produções Artísticas Ltda. Em carta à Câmara Municipal, constituinte do processo, o prefeito Wolmar Salton, justificou que “constitui-se em honroso reconhecimento do mérito que soube conquistar esse passo-fundense de tão futuroso porvir, qual seja, Victor Matheus Teixeira, o nosso Teixeira”. Cabe ressaltar que o cantor já havia gravado a música “Gaúcho de Passo Fundo”, em 1960. O prefeito escreveu ainda:

⁴⁶ Valor atualizado em 1º de novembro de 2007: R\$ 140.005,48.

O filme que aqui pretende realizar, intitulado significativamente ‘Gaúcho de Passo Fundo’, desde já, pode-se asseverar com certeza, irá constituir-se em estrondoso sucesso de bilheteria e indubitavelmente irá levar a todos os rincões da Pátria brasileira a imagem e o destaque que efetivamente a cidade de Passo Fundo merece, e que não poderia encontrar senão em veiculação tão adequada como o da sétima arte, o caminho para divulgar nossa cidade como ela efetivamente merece (p.05).

Em ofício encaminhado à Câmara, Teixeira escreveu que o filme iria mostrar ao Brasil “um pouco do passado e do presente dessa cidade da qual me orgulho de ser ‘Cidadão Honorário’” (p.05). Naquele ano, o cantor já residia em Porto Alegre e reiterou que “sabem todos que minha admiração e meu amor por Passo Fundo já ultrapassou as fronteiras do nosso País, pois tendo cantado bem alto este sentimento em muitas das minhas canções”. E segue sua carta evocando o nome da cidade como “minha cidade”. Seu intuito com o filme seria “mostrar as grandezas dessa terra”.

Em papel timbrado pela Teixeira Produções, consta um “Estudo para produção de filme no interior”, onde se prevê a formação de uma comissão por representantes dos poderes executivo e legislativo, encarregada de controlar o fornecimento de alimentação, transporte, energia elétrica e hospedagem da equipe de produção do filme. Em Passo Fundo, o estudo solicitou três mil litros de gasolina, refeição durante 45 dias para 30 pessoas (em alguns dias 200 a 300 figurantes), um caminhão de carga, uma kombi com motoristas, uma cabeleireira, três operários braçais, uma cozinheira, uma manicure e 160 passagens de ônibus (Porto Alegre – Passo Fundo). As despesas com equipamento, edição e finalização do filme ficariam a cargo da Teixeira Produções, sendo realizadas em São Paulo e somando Cr\$ 1.080.000,00⁴⁷.

Em anexo ao projeto, consta o contrato social da empresa de Teixeira e negativas de débito na Receita Federal, na Prefeitura de Porto Alegre e na Exatoria Estadual.

As primeiras instâncias que avaliaram o projeto na Câmara de Vereadores o aprovaram. Mas o vereador José Mário Cruz (Vice-líder da ARENA), sugeriu uma emenda, que condicionava as despesas de produção, listadas por Teixeira, ao valor subvencionado pelo poder executivo. O vereador escreveu na justificativa da emenda que

⁴⁷ Valor atualizado em 1º de novembro de 2007: R\$ 604.823,68.

aquela era a primeira vez que o Município pretendia dar tal tipo de subvenção econômica a uma empresa privada. Em outras oportunidades, segundo Cruz, o Município havia concedido subvenções, mas de caráter social, a entidades e instituições, sem produzir lucros pessoais. “Assim, este caso é diferente, eis que o filme produzirá certamente polpidos lucros para Teixeira”. Cabe observar que, em 1978, não existia nenhum dos eventos gauchescos descritos neste trabalho, como Rodeio e Festival de Folclore.

Pode-se notar, além do poder público, a participação da imprensa como apoiadora da filmagem. No texto que justifica a emenda, o vereador relatou que a imprensa estava noticiando que a prefeitura, antes mesmo de estar autorizada, já vinha realizando trabalhos em favor da produtora de Teixeira, e o próprio cantor agradecia publicamente a grande colaboração que estava recebendo da municipalidade. Assim, Cruz indagou se a prefeitura iria auxiliar o cantor com os Cr\$ 250.000,00 e mais toda a lista que ele fizera, de máquinas, combustível, empregados, serviços de hospedagem, etc., ou iria conceder apenas o auxílio em espécie, “auxílio já avultado face aos enormes compromissos do Município”.

O projeto foi aprovado com a emenda. Em março de 1978, a vereadora Heloisa Almeida entrou com uma indicação, em apelo à Teixeira Produções, para efetuar auxílio a entidades assistenciais da cidade com uma parcela da verba adquirida através das exibições do filme “Gaúcho de Passo Fundo” (INDICAÇÃO Nº 18/78).

Importante destacar aqui os dados revelados por Israel Lopes no livro *Teixeirinha: o gaúcho coração do Rio Grande*, sobre a bilheteria dos filmes do seu ídolo (2007, pp.69-71). A película Coração de Luto, de 1967, faturou em apenas 45 dias de exibição os 125 milhões de cruzeiros gastos nos 19 meses de filmagens. Já o filme *Gaúcho de Passo Fundo*, só na cidade-título rendeu mais de Cr\$ 500 mil, o que demonstra que essa produção cinematográfica foi lucrativa nas bilheterias e ainda recebeu dinheiro público.

Outra questão importante a ser considerada neste é o Monumento ao Teixeira, instalado no centro da cidade, transformado em ícone municipal. No pensamento de Nestor Garcia Canclini, “os monumentos são quase sempre as obras com que o poder político consagra as pessoas e os acontecimentos” com preocupações fundantes (2000, p. 302). No caso de Passo Fundo, o artista se tornou um dos fundadores da sua identidade, por ter divulgado o nome do município para o Brasil e outros países, como justificado no Projeto

de Lei nº 084/88, de 15 de dezembro de 1988, que autorizou a construção de monumento ao artista Vitor Mateus Teixeira – “Teixeirinha”, do vereador Tadeu Karczeski.

Na justificativa, foi destacado o sucesso do cantor, como no filme “Gaúcho de Passo Fundo”, e na vendagem de discos, a exemplo do compacto que continha a música “Coração de Luto”, seu maior sucesso, e “Gaúcho de Passo Fundo”. Tadeu Karczeski finalizou o ofício justificando que Teixeira era “homem de brio e de coragem, gaúcho por natureza e passo-fundense de coração” (p.04).

A Comissão de Legislação e Redação sugeriu modificação no artigo 1º do projeto, deixando a cargo do Executivo Municipal a escolha do local e do escultor para construção do monumento, discordando de sua colocação no trevo de acesso a Soledade, como havia previsto o texto original.

O projeto foi aprovado por unanimidade, encaminhado ao prefeito Municipal Airton Dipp, que aprovou e promulgou a lei. Em junho de 1990, o poder executivo encaminhou novo projeto de lei (nº 049/90), que o autorizava abrir crédito especial no valor de Cr\$ 1.000.000,00⁴⁸ (um milhão de cruzeiros), para construção do monumento ao Teixeira e conclusão do Monumento ao Ferroviário no Parque da Gare. Ambos haviam sido aprovados como projetos na Câmara, mas necessitavam de verbas para suas concretizações. O projeto foi aprovado.

Para refletir sobre esse processo político-cultural, o mexicano Garcia Canclini auxilia com sua teorização sobre a expansão urbana, como uma das causas que intensificaram uma hibridação cultural nos países latino-americanos. Há uma oferta simbólica heterogênea, renovada por uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação. Assim, “o uso massivo da cidade para a teatralização política se reduz; as medidas econômicas e os pedidos de colaboração ao povo são anunciados pela televisão” (p. 287). O autor acredita que a “cultura urbana” é reestruturada ao ceder o protagonismo do espaço público às tecnologias eletrônicas. Mas não é um processo de sucessão, apenas de predominância e também concomitância, pois “a publicidade comercial e os lemas políticos que vemos na televisão são os que reencontramos nas ruas, e vice-versa: umas ressoam nas outras” (p.290). Pode-se concluir com Garcia Canclini que a essa circularidade do comunicacional e do urbano subordinam-

⁴⁸ Valor atualizado em 1º de novembro de 2007: R\$ 72.678,75.

se os testemunhos da história, o sentido público construído em experiências de longa duração. Assim, o ícone Teixeira, como fator de publicidade municipal, transforma-se em estátua instalada no centro da cidade. Importante notar que com o monumento aos ferroviários não aconteceu o mesmo processo.



Figura 5 – Monumento ao Teixeira, Avenida Brasil, esq. 7 de Setembro

No site da Prefeitura de Passo Fundo, na página da Secretaria de Desporto e Cultura, há um texto sobre monumentos.

Praça do Teixeira

Localizada na Av. Brasil, entre as ruas XV de Novembro e Av. 7 de Setembro. A escultura, feita com sucatas e metais diversos, resulta em um belo conjunto arquitetônico realizado pelo artista plástico Paulo Siqueira. O monumento representa um gaúcho que simboliza o grande cancionista Vitor Matheus Teixeira (Teixeirinha), que levou o nome de Passo Fundo além das fronteiras através da música "Gaúcho de Passo Fundo" (PREFEITURA MUNICIPAL DE PASSO FUNDO).

É demonstrativo da relação marcante entre Teixeira e a representação simbólica de Passo Fundo o texto “Personagens da nossa História: Teixeira”, de Welci Nascimento (ÁGUA DA FONTE, jul. 2005, p.55). O autor escreveu que Passo Fundo foi, para Teixeira, “a sua amada terra, a terra do coração”. Seu reconhecimento pela cidade que sempre o acolheu, segundo ele, foi expresso pelas canções como “Gaúcho de Passo Fundo”, que para Nascimento percorreu, e ainda percorre o Brasil inteiro.

Em qualquer lugar que a gente chegasse, fora do Rio Grande do Sul, se perguntassem de onde era, quando respondíamos que éramos morador de Passo Fundo, a reação logo vinha: ‘terra do Teixeira’. ‘Gaúcho de Passo Fundo’ é verdadeiro hino à cidade, composto por seu mais ilustre filho adotivo. Sempre que podia, em pleno sucesso, retornava a sua terra para rever amigos tradicionalistas, como o saudoso Ulisses Camargo (p.55).

Sobre o monumento ao Teixeira, Welci Nascimento testemunhou que durante sua inauguração, “o povo acorreu em massa para prestar homenagem ao seu filho ilustre que sabia, como ninguém, expressar os sentimentos dos tradicionalistas, dos motoristas, dos colonos, enfim, do povo brasileiro”. E concluiu: “Graças a Teixeira, Passo Fundo é conhecido no Brasil, e dizem que até no mundo inteiro” (p.55).

Teixeira é emblemático na construção identitária. Está nele, de certa forma, o processo desse imaginário. Sem raízes campeiras, tratorista de obras públicas e dono de banca de tiro-ao-alvo, ao utilizar o espaço de uma emissora de rádio, ele se fez representante da cultura gauchesca, ou seja, se fez como ente artístico e personagem abstrato.

O mesmo vereador Tadeu Karczeski, que sugeriu a construção do monumento a Teixeira, criou a lei que oficializou a música “Gaúcho de Passo Fundo” como símbolo do município.

Gaúcho de Passo Fundo
(Teixeirinha)

Me perguntaram se eu sou gaúcho
Está na cara repare o meu jeito
Eu sou gaúcho lá de Passo Fundo
E trato todo mundo com o maior respeito
Mas se alguém me pisar no pala
Meu revolver fala
E o bochincho tá feito

Me perguntaram qual era a razão
De eu ter orgulho em ser passofundense
Eu respondi sou da terra do trigo
Tenho um povo amigo e quando luta vence
É um pedaço do Rio Grande amado
Orgulha o estado
E o povo riograndense

Não sou nervoso nem carrego medo
Eu me criei sem conhecer remédio
Eu meto os peito em qualquer fandango
Mas quando eu me zango até derrubo o prédio
Eu sou gaúcho e se me agride eu tundo
Sou de Passo Fundo
Do planalto médio

Já respondi a pergunta seu moço
Me dá licença vou encilhar o cavalo
Brasil a fora atravessei os estado
Troteando apressado eu fui tirando talo
Pra ver as prenda mais lindas do mundo
Chego em Passo Fundo no cantar do galo.

Esta letra é símbolo do Município de Passo Fundo, de acordo com a Lei nº 3.892, de 12 de abril de 2002, de autoria do vereador Luciano Azevedo. O Artigo 3º afirma que a música símbolo do município poderia ser executada em cerimônias oficiais, receberia divulgação do poder público e sua propagação seria estimulada, para que fosse permanentemente utilizada na fixação da imagem e propagação da cultura e das tradições de Passo Fundo.

É relevante destacar que, em nenhum momento as autoridades locais se preocupam com o conteúdo do “hino”, com a imagem anticivilizatória do “tipo” passo-fundense afirmado pelo refrão: “Mas se alguém me pisar no pala/ Meu revólver fala/ E o bochincho tá feito”. Os versos propagam um gentílico sem mediação e um modelo das relações violentas.

A imagem de Vitor Mateus Teixeira ilustra boa parte dos anúncios publicitários referentes a Passo Fundo, como se contata no capítulo seguinte, quando das comemorações dos 150 anos do município. O monumento ao ferroviário, construído pelo mesmo artista, ao mesmo tempo em que o do cantor, não é celebrado e utilizado da mesma forma, sendo coadjuvante e até inexistente no imaginário cultural da cidade.

4 PASTICHE GAUCHESCO

A “identidade gauchesca” de Passo Fundo pode ser interpretada como processo onde o personagem da celebração, do viver cultural e imaginário é desvinculado do seu fazer produtivo-social, em uma fragmentação pós-moderna. A figura do gaúcho pode ser tratada como mito ou representação - imagem produzida e produtora de influência, mesmo que distante da realidade histórica, como no caso de Passo Fundo. A imagem pode até mesmo configurar-se como a própria história (realidade), sendo capaz de acionar atores políticos – o que é uma dificuldade e um desafio para os historiadores.

A lógica própria do regionalismo é que a força das representações não está proporcionada ao seu valor de verdade, podendo ser uma ilusão muito bem fundamentada (BOURDIEU,1998, p.124). No caso do regionalismo no Rio Grande do Sul, percebe-se a partir do tradicionalismo, a adequação das forças simbólicas, em um envolvimento coletivo organizado através da instituição MTG, outorgado por leis estaduais. Já a partir do nativismo, o arsenal imagético gauchesco incorporou também uma adequação contemporânea, legitimando-se e consagrando-se nos meios tecnológicos.

Para Bourdieu, o poder econômico se volta para a dominante cultural que convém, seja regional, nacional, ou internacional. Tal prerrogativa reafirma o regionalismo gauchesco contemporâneo como produto cultural e indica sua interpretação como fenômeno fragmentado, fruto de uma dominante chamada pós-modernidade. Nesse espectro, o gauchismo é regional na referência simbólica (figura do gaúcho), mas globalizado na forma de expressão (imagem-espetáculo).

O mito do gaúcho aparece em manifestações artísticas, celebrações cívicas e festivas, enquadrando-se muitas vezes como produto da indústria cultural, em uma realidade global, como foi abordado no capítulo 3. Pelas características descritas do

fenômeno, pode-se identificar no gauchismo elementos de pós-modernidade, atribuindo a ele a categoria de pastiche.

A construção do estilo gauchesco contemporâneo, baseado em um regionalismo moderno, a partir da metade do século XX assumiu códigos utilizados num outro contexto pós-modernista. Identifica-se com o que Fredric Jameson (1996, p.44) denominou de “pastiche”, ou de “kitsch”, que é o processo de imitar estilos “mortos”, estocados no museu imaginário de uma cultura global, superficialmente e sem conteúdo, manifestando através da imagem e da moda, valendo-se de evidente apelo emocional. Não é difícil ao observador atento identificar o gauchismo como “pastiche”, quando reúne referenciais convencionados no passado e representa através do espetáculo (modo de expressão global).

O problema apontado no estudo de Jameson está nos elementos constitutivos do pós-moderno, pois “há uma nova falta de profundidade, que se vê prolongada [...] em toda essa cultura da imagem e do simulacro” (1996, p.32) e, por conseqüência, um enfraquecimento da historicidade.

Trazendo essas interpretações para o contexto gauchesco, Tau Golin escreveu que “a primeira característica dominante de uma identidade ‘tradicional’-folclórica em uma sociedade moderna é a diluição da noção de tempo histórico” (2004, p.7). Cria-se o “tempo vago” e há uma reelaboração do passado como o lugar de uma sociedade tradicional. Mas segundo ele, no caso do Rio Grande do Sul, historicamente, a sociedade de tipo tradicional nunca existiu. O tradicionalismo é uma extensão da cultura de massa, e não o prolongamento de uma sociedade tradicional. Sua força cultural agrega elementos da pós-modernidade, como a centralidade da imagem na representação da identidade. “A escolha de ‘parecer-ser’ conforme o arquétipo conveniado recentemente é a condição que conecta o conservadorismo à pós-modernidade” (GOLIN, 2004, p.10).

Homi K. Bhabha escreveu que “o reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação” (1998, p.21). Baseia-se na representação da diferença como reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos inscritos em sua lápide fixa tradicional. Para ele, essa é uma lógica binária pós-moderna⁴⁹, na qual as identidades são construídas, como por exemplo: negro/ branco; ou, no caso aqui estudado, gaúcho/ não-gaúcho.

⁴⁹ Sobre binarismo pós-moderno, ver também: SANTOS, 1991.

Essa orientação não segue a visão otimista de Bhabha, que propõe a pós-modernidade como algo a ser construído, invertendo o entendimento negativo que se tem sobre esse conceito, devido a suas manifestações predominantes. Assim, ajuda-nos a entender essa tônica estético-cultural contemporânea através da descrição do que ela deveria ser. Bhabha fala do “além”, onde está o entre-lugar, a passagem intersticial entre identificações, que abre a possibilidade de um hibridismo cultural⁵⁰. Para ele, “o ‘além’ significa distância espacial, marca um progresso, promete um futuro” – ao contrário da fragmentação presente nas diversas conceituações da pós-modernidade.

É o caso de Jean Baudrillard, para quem o “kitsch” surge como o equivalente do “cliché” (lugar-comum) no discurso e como categoria cultural.

Será melhor defini-lo como *pseudo-objecto*, isto é, como simulação, cópia, objecto factício e estereótipo, como pobreza de significação real e sobreabundância de signos, de referências alegóricas, de conotações discordantes, como exaltação do pormenor e saturação através das minúcias. Por outro lado, há estreita relação entre a sua organização interna (sobreabundância inarticulada de signos) e o seu aparecimento no mercado (proliferação de objectos desarmônicos, amontoamento em série) (1995, p.115).

O autor credita a proliferação do “kitsch” à realidade sociológica da sociedade de consumo, que produz a “multiplicação industrial e a vulgarização ao nível do objecto, dos signos distintivos tirados de todos os registros (o passado, o neo, o exótico, o folclórico e o futurista) e a oferta desordenada de signos ‘já feitos’, como na ‘cultura de massas’” (p.115).

Allan Bloom (1989, p.241) reforça essa conclusão quando diz que na sociedade de massa os movimentos em busca de raízes são superficiais, dado o conflito fundamental entre o liberalismo contemporâneo e a cultura ancestral, na essência de ambos. Tal conflito pode ser observado no gauchismo quando o MTG visa cultuar através de manuais uma tradição inventada que inclui a boa conduta, a moral e a honestidade⁵¹. Mas o seu ícone, o

⁵⁰ Para Garcia Canclini, esse hibridismo é a tônica presente na cultura latino-americana contemporânea. Mas para o mexicano, esse hibridismo não carrega necessariamente a característica construtiva de Bhabha, desvinculada do kitch.

⁵¹ Ver Manual do Tradicionalista (SARAIVA, 1968).

gaúcho, era um homem “sem rei, sem fé, nem lei” (PESAVENTO, 1997, p.11). Evoca o “gaúcho”, mas incorpora em sua estrutura o peão, o ser obediente a um sistema.

A liberdade que o indivíduo possui nesse conflito está sujeita a hábitos mentais, a uma “mentalidade coletiva”, que influencia subjetivamente a ação. Norbert Elias (1994, pp.11-60) considera que o indivíduo tem suas próprias metas e objetivos, mas está sujeito à ordem e a certo ritual. A margem de decisão, o poder de cada um depende da estrutura e da história da sociedade onde vive e age. Observando esse processo, Tau Golin concluiu que “depois de meio século de organicidade tradicionalista, o movimento, como expressão hegemônica, já inoculou, irremediavelmente, na identidade sulina um *ethos* imaginário estancieiro e conservador” (2004, p.16).

Nota-se que o gauchismo passo-fundense se adapta à dominante cultural pós-moderna, à sociedade do espetáculo. As celebrações, encenações e shows são a tônica da representação do gauchismo. Rodeios, desfiles de 20 de setembro e festivais contam com larga reprodução na mídia, assim, identificam-se nelas características de manifestação da cultura de massa.

Edgar Morin (2005, p.44) aponta o homem médio na cultura de massa, que responde fácil a apelos que estimulam sua natureza humana, conhecimento e cultura de estágios infantis. A partir dessa projeção de homem médio, garante-se o sucesso dos produtos culturais ao maior público possível. Aqui se inclui o jogo, o lúdico, por exemplo, como se observa nas competições artísticas do Movimento Tradicionalista Gaúcho, o Enart, que mobilizam milhares de jovens em torno da dança e da música “tradicionais”. É considerado o estágio mais elevado da disputa entre os centros, ocupando os participantes o ano inteiro, em fase preparatória. “O lazer jogo-espetáculo, o lazer afirmação da vida privada se tornam conjuntamente orientação e sentido da existência” (MORIN, 2005, p.76).

No caso de Passo Fundo, desde 1986, na primeira edição do Encontro de Arte e Tradição (Enart), grupos de jovens da cidade participaram, mostrando a mobilização e organização em torno da competição tradicionalista. Competem em modalidades de dança e música, em grupo ou individualmente, representando CTGs. O fato é que, anteriormente, a participação juvenil nos CTGs era reduzida, como se deduz a partir da reclamação de Pedro Ari Verissimo da Fonseca, no livro *Formação do Gaúcho*, de 1982. Ele escreveu que o movimento em prol da cultura gaúcha em Passo Fundo partiu dos CTGs, atingindo o

empresariado, mas não conseguiu atingir o universitário (1982, p.209). É a partir do atrativo lúdico do Enart, e com a fundação da Rádio Planalto FM, que mudou sua programação para 100% gaúcha, em 1992, que ocorreu o incremento participativo juvenil nesse movimento cultural.

É preciso diferenciar este tipo de evento como o Enart, baseado na competição e no espetáculo de massa, do que seria manifestação folclórica. Edgar Morin, ao conceituar a cultura de massa no século XX, no processo transitório que aqui chamamos da modernidade para a pós-modernidade, conclui que “a ‘festa’, momento supremo da cultura folclórica, na qual todos participam do jogo e do rito, tende a desaparecer em benefício do espetáculo” (2005, p.62). Bourdieu (2005) auxilia nessa compreensão ao classificar campos diferenciados e inter-relacionados, como erudito e econômico, da arte e das indústrias do turismo e da mídia. O gauchismo expresso no Enart obedece ao dirigismo da elite tradicionalista e encontra correspondência de massa na forma de audiência para o espetáculo e de participantes obedientes às regras de um jogo, caracterizando participação passiva, diferente de uma manifestação folclórica, ativa. De um lado está a orientação simbólica e estética com os produtores do evento, posicionados no campo político (dirigente) e no econômico (indústria do turismo); de outro, a platéia, ou os “praticantes”.

No Enart, vence os seus concorrentes o grupo que seguir com perfeição o regulamento da competição, estabelecido pelo MTG. São avaliadas desde a indumentária dos dançarinos e músicos, até a correspondência de seus passos com as convenções estabelecidas anualmente nos congressos tradicionalistas. Ou seja, o campo da arte (da espontaneidade) é atrofiado pelo campo de uma política cultural cerceadora.

A guisa de conclusão, ao contrário do que afirma o discurso tradicionalista, procurando se legitimar como sucedâneo da história, a “cultura gauchesca” é uma construção da modernidade e atingiu seu auge quando pôde contar com um *complexo sistema capacitador*, inserindo-se na pós-modernidade. Tal processo evidencia um hiato cultural, entre a existência do tipo social do “gaúcho” e a sua representação. O caso de Passo Fundo é importante para o estudo da identidade gauchesca sob essa perspectiva, pois, transpôs e recriou o gauchismo em uma região em que não existiu o grupo social “gaúcho”.

O fenômeno cultural “gauchismo” se dá como representação na cidade de Passo Fundo. Ao contrário do discurso corrente, de “renascimento” da tradição gaúcha no século

XX, não há renascimento de algo que não existia no passado, como se fosse retomado no presente como prática resgatada, pois o que se pratica hoje foi inventado no século XX, apenas baseado em aspectos do passado.

Deve ser considerada a diferença no processo de identificação, pois, modernamente, os vínculos identitários correspondiam à prática cotidiana e profissional. Na pós-modernidade, esse vínculo se desfaz. Os elementos contribuintes para a identidade são colhidos de referências do espaço e do tempo que servirem melhor ao indivíduo, considerando que o indivíduo tem acesso a múltiplas referências no mundo, através do desenvolvimento da comunicação.

4.1 Mostra da Cultura Gaúcha

Um dos principais eventos gauchescos da cidade de Passo Fundo é a Mostra da Cultura Gaúcha, um desfile alegórico que é promovido anualmente durante as “comemorações” da Semana Farroupilha. Criado pelos tradicionalistas Luiz Mussini e Flori Wegher, em 1991, o evento partiu da idéia de encenar “um tema específico, teatralizado, com cenários, semelhante às solenidades momescas do Rio de Janeiro” (LOPES, 2007, p.157).

Em 11 de setembro de 1997, o vereador Giovani Corralo encaminhou um projeto de lei (nº112/97) na Câmara Municipal de Vereadores, com a seguinte pauta: “Oficializa a Mostra da Cultura Gaúcha e dá outras providências”.

Nota-se que o projeto tem folhas timbradas da Câmara de Vereadores, onde, no cabeçalho, e no rodapé, consta o slogan “Passo Fundo, Che!”, acompanhado do desenho da catedral e da cuia. A justificativa do projeto também reafirma as intenções do projeto “Passo Fundo Tchê, a Mais Gaúcha Cidade do Rio Grande do Sul”, de 1980:

Por mais que a lógica desenvolvimentista de um pólo turístico-cultural-tradicionista aponte para o fortalecimento de um único símbolo, slogan, enfim, para um mesmo norte nas campanhas de marketing, isto não tem acontecido pelas Administrações que adviram após o ano de 1980. Não somou-se em prol da consolidação do pólo tão corretamente almejado por Valmor Palma. Porém, a organização da comunidade faz com que Passo Fundo se mantenha viva no panorama nacional e internacional, através de eventos brilhantemente

organizados [...] eventos estes que deveriam contar com o total apoio da municipalidade, o que às vezes não ocorre (PROJETO DE LEI 112/97, p.07).

O objetivo do projeto era oficializar a Mostra da Cultura Gaúcha, “tendo em vista a importância deste evento para o fortalecimento de Passo Fundo como um pólo disseminador da cultura e tradições do Rio Grande” (p. 06). O vereador afirmou também que a Mostra era um evento reconhecido pela comunidade passo-fundense, sendo considerado o melhor evento do gênero em todo o Estado do Rio Grande do Sul e possuindo todos os requisitos para atrair o turismo cultural. Apesar disto, naquele ano de 1997, o evento não seria realizado. Conforme o projeto, o motivo teria sido a falta de planejamento e a recusa do Poder Executivo Municipal em liberar R\$ 30.000,00⁵² para todos os Centros de Tradições Gaúchas que participariam deste evento. Ou seja, naquele ano não liberaram verbas para a Mostra e ela não aconteceu. Então o vereador Corralo fez um projeto de lei para tentar garantir a realização do evento nos anos seguintes, com verbas públicas.

Mas a Procuradoria da Câmara analisou o projeto e logo identificou o mesmo vício do Festival de Folclore (PROJETO DE LEI N°023/97), de querer impor ao executivo municipal um convênio periódico com uma entidade privada, desta vez, com o MTG. O artigo 1 oficializava a Mostra da Cultura Gaúcha, sendo realizada anualmente, durante as comemorações da Semana Farroupilha. Mas o artigo 2 previa que o evento seria organizado pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho, 7ª Região, juntamente com o Município de Passo Fundo. O artigo 3 estabelecia um convênio a ser firmado entre as duas partes todo ano.

Então o procurador assistente, Adolfo de Freitas, sugeriu a mudança dos artigos que tratam desta matéria, para que o prefeito não os vetasse, como aconteceu no projeto do Festival de Folclore. A Comissão de Legislação e Redação da Câmara fez as emendas sugeridas pela procuradoria e reescreveu o artigo 3, que ficou assim: “*poderá* ser firmado, até o final de cada ano, convênio entre o Município de Passo Fundo e o Movimento Tradicionalista Gaúcho...” (p.14).

É interessante analisar neste documento, que os vereadores que participaram do processo do projeto de lei são os mesmos do anterior, em março do mesmo ano, do Festival

⁵² Valor atualizado em 1º de novembro de 2007: R\$ 76.728,20.

Internacional de Folclore. Observa-se que em todas instâncias, o parecer era favorável e reafirmava a mesma justificativa do vereador, com o mesmo discurso. Por exemplo, a Comissão de Educação e Bem Estar Social, que emitiu também parecer favorável e acrescentou a observação de que “as alterações realizadas aperfeiçoam o projeto e o tornam mais democrático, uma vez que o Município poderá priorizar a cultura e tradições de nosso povo, com o apoio do Movimento Tradicionalista da 7ª Região” (p.16).

O projeto foi posto em votação em Reunião Plenária Ordinária da Câmara, no dia 03 de dezembro de 1997. Com 15 votos a favor e 03 contra, o PL obteve aprovação. Mas as emendas, apesar de terem sido aprovadas, não tiveram votação tão unânime. As de número 01 e 03 obtiveram apenas quatro votos de diferença (11x07). A emenda 2, que alterou a obrigação do poder executivo no convênio com o MTG, teve apenas dois votos de diferença (10x08). Boa parte constituinte do plenário, percebe-se, insistiu em um artigo inconstitucional, em favor da usurpação do espaço público.

A seguir, o presidente da Câmara, Luciano Azevedo, encaminhou ao prefeito Julio César Canfield Teixeira o projeto. Na redação final, o artigo 2 previa que “A Mostra da Cultura Gaúcha será organizada pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho, 7ª Região, juntamente com o Município de Passo Fundo” (p.20) e foi o único artigo vetado pelo Prefeito, em 01 de Janeiro de 1998. Julio Teixeira escreveu que não caberia à municipalidade impor a entidades civis, a obrigatoriedade de cumprir tarefas, até porque, não teria como fazer cumprir a determinação. Assim como não poderia o Poder Legislativo obrigar o Executivo a organizar evento algum. “Tal comando fere o disposto no artigo 2º da Constituição Federal uma vez que a decisão de colaborar ou não com o evento é ato típico do Poder Executivo, e como tal depende de critérios administrativos de oportunidade e conveniência” (p.22).

A Câmara acatou os vetos e o evento voltou a ser realizado em 1998, seguindo anualmente e contando com verbas públicas. Houve neste tempo um processo de diminuição das entidades participantes. De acordo com o jornal O Nacional, em 2001 cerca de 15 organizações tradicionalistas participaram do desfile e a Mostra aconteceu em dois dias (12 set. 2006, p.07). Em 2006 foram apenas três grupos em um dia de desfile, na Avenida 7 de Setembro.

Na Mostra da Cultura Gaúcha de 2006, no dia 17 de setembro, o apresentador do evento disse que o desfile “mostrava a cultura da nossa cidade, desde os índios kaingangues, passando pelos primeiros habitantes até a miscigenação que formou o gaúcho”, conforme pesquisa de campo. Estavam presentes o prefeito municipal Airton Dipp e alguns vereadores. A temática do CTG Lalau Miranda foi “ritmos gaúchos permitidos pelo MTG”. O primeiro instrumento musical mostrado, como o primeiro surgido no Rio Grande do Sul, foi o acordeom, trazido por imigrantes italianos em 1829, sendo o instrumento que melhor representa a música tradicionalista, “a música da nossa terra”, de acordo com suas faixas ilustrativas.



Figura 6 – Contracapa do jornal Diário da Manhã de 19 de setembro de 2006

A entidade vencedora foi Os Cavaleiros do Mercosul. Os cavalarianos levaram ao asfalto um recorte dos povos que teriam formado o “gaúcho”: paulistas pilchados, italianos bem vestidos, espanhóis de origem flamenca⁵³, negros vestidos de pele de onça, e índios com penas e roupas ao estilo norte-americano. Essa foi a representação de uma típica estética de pastiche feita por quem tem “legitimidade oficial” no município e recebeu verbas públicas para representar o gauchismo como em um desfile de carnaval, no entanto, sem a competência das escolas de samba.

4.2 A cuia na praça

O monumento da cuia de chimarrão⁵⁴ está instalado na Praça Marechal Floriano. Segundo o site da Prefeitura Municipal de Passo Fundo, na página da Secretaria de Desporto e Cultura, “foi doada, em 7 de agosto de 1957, pelo Governador de São Paulo, como presente pela passagem do centenário de Passo Fundo”, na lógica de uma imagem atribuída e reconhecida de fora.

Este monumento mostra uma das tradições gauchescas, o chimarrão, que representa a cordialidade, a intimidade entre as pessoas. A hospitalidade é um valor constante da vida do gaúcho e o chimarrão é um fato agregador que reúne e harmoniza através do ritual do mate o relacionamento entre as pessoas. Ao se formar uma roda de chimarrão, todas as pessoas se tornam amigas, já que o mate é servido numa só cuia, que passa de mão em mão. Ao oferecer uma cuia de chimarrão para alguém, este é considerado um amigo. O mate é uma cuia, que é preenchida com erva-mate, onde se coloca uma bomba e acrescenta-se água quente. A cuia é feita de porongo e a bomba do mate, por onde se sorve o chimarrão, é de metal (normalmente de prata). (PREFEITURA MUNICIPAL DE PASSO FUNDO).

⁵³ Ver Figura 6, p. 157.

⁵⁴ O chimarrão é uma bebida característica da cultura indígena do sul da América do Sul. Foi apropriada pelo colonizador e se transformou, no século XX, em ícone do gauchismo. É preparada com erva-mate em um recipiente chamado “cuia”, feita de porongo.

Esse texto da Prefeitura explica os significados que oficialmente se quer atribuir a tal monumento. Mas é importante tentar compreender o que a cuia representa no imaginário cultural e porque ela foi instalada na praça. Sobre a questão do imaginário, identifica-se a recorrência da imagem da cuia como símbolo da cidade, que associa municipalidade e gauchismo. Ao mesmo tempo, os livros de história apenas reproduzem essa versão resumida, de que o monumento “foi presente do Governador de São Paulo, Jânio da Silva Quadros, em 1957, no ano do centenário do município” (MACHADO; MIRANDA, 2005, p.82). Em arquivos manuseados e utilizados rotineiramente pelas secretarias municipais, não há informação detalhada sobre a instalação do monumento.

O curioso é que no imaginário cultural existe a cuia. Mas o processo histórico de instalação dela em 1957 inexistente na memória e na sua utilização simbólica. O monumento é pilhado constantemente, tendo placas informativas furtadas e sua base pichada. Em outubro de 2007, estava instalada uma placa com versos gauchescos do poeta João Pantaleão Leite e a informação do número da lei que a instituiu como símbolo oficial do município.



Figura 7 – Monumento à Cuia, da Praça Marechal Floriano

O projeto de lei número 103/95 da Câmara Municipal, de autoria do vereador Meirelles Duarte, instituiu a Cuia como símbolo oficial do município, em 26 de dezembro de 1995. Na época, o monumento continha uma placa com a inscrição “Passo Fundo, Tchê”. A lei previa que o símbolo fosse inspirado no monumento e que ele fosse estampado em todos os impressos utilizados pelos poderes executivo e legislativo.

Na justificativa do projeto, Meirelles Duarte escreveu que o símbolo oficial do município era um debate em voga. Como “várias entidades” utilizavam a cuia como símbolo, como no pórtico do Parque da Roselândia e na fachada do CTG Osório Porto, o vereador acreditava que a cuia era o símbolo ideal. Ele também relatou no texto que turistas visitavam a praça e o monumento.

Em anexo ao projeto, havia duas recomendações de tradicionalistas: Iradi Laimer e Aires Rampazzo, que já havia sido coordenador da 7ª Região Tradicionalista do MTG.

Até então, apenas o brasão e a bandeira eram símbolos oficiais.

A Comissão de Educação e Bem Estar Social aprovou o seguinte parecer: “Em nosso Município, como verifica-se pelos expoentes do tradicionalismo que firmaram ofícios de apoio ao Projeto de Lei, [...] todos aceitam e consideram um símbolo que vai de encontro ao título que Passo Fundo possui hoje, como sendo a cidade mais gaúcha do Estado” (p.11). Na verdade, um título que se auto-atribuiu.

Em outra instância, a Comissão de Orçamento e Tomada de Contas emitiu parecer contrário, justificando que outros símbolos poderiam ser adotados, em favor do projeto “Passo Fundo Tchê, a mais gaúcha cidade do Rio Grande do Sul”, mas também ligados ao gauchismo. Mas a cuia tornou-se símbolo do município com a aprovação em sessão plenária extraordinária da Câmara de Vereadores, com apenas três votos contra.

4.3 150 anos representados em um

O material publicitário produzido pela Prefeitura Municipal, bem como sua programação para os festejos do aniversário de 150 anos de emancipação política do

município, reafirmam a sua imagem gauchesca, sem qualquer preocupação com as representações históricas do município. Na cobertura da imprensa, a questão do gauchismo é preponderante, seja em textos ou em imagem. Do material produzido, recortaram-se para análise materiais como os cadernos especiais de jornais, folhetos da prefeitura, publicidade de empresas e o programa especial de televisão Jornal do Almoço, da RBS TV, transmitindo direto de Passo Fundo.

A Prefeitura Municipal realizou no início do ano de 2007 um concurso para escolha do logotipo dos 150 anos. Ganhou a arte gráfica de Luis Hoffman que mescla um livro, em referência ao título Capital Nacional da Literatura⁵⁵, e uma cuia, em referência ao gauchismo.



Figura 8 – Folder da Programação do Sesquicentenário de Passo Fundo

⁵⁵ Foi publicada no Diário Oficial da União, no dia 3 de janeiro de 2006, a Lei nº 11.264 que confere ao município de Passo Fundo o título de “Capital Nacional da Literatura”, devido à realização do evento Jornada de Literatura, desde 1981 na cidade.

O poder executivo produziu um folheto com a programação do ano, incluindo os eventos que seriam realizados. O material publicitário foi ilustrado com fotos em destaque dos monumentos do Teixeirinha e da Cuia de Chimarrão, ao lado de outra da Catedral⁵⁶.

Durante o período em torno do dia 7 de agosto, data oficial de comemoração da fundação do município, a empresa Suldoor Comunicação Visual, principal do ramo de outdoors da região, instalou peças publicitárias da rede de supermercados Comercial Zaffari e das Farmácias São João, ambas com motivos comemorativos.



Figura 9 – Fachada da Farmácia São João, na Estação Rodoviária de Passo Fundo

O Zaffari veiculou cinco outdoors no período de 18 a 31 de agosto, com a seguinte frase: “Parabéns Passo Fundo, pelos 150 anos de orgulho gaúcho”. Na campanha das Farmácias São João, foram quatro outdoors no período de 10 de julho a 10 de outubro. Continham frases diferentes:

⁵⁶ Ver Figura 8, p. 161.

Parabéns Passo Fundo! – 150 anos de cultura, saúde e hospitalidade
Passo Fundo, 150 anos – preservando as raízes e construindo o futuro
Parabéns Passo Fundo, pelos seus 150 anos, Querência Amada!
Dos tropeiros a Teixeira – Parabéns, Passo Fundo, pelos seus 150 anos de glórias!
Passo Fundo, 150 anos – Dos tropeiros à Capital Nacional da Literatura

A última frase também foi pintada na Estação Rodoviária da cidade⁵⁷. Dessa cronologia, o povo kaingang, depois de expulso de sua terra, foi eliminado do imaginário.

Nota-se a vinculação do discurso gauchesco de forma clara na propaganda do Comercial Zaffari. No caso da São João, o elemento gauchesco está implícito nas frases “preservando as raízes” e “querência amada”, além da referência a Teixeira.

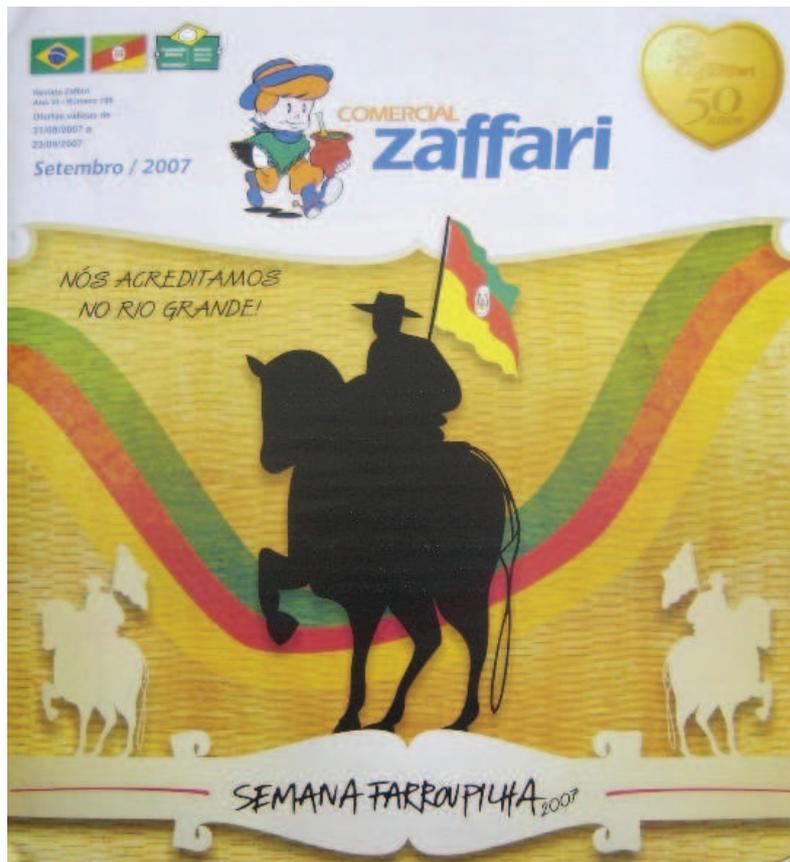


Figura 10 – Folheto de ofertas da Comercial Zaffari, de setembro de 2007

⁵⁷ Ver Figura 9, p. 162.

Os supermercados da Comercial Zaffari são representados em sua publicidade, desde a década de 1980, pelo desenho de um gauchinho, que tem o estilo de personagens de histórias em quadrinhos. O mascote é desenhado vestindo bombacha, chapéu e lenço. Na Semana Farroupilha de 2007, ele recebeu uma cuia e um pala, no folheto promocional de ofertas, distribuído encartado em jornais locais e por funcionários nos principais semáforos da cidade⁵⁸. Havia também um desenho da silhueta de um homem montado a cavalo empunhando a bandeira do Rio Grande do Sul, com a frase “Nós acreditamos no Rio Grande!”.

A publicidade, em todo o estado do Rio Grande do Sul, costuma aproveitar-se do imaginário gauchesco nesta data, como já estudado por Nilda Jacks (2003).

Em Passo Fundo, esta forma de apelo à identidade, a partir de símbolos, se exacerbou na data comemorativa dos 150 anos, como representação da cidade. No programa de televisão “Jornal do Almoço” (RBS TV), transmitido ao vivo no dia 07 de agosto, diretamente de Passo Fundo, o objetivo foi comemorar o dia do sesquicentenário do município. Logo no início da transmissão, a apresentadora Cristina Ransolin saudou a audiência, localizou a apresentação do programa em “Passo Fundo, Tchê”, e disse: “No programa de hoje, você vai ver um pouco da história, da cultura, da economia e dos costumes de quem mora por aqui”. Então as câmeras mostraram jovens de internadas artísticas de CTGs, ao som do grupo musical Tebanos, de música gauchesca.

A seguir, a reportagem sobre o clima com Carla Valdez mostrou a cuia na praça e um homem de bigode, pala e chapéu. Voltando a imagem para Cristina Ransolin, ela falou, ao lado de um homem pilchado cozinhando em uma panela grande: “o seu Orlei, desde adolescente gosta de participar de eventos tradicionalistas, sempre em roda do fogão, já lançou dois livros *Bóia de panela*.” A apresentadora perguntou: “Qual é o segredo dessa ovelha?”. O homem respondeu: “É a nossa raça gaúcha, sempre bom prato, bem alimentado, porque nós ‘peleamos’ por 300 ‘ano’, então o gaúcho sempre tem que tá bem alimentado”. Este é um exemplo emblemático do pastiche, pois o cozinheiro coloca “na panela” elementos desconexos para formar um “prato” com status de memória.

⁵⁸ Ver figura 10, p. 163.

Em nova reportagem, a repórter Roberta Salinet falou do aniversário, elencando elementos da economia da cidade, como agroindústria, comércio, serviços, saúde e educação. “E nesse cenário regional, a cultura ganha destaque, através do tradicionalismo, da herança das culturas italiana e alemã, e ainda com eventos, como o Festival Internacional de Folclore, a Jornada Nacional de Literatura e o Rodeio Internacional”. Entrevistou pessoas dos grupos de teatro Viramundos e Cia da Cidade e fechou o bloco com os Tebanos cantando *Canto Alegretense* (sic), o que é curioso, pois é uma canção gauchesca que exalta a cidade de Alegrete, que se pretende “mais gaúcha” que Passo Fundo. Também é uma manifestação kitch, pois o que importa não era o conteúdo da letra e o sentido que ela expressa entre o artista e o momento que ele está vivendo. É apenas um clichê gauchesco.

No intervalo, foi veiculada uma propaganda da faculdade Faplan, que mostra fogo de chão e fala no mate. O slogan: “Passo Fundo, terra de cultura, de oportunidade”.

No terceiro bloco do programa, a comentarista Ana Amélia Lemos comentou que “Passo Fundo não precisou tirar a bombacha pra se internacionalizar”. Então listou personalidades conhecidas no país, como a atriz Letícia Birchoier e o técnico de futebol Felipão. Casualmente, gente que não usa indumentária gauchesca.

Em outra reportagem, Roberta Salinet entrevistou o historiador Tau Golin, que disse que Passo Fundo é uma cidade que se formou com pessoas de vários lugares. “Essas pessoas sempre trouxeram as culturas desses mais longínquos espaços”. A repórter completou a frase do historiador com o seguinte texto:

Mas o município, onde 65.180 moradores fazem parte de CTGs, também cultua a tradição gaúcha. E os grupos da cidade recebem a cada dois anos grupos de diversos países, trocam experiências e conhecimentos, no Festival Internacional de Folclore. Na música, a cidade faz história. Teixeira, que nasceu em Rolante, imortalizou o gaúcho de Passo Fundo em todo país.

A seguir, o jornalista Lazier Martins entrevistou Jabs Paim Bandeira e perguntou: “Qual era mesmo a causa da guerra entre maragatos e pica-paus?”. O entrevistado respondeu: “Era a busca pelo poder. Os maragatos buscavam o poder do Brasil. Assim fizeram esta guerra, esta revolução”. Também afirmou que estudou o personagem

Gomercindo Saraiva e se apaixonou pela maneira como ele atuou nesta revolução, “quase tomando o Brasil, a pata de cavalo”. A imagem televisiva focou atores, reproduzindo fragmentos da Encenação da Batalha do Pulador. Bandeira falou ao microfone: “E agora, maragatos e pica-paus resgatarão a honra, através do brilho das suas espadas”. Martins e Ranzolin comentaram: “aí está a bela encenação”.

No final do programa Cristina Ranzolin disse que não poderia faltar a música “de um grupo que tem a cara, tem o jeito de Passo Fundo, que nasceu aqui e faz sucesso em todo país”, e anunciou os Tebanos, tricampeões do Enart, o principal evento tradicionalista do Rio Grande do Sul. O grupo é o mesmo que cantou *Canto Alegretense* no bloco anterior. Integrantes do CTG Lalau Miranda, “que é o segundo maior do nosso estado” dançaram ao som de “Gaúcho de Passo Fundo”. Encerrando a transmissão, o monumento ao Teixeirinha foi mostrado em imagem.

Como reflexão sobre esse programa de televisão cabem as palavras de Muniz Sodré, para quem a mídia não exige significado, pois vigora por ambiência, costume e sensorialismo. Assim, elimina-se a categoria de significação e se reconhece apenas o signo e seu referente. Na ordem das imagens ou dos simulacros, “importa mais a conexão do que o sentido” (2002, p.246). É neste esvaziamento de sentido e de triunfo do pastiche que o gauchismo se manifesta, em um show de imagens, construindo uma referência identitária para Passo Fundo. Consagra-se como produto desta lógica midiática e carece de explicações narrativo-históricas, de ligações sócio-culturais com sua população, configurando-se como elucubração estética kitch.

Em outra manifestação deste processo, cadernos especiais de jornais impressos estamparam ampla publicidade de empresas e instituições públicas com motivos gauchescos. Na edição do dia 20 de setembro de 2006, o jornal O Nacional, em um suplemento especial propôs alguma reflexão sobre as comemorações da Semana Farroupilha, entrevistando o coordenador da 7ª Região Tradicionalista do MTG, Carlos Pinheiro de Almeida, e o historiador Tau Golin. Outros textos também propõem algum contraponto ao discurso corrente tradicionalista que dominou a mídia. Mas no mesmo espaço do jornal O Nacional, a publicidade evidencia o quanto a lógica gauchesca está impregnada no imaginário como forma de representação cultural. A Prefeitura Municipal anunciou em página inteira a frase “parabéns povo passo-fundense, o povo mais gaúcho do

Rio Grande do Sul” (20 set. 2006, p.08), ilustrada com uma mão empunhando uma cuia de chimarrão em uma fotografia contra-luz⁵⁹. O anúncio ainda possui alguns versos:

A cuia
Nosso maior símbolo.
Nos traz a lembrança de união, de um povo aguerrido,
Que outrora tinha apenas uma bandeira para nos unir.
Hoje temos a cuia e a erva mate
E a água quente.
São esses três ingredientes que,
Ao passar de mão em mão,
Se tornam símbolo mais significativo da hospitalidade desse povo
GAÚCHO!
(O NACIONAL, 20 set.2006, p.08)

Comparando esta saudação do poder municipal de 2006 com o publicado em 07 de agosto de 1957, no centenário de Passo Fundo, nota-se a ausência de elementos gauchescos no discurso sobre a cidade, o que comprova minha tese que o gauchismo passo-fundense foi inventado em um processo a partir de 1952, mas se fortaleceu apenas no final do século XX.

No centenário, a prefeitura municipal publicou no jornal Diário da Manhã uma mensagem na capa, ao lado de saudações da Câmara de Vereadores e do Governo Estadual. Assinado pelo prefeito Wolmar Salton, o texto contém a expressão “Terra do patriarca Joaquim Fagundes dos Reis”, um dos notáveis na história do município. Nota-se que não era “Terra de Teixeira”, nem “A mais gaúcha cidade do Rio Grande do Sul”, slogans que vieram a ser utilizados depois. As outras mensagens citadas seguem o mesmo estilo, parabenizando a população de Passo Fundo e desejando prosperidade, bem como nas outras páginas do jornal, onde foram publicadas saudações de municípios vizinhos e empresas da região. Até mesmo a Churrascaria Gaúcha publicou anúncio afirmando: “Quando da ocasião dos festejos do 1º Centenário desta Progressista Terra de Fagundes dos Reis, saúda suas Autoridades e seu distinto Povo” (DIÁRIO DA MANHÃ, 07 ago. 1957, p.07). Ou seja, nem mesmo a churrascaria insistia na identidade gauchesca naquela época.

⁵⁹ Ver Figura 11, p. 168.



Figura 11 – Anúncio da Prefeitura Municipal no jornal O Nacional de 20 de setembro de 2006

Entretanto, no sesquicentenário, o poder municipal posicionou-se não apenas simpático ao gauchismo, mas se utilizou do discurso para obter vantagens simbólicas, associando a municipalidade a este apelo cultural dominante. A mesma lógica ocorreu em outras duas páginas do caderno especial de O Nacional. A primeira, com uma peça publicitária da campanha “Ser gaúcho é um estado de espírito”, da Associação dos Diários do Interior do Rio Grande do Sul, com apoio da empresa de telefonia celular Claro e patrocínio do banco estatal Banrisul. O anúncio consiste em uma fotografia de um

“gaúcho” pilchado tomando chimarrão, junto da palavra “Raízes” em destaque. O seu texto diz em um trecho: “Todo o gaúcho batizado nas terras da Província de São Pedro mantém suas raízes fixas neste pampa. Mesmo quando vive a milhares de quilômetros de distância” (O NACIONAL, suplemento especial, 20 set. 2006, p.05). Esse anúncio faz parte de uma série de cinco, publicados ao longo da Semana Farroupilha, compondo o “Dicionário Gaúcho”. As outras palavras eram lealdade, bravura e honra.

O próprio jornal O Nacional publicou no suplemento um anúncio institucional que lista palavras referentes ao gauchismo, como coragem, bravura, liberdade, igualdade, bolicho, araucária, querência, etc. No rodapé, a frase: “São tantas as virtudes, qualidades e características só nossas, que fica fácil dizermos com todo coração, como é bom ser gaúcho!” (20 set. 2006, p.04).

Na mesma edição, no caderno semanal “Avesso”, dedicado ao público jovem, o Colégio Marista Conceição anunciou um rodapé, com o desenho da silhueta de um homem de chapéu a cavalo, com a frase: “Uma homenagem à tradição gaúcha da tradição na educação em Passo Fundo” (p.12).

No dia do sesquicentenário de Passo Fundo, o jornal Zero Hora publicou um Informe Comercial dedicado à cidade. Nos textos não se nota vinculação estreita ao gauchismo. Mas na publicidade, em dois anúncios há referência a esse imaginário. A clínica de diagnósticos Kosma anunciou em rodapé, com os versos:

Passo Fundo, 150 anos...
Somos filhos desta próspera terra.
Temos orgulho de nossa gente.
De nossa tradição...
Parabéns Passo Fundo.
Parabéns passofundenses”
(ZERO HORA, Informe Comercial, ago.2007, p.13)

Outro anunciante, o Centro Integrado de Terapia Onco-Hematológica (CITO), também parabeniza a cidade e fala em “bons sentimentos que um povo tem ao reverenciar a sua pátria e suas raízes”.



Figura 12 – Anúncio Institucional de O Nacional, em 20 de setembro de 2006

As comemorações sobre os 150 anos de emancipação de Passo Fundo demonstram a consagração de um imaginário identitário que, apesar de estar sustentado nos órgãos públicos e entidades tradicionalistas, se reproduz fundamentalmente pelo seu calendário de eventos, datas privilegiadas para a reprodução na mídia e na publicidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao escrever sobre a história dos agentes e espaços engajados na representação de Passo Fundo através do gauchismo, optei por um recorte metodológico que contempla as elites. Pois quando falo em imaginário cultural e analiso discursos, são sempre através de meios políticos e midiáticos aos quais têm acesso como produtores de sentido, a priori, as elites. Assim, é prudente concluir que não pretendo abarcar um imaginário social, amplamente, mas sim como as elites tomaram o gauchismo para si e o querem para todos como representação da municipalidade.

Ao analisar o mesmo fenômeno sob a ótica da comunicação, atem-se à produção de sentido, através da imagem, em uma lógica de produção em massa, o que não significa que se abarcou o campo da audiência. Portanto, a pesquisa sobre a recepção e a antropologia cultural do passo-fundense frente a essa representação gauchesca, ainda está por ser feita, visto que não era objeto deste trabalho.

A pesquisa em arquivos da Câmara Municipal, em livros escritos por agentes da intelectualidade passo-fundense, em mídia e em eventos como organizações provenientes de projetos de identidade, contribuiu no entendimento de como o imaginário gauchesco se tornou dominante no final do século XX, em Passo Fundo, pela ação de indivíduos empenhados neste papel, em espaços construídos; posteriormente, legitimados; e, conseqüentemente, consagrados.

Observando o processo macro brasileiro, em que a cidade está inserida e sofreu as conseqüências, durante a consagração desta representação imagética, pode-se concluir que o gauchismo se utilizou de suportes variados e característicos das décadas subseqüentes. O arsenal discursivo da imagem do gaúcho como identidade também se especializou por etapas. Até 1950, o livro foi o lugar de proeminência do gauchismo. A partir de 1960, o rádio começou a ganhar status de grande mídia e, em Passo Fundo, carregando consigo uma

vontade de artistas e comunicadores de se representarem como “gaúchos” nesse meio. Em 1970, o cinema foi o mais atrativo meio de comunicação de massa. Nessa década, Teixeira foi a grande estrela das telas, filmando a cidade de Passo Fundo e a associando ao gauchismo.

A televisão surgiria na região apenas na década de 1980, ganhando força em 1990, em Passo Fundo, com a entrada definitiva da emissora RBS TV, influenciando os comportamentos como uma sociedade de massa, na qual o município está inserido, em que a festa e a ritualização se manifestam através da imagem e do espetáculo. É nesse período que nasce o Rodeio. Mas grande parte dos eventos gauchescos de Passo Fundo foi criada na década de 1990, como a Mostra da Cultura Gaúcha e o Festival de Folclore. Neste período, os jornais sofreram mudanças estruturais e estéticas, assumindo uma linguagem mais visual, quando o *complexo sistema capacitador* de Passo Fundo alcançou um nível de abrangência equivalente à maioria das cidades do mundo, como resultado de um processo de globalização.

Essa lógica globalizatória influenciou diretamente o discurso e a prática representativo-simbólica municipal, bem como sua política cultural. A partir do entendimento da cidade de Passo Fundo como uma parte interligada no mundo, com potencial equivalente, dada a diminuição das noções de tempo e espaço, o Turismo passou a pautar as ações de governantes e produtores culturais. E o gauchismo foi o “produto” eleito localmente, para ser oferecido internacionalmente.

Quanto à participação financeira nos eventos gauchescos, pôde-se concluir que há pouco envolvimento do capital privado na representação gauchesca municipal, a não ser quando estabelece cálculo de retorno financeiro. As empresas não investem nesses eventos, mas aplicam na publicidade, quando querem associar-se a uma identidade local para vender mais. Portanto quem insiste em financiar a identidade gauchesca são os poderes municipais, através de atores engajados em um fortalecimento identitário local, que visa retorno político. A insistência advém de um grupo de profissionais de eventos, com interfaces no tradicionalismo e no funcionalismo público.

O fenômeno identitário origina-se no instinto humano de se distinguir dos seus iguais, estudado por antropólogos, desde, por exemplo, a edificação de totens nas sociedades chamadas primitivas. Através de alguma representação, como o totem, o homem

identifica-se e se distingue. A cidade é uma construção de mesma ordem. Além de conter fronteiras geográficas, que especificam uma localidade, a sua representação que a torna uma cidade. Na contemporaneidade, os totens são manifestações esvaziadas de sentido, mas de estética equivalente aos parâmetros globais. Assim, o pastiche pós-moderno garante uma imagem local concorrente no complexo sistema capacitador, diante de referências mundiais ofertadas em massa.

O problema da representação kitch, como referencial identitário para um município é a deturpação da memória e o desmerecimento da história regional como elemento consistente de identidade.

Quanto aos três tipos de construção de identidade na contemporaneidade, de Manuel Castells (1999), podemos refletir ainda o quanto o fenômeno estudado tem similitudes de cada um. O gauchismo em Passo Fundo é “identidade legitimadora” a partir do momento em que é introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação, como em teorias do nacionalismo. Ao pretender dar unidade identitária, o governo municipal exerce uma dominação simbólica.

O processo de “identidade de resistência” acontece a partir do entendimento que os atores sociais têm de construir uma trincheira de resistência cultural com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições. Esse tipo de processo está presente no discurso gauchesco, quando se fala em resistir à globalização. Porém, o que se demonstra neste trabalho é que não há resistência institucional. Pelo contrário, há uma adaptação de referências locais às lógicas globais, considerando a relação que o Estado tem com o mundo. A idéia de resistência é deslocada para o século XIX, em uma adoção do discurso farroupilha contra o Império, no plano nacional, e contra o castelhano, na esfera internacional, requentando um imaginário das guerras coloniais.

“Identidade de projeto” é um processo teorizado por Castells e constatado em alguns atores sociais, como é o caso especial da Fundação Cultural Planalto, um dos principais promotores do gauchismo na cidade. Pode-se concluir, a partir desta teoria de Castells, que a fundação se utiliza de outro material cultural que não os de origem (cristã), mas o gauchismo, como forma de se reposicionar na sociedade, mas ainda na busca de um moralismo, uma conduta regrada, disciplinada e ligada aos “valores cristãos”, conforme sua origem e à Igreja Católica.

Os três processos identitários se entrelaçam. Não se pode medir quando começa um e termina outro. Suas dinâmicas ora se manifestam com maior ou menor intensidade. Assim, a teorização de Castells é um suporte importante na interpretação dos fenômenos estudados. Um processo recorrente para ele é de identidades que começam como resistência e acabam resultando em projetos, ou mesmo tornando-se dominantes nas instituições da sociedade, transformando-se assim em identidades legitimadoras para racionalizar sua dominação (1999, p.24). Mas não é objetivo desta pesquisa delimitar exatamente quando um processo inicia e outro acaba, e sim interpretar o gauchismo passo-fundense pontuando a recorrência dessas lógicas.

Castells também corrobora ao afirmar que “como, e por quem, diferentes tipos de identidades são construídas, e com quais resultados, são questões que não podem ser abordadas em linhas gerais, abstratas” (1999, p.26). Para o sociólogo, as identidades estão estritamente relacionadas a um contexto social, a exemplo do processo construído historicamente em Passo Fundo.

Portanto, o gauchismo foi a referência imagética que estava à disposição no final do século XX para se tornar componente determinante da identidade passo-fundense, como representação político-cultural. O poder local e os indivíduos, frente ao processo social-histórico de globalização e emancipação política de municípios, necessitavam apegar-se a alguma auto-representação para se afirmar frente ao mundo como passo-fundenses. A escolha confirmada por ações diversas estudadas nesta dissertação foi pelo gauchismo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. *Indústria cultural e sociedade*. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ÁGUA DA FONTE. Revista da Academia Passo-Fundense de Letras. Passo Fundo, nº2, nov. 2004, pp.53-56.
- ÁGUA DA FONTE. Revista da Academia Passo-Fundense de Letras. Passo Fundo, nº3, jul. 2005. p.92.
- ÁGUA DA FONTE. Revista da Academia Passo-Fundense de Letras. Passo Fundo, nº4, abr. 2006.
- ALMEIDA, José Ernani de. *Denuncismo & censura nos meios de comunicação de Passo Fundo: 1964/1978*. Passo Fundo: Méritos, 2006.
- ARAÚJO, Silvana Miceli de. Artificio e autenticidade: o turismo como experiência antropológica. In: BANDUCCI JR., Álvaro; BARRETO, Margarita (org.). *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas, SP: Papirus, 2001. pp.49-63.
- BALDISSERA, Rudimar. Reflexões sobre as consistências identificatórias e turismo. In: BARRETO, Margarita (org.). *III Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul: textos selecionados*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2006. pp.87-102.
- BANDEIRA, Jabs Paim. *Batalha do Pulador: história & encenação*. Passo Fundo:_, 2006.
- BANDEIRA, Jabs Paim. Batalha do Pulador. In: *Água da Fonte*. Passo Fundo, nº 4, abr. 2006, pp.106-109.
- BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Prisioneiros do campo: a epopéia dos trigais de Passo Fundo*. Porto Alegre: EST, 1977.
- BARKER, Chris. *Televisión, globalización e identidades culturales*. Barcelona: Paidós, 2003.
- BARRETO, Margarita. *Turismo e legado cultural*. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- BATISTELLA, Alessandro (org.). *Passo Fundo: sua história*. Passo Fundo: Méritos, 2007.

- BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade do consumo*. Rio de Janeiro: Elfos; Lisboa: Edições 70, 1995.
- BERTOL, Sônia; FROSI, Fabíola. O surgimento da mídia impressa no município de Passo Fundo: os primeiros 50 anos. In: BATISTELLA, Alessandro (org.). *Passo Fundo: sua história*. Passo Fundo: Méritos, 2007. pp-135-154.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BLOOM, Allan. *O declínio da cultura ocidental*. 3 ed. São Paulo: Editora Best Seller, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CAFRUNI, Jorge E. *Passo Fundo das Missões: estudo histórico do período jesuítico*. Passo Fundo: [Municipalidade], 1966.
- CANTÚ, Jonas; AMBROS, Jussara Rodrigues; SIQUEIRA, Rosimar Serena. Construção política, econômica e cultural: Passo Fundo nos últimos cinquenta anos. In: DIEHL, Astor Antônio (org.). *Passo Fundo: uma história, várias questões*. Passo Fundo: Ed. UPF, 1998. pp. 115- 133.
- CAPELATO, Maria Helena; DUTRA, Eliana. Representação política: o reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e MALERBA, Jurandir (org.) *Representações: contribuição para um debate transdisciplinar*. Campinas: Papirus, 2000, pp.227-268.
- CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. Vol II. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CAVALEIROS DO MERCOSUL. Disponível em <http://www.cavaleirosdomercosul-rs.com.br>, acessado dia 22 de julho de 2007.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO DE PASSO FUNDO. *Planejamento Estratégico para Passo Fundo: 2004/2008*. Passo Fundo: Fundação Cultural Planalto, 2004.
- D'AVILA, Ney Eduardo Possapp. *Caixeiral Campestre Tênis Clube (1901-2001): cem anos de história*. Passo Fundo: Imperial, 2001.

- D'AVILA, Ney Eduardo Possap. *Passo Fundo Terra de Passagem: Uma História Concisa da Cidade e do Município*. Passo Fundo: Berthier (Aldeia Sul), 1996.
- DACANAL, J. H. *RS: modernização x arcaísmo, trinta anos na trincheira*. Porto Alegre: Leitura XXI, EST, 2004.
- DAL MORO, Selina Maria; KALIL, Rosa Maria Locatelli; TEDESCO, João Carlos (org.). *Urbanização, exclusão e resistência: estudos sobre o processo de urbanização na região de Passo Fundo*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DIÁRIO DA MANHÃ. *Depois da mostra, vem o desfile farroupilha*. Passo Fundo, 19 set. 2006, contracapa.
- DIÁRIO DA MANHÃ. *Orgulho de ser gaúcho*. Passo Fundo, 12 set. 2006, p.01.
- DIÁRIO DA MANHÃ. Passo Fundo, 05 e 06 ago. 2006, p.04.
- DIÁRIO DA MANHÃ. Passo Fundo, 07 ago. 1957, p.07.
- DIÁRIO DA MANHÃ. Passo Fundo, 08 ago. 2006, p.03.
- DIÁRIO DA MANHÃ. Passo Fundo, 12 set. 2006, p.06.
- DIÁRIO DA MANHÃ. Passo Fundo, 13 set. 2006, p.05.
- DIÁRIO DA MANHÃ. Passo Fundo, 19 set. 2006, p. 02.
- DIEHL, Astor Antônio (org.). *Passo Fundo: uma história, várias questões*. Passo Fundo: UPF, 1998.
- DREIFUSS, René Armand. *Tecnobergs globais, mundialização e planetarização*. In.: MORAES, Dênis de (Org.). *Por uma outra comunicação. Mídia, mundialização, cultura e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- DUARTE, Antonio Augusto Meirelles. *Cristo só não andou pilchado por não existir CTG na época*. In: *Água da Fonte*. Passo Fundo, nº 5, jun. 2007, p.23.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. São Paulo: Ática, 1991.

FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, pp.61-90.

FERREIRA FILHO, Arthur. *O decênio heróico*. Passo Fundo: Fundação Cultural Planalto de Passo Fundo, 2001.

FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOLCLORE.

<http://www.festivalpf.com.br/historicos/historicos.htm>, acessado em 24 de agosto de 2007, às 15h31min.

FIOREZE, Zélia Guareschi; BITTENCOURT, Luciane Rodrigues; JORGE, Márcia da Silva. Passo Fundo: 150 anos e a dinâmica do território. In: BATISTELLA, Alessandro (org.). *Passo Fundo: sua história*. Passo Fundo: Méritos, 2007. pp. 111-133.

FISCHER, Luís Augusto. *Um passado pela frente: poesia gaúcha ontem e hoje*. Porto alegre: UFRGS, 1998.

FISCHER, Luís Augusto; GONZAGA, Sergius (org.). *Nós, os gaúchos*. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. De terra de ninguém à terra de muitos: olhares viajantes e imagens fundadoras (do século XVII ao XIX). In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (orgs.). *História Geral do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Méritos, 2006. v.1. pp.273-307.

FONSECA, Pedro Ari Veríssimo da. *Formação do Gaúcho*. Passo Fundo: Diário da Manhã, [s.d.]. (consta registro na biblioteca da UPF de 1985)

FONSECA, Pedro Ari Veríssimo da. *O gaúcho quem é*. Passo Fundo: Berthier, 1999.

FONSECA, Veríssimo da. O gaúcho serrano. In: *Água da Fonte*. Passo Fundo, nº 4, abr. 2006, pp.98-101.

FONSECA, Veríssimo da. Síntese de um povo. In: *Água da Fonte*, Revista da Academia Passo-Fundense de Letras. Passo Fundo, nº1, dez. 2003. pp.22-25.

FONSECA, Pedro Ari Veríssimo da. *Tropeiros de mula: a ocupação do espaço, a dilatação das fronteiras*. 2. ed. Passo Fundo: Berthier, 2004.

FONSECA, Veríssimo da. Síntese de um povo. *Água da Fonte: Revista da Academia Passo-Fundense de Letras*. Passo Fundo, nº1, pp.22-25, dez. 2003.

FÓRUM DE MUNICIPALIZAÇÃO DO TURISMO. *Anais do I Fórum de Municipalização do Turismo*: Passo Fundo 1995. Passo Fundo: Pe. Berthier, 1997.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Índice Geral de Preços-Disponibilidade Interna (IGP-DI) da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em www.fee.tche.br.

GARCIA CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 3 ed. São Paulo: USP, 2000. – (Ensaio Latino-americanos, 1)

GEHN, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. Passo Fundo: Prefeitura Municipal de Passo Fundo, 1982. v.2.

GOLIN, Tau. *A Fronteira: Governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina*. Vol.I. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GOLIN, Tau. *A ideologia do gauchismo*. 2. ed. Porto Alegre: Tchê, 1983.

GOLIN, Tau. As fronteiras sulinas. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (org.). *História Geral do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Méritos, 2006. v.2. pp.491-531.

GOLIN, Tau. Identidade gentílica e capital simbólico. In: BATISTELLA, Alessandro (org.). *Passo Fundo: sua história*. Passo Fundo: Méritos, 2007. pp. 451-469.

GOLIN, Tau. *Identidades: questões sobre as representações socioculturais no gauchismo*. Passo Fundo: Clio, Méritos, 2004.

GOLIN, Tau. *Reflexos entre o gaúcho real e o inventado*. In: GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luís Augusto (org.). *Nós, os gaúchos*. Porto Alegre: UFRGS, 1998. pp.91-94.

GONZAGA, Sergius. As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura. In: FREITAS, Décio; DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius. *RS: cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, pp.113-132.

GUIMARÃES, Antonio Ferreira Prestes. *Revolução Federalista em Cima da Serra: 1892-1895*. Passo Fundo: Martins Livreiro, 1987.

GUTFREIND, Ieda. O gaúcho e sua cultura. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (orgs.). *História Geral do Rio Grande do Sul*. Colônia. Passo Fundo: Méritos, 2006. v.1. pp.241-254.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HEREDIA, Edmundo. *La región en la globalización y la historia de las relaciones internacionales latinoamericanas*. III Jornadas de Las Relaciones Internacionales. Buenos Aires, 1996.

HOBBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

INDICAÇÃO Nº 18/78. Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. *Apela à Teixeira Produções, auxílio as entidades assistenciais de Passo Fundo*. Processo nº 40/78, de 28.03.1978.

JACKS, Nilda. *Mídia Nativa: indústria cultural e cultura regional*. 3.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003a.

JACKS, Nilda. *Querência: cultura regional como mediação simbólica – um estudo de recepção*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

JACKS, Nilda. *Televisão e Identidade Cultural*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Relatório. Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, jun. 2003b.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996.

JEANNENEY, Jean-Noël. *A mídia*. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

JORNAL TROPEIRO DOS PAMPAS. *Páginas da Nossa História*. Passo Fundo: Jornal Tropeiro dos Pampas, 2000.

KERN, Arno (org.). *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul*. 2ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

KLEIN, Otávio José; BOTH, Agostinho (org.). *Diocese de Passo Fundo: 50 anos*. Erechim: São Cristóvão, 2001.

KUJAWA, Henrique Aniceto. Formação étnica de Passo Fundo e região. In: DIEHL, Astor Antônio (org.). *Passo Fundo: uma história, várias questões*. Passo Fundo: Ed. UPF, 1998. pp. 53-62.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. São Paulo: Unicamp, 2003.

LECH, Osvandré; CZAMANSKI, Deoclides; CZAMANSKI, Ronaldo. *Passo Fundo: memória e fotografia*. 2ed. Passo Fundo: Berthier, 1999.

LEITE, João Pantaleão G. *Coletânea Gauchesca: versos xucros*. 3.ed. Passo Fundo: Berthier, 1983.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. *Nativismo: um fenômeno social gaúcho*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

LEVY, Pierre. _____. In: MORAES, Dênis de (Org.). *Por uma outra comunicação. Mídia, mundialização, cultura e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LOPES, Israel. *Teixeirinha: o gaúcho coração do Rio Grande*. Porto Alegre: EST, 2007.

MACHADO, Ironita Policarpo. *Cultura historiográfica e identidade: uma possibilidade de análise*. Passo Fundo: UPF, 2001.

MACHADO, Ironita Policarpo; MIRANDA, Fernando B. Severo de. *Passo Fundo: presentes da memória*. Rio de Janeiro: MM Comunicação, 2005.

MACHADO, Ironita Policarpo. *Perspectivas: Passo Fundo rumo ao século XXI*. In.: DIEHL, Astor Antônio (org.). *Passo Fundo: uma história, várias questões*. Passo Fundo: UPF, 1998.

MAESTRI, Mário. _____. In: *O Nacional*. Passo Fundo, 19 set. 2006, p.13.

MANN, Henrique. *Som do Sul: a história da música do Rio Grande do Sul no século XX*. Porto Alegre: Tchê, 2002.

MARTÍN BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: D. MORAES (org.). *Por uma outra comunicação: Mídia, Mundialização Cultural e Poder*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía*. 5.ed. México: GG, 1998.

MARTINI, Maria Luiza. Tatu, caboclo, gaúcho a pé. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (org.). *História Geral do Rio Grande do Sul*. Império. Passo Fundo: Méritos, 2006. v.2. pp.155-185.

MARTINS, Maria Helena. Pagos, passagens, incertezas: o drama da fronteira. In: MARTINS, Maria Helena (org.). *Fronteiras Culturais*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2002. pp.233-251.

MASINA, Léa. A gauchesca brasileira: revisão crítica do regionalismo. In: MARTINS, Maria Helena (org.). *Fronteiras Culturais*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2002. pp.93-107.

MEIRELLES DUARTE, Antonio Augusto. Cristo só não andou pilchado por não existir CTG na época. *Água da Fonte: Revista da Academia Passo-Fundense de Letras*, nº5, p.23, jun. 2007.

MELO, Orfelina Vieira. *Resgate da música gaúcha em Passo Fundo*. Passo Fundo: Berthier, 1998.

MIX, Miguel Rojas. *El imaginario: civilización y cultura del siglo XXI*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.

MONTEIRO, Paulo. 1906-2006: o centenário do maior poeta gauchesco de Passo Fundo. In: *Água da Fonte*. Passo Fundo, nº 5 jun. 2007, pp.05-08.

MONTEIRO, Paulo. *Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo*. Passo Fundo: Berthier, 2006.

MORAES, Dênis de (org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro, Record, 2003.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: Neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

MOURA, Maria Izabel T. de. *Ciclos do Tradicionalismo*. Disponível em: <http://www.mtg.org.br/ciclos.html>. Acesso em: 6 out. 2006.

MOURA, Tenebro dos Santos. *Querência*. Passo Fundo: Berthier, 1985.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO. Disponível em: <http://www.mtg.org.br>. Acesso em: 24 ago. 2007.

MUSEU DA TELEVISÃO BRASILEIRA. *Chico Anysio*: biografia de Chico Anysio, extraída de seu depoimento dado ao Museu da Televisão Brasileira, em 03/06/2000. Disponível em: <<http://www.museudatv.com.br/biografias/chicoanysio.htm>>. Acesso em: 23 fev. 2007.

NASCIMENTO, Welci. A cultura gaúcha. In: *Água da Fonte*. Passo Fundo, nº 4, abr. 2006, pp.90-91.

NASCIMENTO, Welci. *Conheça Passo Fundo, tchê!* Passo Fundo: Berthier, 1992a.

NASCIMENTO, Welci. CTG Lalau Miranda: a força do Tradicionalismo. In: *Água da Fonte*: Revista da Academia Passo-Fundense de Letras, nº3, pp.92-94, jul. 2005.

NASCIMENTO, Welci. *Perfil da Academia Passo-fundense de Letras*. Passo Fundo: [s.n.], 1995.

NASCIMENTO, Welci. *Personagens da nossa História*: Teixeira. *Água da Fonte*. Passo Fundo, nº3, jul. 2005, p.55.

NASCIMENTO, Welci. *Pica-paus e maragatos*: por que brigaram tanto. Passo Fundo: Berthier, 1993.

NASCIMENTO, Welci. Somos diferentes? *Água da Fonte*: Revista da Academia Passo-Fundense de Letras, nº5, p.106, jun. 2007.

NASCIMENTO, Welci. *Terra, gente e tradições gaúchas*. Passo Fundo: Berthier, 1992b.

NASCIMENTO, Welci; DAL PAZ, Santana Rodrigues. *Vultos da História de Passo Fundo*. Passo Fundo: Berthier, 1995.

- OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- OLIVEN, Ruben George. *Nação e região na identidade brasileira*. In: ZARUR, George de Cerqueira Leite (org.). *Região e nação na América Latina*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.
- OLIVEN, Ruben George. O processo de construção da identidade gaúcha. In: RECKZIEGEL, Ana Luiza Gobbi Setti; FÉLIX, Loiva Otero (orgs.). *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo: Ed. UPF, 2002.
- OLIVEN, Ruben George. O renascimento do gauchismo. In: FISCHER, Luís Augusto; GONZAGA, Sergius (org.). *Nós, os gaúchos*. Porto Alegre: UFRGS, 1995.
- O NACIONAL. *Gaúcho...* .Suplemento especial. Passo Fundo, 20 set. 2006, p.04.
- O NACIONAL. Passo Fundo, 05 fev. 2007, p.05.
- O NACIONAL. Passo Fundo, 07 ago. 2006, pp.12-13.
- O NACIONAL. Passo Fundo, 07 fev. 2007, p.11.
- O NACIONAL. Passo Fundo, 09 de fevereiro de 2007, p.07
- O NACIONAL. Passo Fundo, 12 set. 2006, p.07.
- O NACIONAL. Passo Fundo, 16 e 17 set. 2006, p.02.
- O NACIONAL. Passo Fundo, 18 ago. 2006, p.17.
- O NACIONAL. Passo Fundo, 23 fev. 2007, p.14.
- O NACIONAL. *Raízes*. Suplemento especial. Passo Fundo, 20 set. 2006, p.05.
- PAIM, Paulo. _____. In: *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 20 set. 2006, p.18.
- PARIZZI, Marilda Kirst. *Nossas raízes: folclore*. Passo Fundo: Berthier, 1990.
- PARIZZI, Marilda Kirst. *Passo Fundo: sua história e evolução*. Passo Fundo: Berthier, 1983.
- PASSO FUNDO. Lei nº 3.892, 12 de abril de 2002.
- PASSO FUNDO. Lei Orgânica de 1990. Disponível em <http://www.cmpf.rs.gov.br/Organica.html>.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Historiografia e ideologia. In: FREITAS, Décio; DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius. *RS: cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, pp.60-88.

PIMENTEL, Rodrigo. *Passo Fundo: muitas histórias, uma versão*. Passo Fundo: Clio, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PASSO FUNDO. Monumentos. Página da Secretaria de Desporto e Cultura na Internet. Disponível em: <http://www.pmpf.rs.gov.br/capa.php?f_cd_pagina=1036>. Acesso em: 18 jun. 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PASSO FUNDO. Parabéns povo passo-fundense, o povo mais gaúcho do Rio Grande do Sul. In: *O Nacional*, 20 de setembro de 2006, p.08.

PROJETO DE LEI Nº 02/2003. Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. *Referenda convênio que firmam entre si o Município de Passo Fundo e a Associação de Trovadores Pedro Ribeiro da Luz, visando a realização do XI Rodeio Internacional de Passo Fundo*. Processo nº 06/03 de 20.01.2003.

PROJETO DE LEI Nº 023/97. Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. *Oficializa o Festival Internacional de Folclore de Passo Fundo*. Processo nº 076/97, de 06.03.1997.

PROJETO DE LEI Nº 03/78. Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. *Autoriza o Executivo Municipal a abrir crédito especial no valor de Cr\$ 250.000,00, para subvenção a favor de Teixeira Produções Artísticas Ltda*. Processo nº 16/78, de 07.03.1978.

PROJETO DE LEI Nº 046/96. Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. *Referenda convênio celebrado entre o Município de Passo Fundo e o CTG Lalau Miranda, visando a realização do VIII Rodeio Internacional de Passo Fundo, e dá outras providências*. Processo nº 201/96 de 21.06.1996.

PROJETO DE LEI Nº 049/90. Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. *Autoriza o poder executivo municipal a abrir crédito especial no valor de Cr\$ 1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros), no corrente exercício, para construção do monumento ao Teixeira e conclusão do Monumento ao Ferroviário*. Processo nº 135/90 de 29.06.90.

PROJETO DE LEI Nº 084/88. Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. *Autoriza a construção de monumento ao artista Vitor Mateus Teixeira – “Teixeirinha”, no trevo que dá acesso a Soledade, Carazinho e Perimetral Sul*. Processo nº 324/88, de 15.12.88.

PROJETO DE LEI Nº 092/92. Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. *Cria o programa permanente de fomento à tradição e folclore junto à Secretaria Municipal de Educação*. Processo nº 304/92 de 11.09.92.

PROJETO DE LEI Nº 096/91. Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. *Autoriza o Poder Executivo subvencionar o Grupo Chamamento do Pampa, com o valor de Cr\$ 4.812.000,00, e abrir crédito especial.* Processo nº 375/91.

PROJETO DE LEI Nº 103/95. Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. *Institui a cuia como símbolo oficial do Município de Passo Fundo.* Processo nº 500/95, de 25.10.95.

PROJETO DE LEI Nº 112/97. Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. *Oficializa a Mostra da Cultura Gaúcha e dá outras providências.* Processo nº 455/97 de 11.09.1997.

PROJETO DE LEI Nº 115/98. Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. *Referenda convênio celebrado entre o Município de Passo Fundo e o CTG Lalau Miranda, visando a realização do IX Rodeio Internacional de Passo Fundo.* Processo nº 377/98 de 15.09.1998.

PROJETO DE LEI Nº 134/2001. Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. *Referenda convênio de colaboração firmado entre o Município de Passo Fundo e o Grupo Chamamento do Pampa.* Processo nº 386/01, de 24._.2001.

PROJETO DE LEI Nº 189/2000. Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. *Referenda convênio celebrado entre o Município de Passo Fundo e as entidades tradicionalistas locais, visando a realização do X Rodeio Internacional de Passo Fundo.* Processo nº 374/00 de 20.11.2000.

PROJETO DE LEI Nº 25/87. Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. *Autoriza o Executivo Municipal abrir crédito especial e reduzir verbas orçamentárias, no montante de CZ\$ 240.000,00, para corrente exercício.* Processo nº 114/87 de 07.05.1987.

PROJETO DE LEI Nº 57/80. Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. *Oficializa o projeto turístico “Passo Fundo, Tchê! A mais gaúcha cidade do Rio Grande do Sul”.* Processo nº 260/80 de 04.11.1980.

PROJETO DE LEI Nº 57/92. Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. *Autoriza o Poder Executivo subvencionar entidades civis, com o montante de CR\$ 225.000.000,00, e abrir créditos especiais para referidos fins.* Processo nº 205/92, de 22.06.92.

PROJETO DE LEI Nº 74/94. Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. *Referenda convênio celebrado entre o Município de Passo Fundo e o Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda, visando a realização do VII Rodeio Internacional de Passo Fundo.* Processo nº 372/94 de 10.10.1994.

RADIO PLANALTO. Histórico. Disponível em http://www.rdplanalto.com/planalto/interna.php?modulo=pagina&f_id_pagina=70&f_id_pagina_pai=8, acessado no dia 8 de outubro de 2006, às 15h02min.

- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. A volta da história política e o retorno da narrativa histórica. In: SWAIN, Tânia Navarro (org.). *História no plural*. Brasília: Universidade de Brasília, 1994, p.99-108.
- RIGOTTO, Germano. Sempre gaúchos. In: *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 15 de setembro de 2006, p.07.
- ROSSO, Miriam Maraschin; SIQUEIRA, Rosimar Serena. Formação educacional e cultural em Passo Fundo. In: DIEHL, Astor Antônio (org.). *Passo Fundo: uma história, várias questões*. Passo Fundo: Ed. UPF, 1998. pp. 89-100.
- RÜDIGER, Francisco. Cotidiano, mídia e indústria cultural: modernidade e tradicionalismo, dos anos 1930 à atualidade. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (org.). *História Geral do Rio Grande do Sul*. República. Passo Fundo: Méritos, 2007. v.4. pp.355-398.
- SANDER, Roberto; TEDESCO, João Carlos. *Madeireiros, comerciantes e granjeiros: lógicas e contradições no processo de desenvolvimento socioeconômico de Passo Fundo (1900-1960)*. Passo Fundo: UPF, 2002.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- SARAIVA, Glaucus. *Manual do tradicionalista*. Porto Alegre: Sulina, 1968.
- SIMÃO, Júlio. *O Puchirão do Gé Picaço*. (Poemeto Serrano). Passo Fundo: Livraria Nacional, 1925.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SOMANDO. *7ª Região Tradicionalista conquista prêmio máximo no Enart*. Passo Fundo, nº 105, Ano XI, dez. 2005, p.17.
- STRATHERN, Andrew e STEWART, Pamela J. *Global, Nacional, Local: escalas móveis, temas constantes*. In: BARROSO, João Rodrigues (coord.) *Globalização e Identidade Nacional*. São Paulo: Atlas, 1999.
- SVARTMAN, Eduardo Munhoz. Definições e redefinições do espaço regional platino no século XX. In: FÉLIX, Loiva Otero; Reckziegel, Ana Luiza Setti (org.). *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo: UPF, 2002. pp. 97-112.
- TARGA, Luiz Roberto Pecoits. *Permanências na longa duração: questões e explicação das trajetórias comparadas de São Paulo e do Rio Grande do Sul*. Ensaio FEE. Porto Alegre, v.13, n.2, 1992.

TASCA, Ivaldino. *Primeiros passos para conhecer a história de Passo Fundo*. Passo Fundo: Aldeia Sul, 2005.

TEDESCO, João Carlos. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

TEDESCO, João Carlos; SANDER, Roberto. *Madeireiros, comerciantes e granjeiros: lógicas e contradições no processo de desenvolvimento socioeconômico de Passo Fundo (1900-1960)*. Passo Fundo: UPF, 2002.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

VISCARDI, Cláudia M. R. *História, Região e Poder: Busca de Interfaces Metodológicas*. Lócus: Revista de História. Juiz de Fora, v. 3, n.1, p. 84-97, 1994.

VOCABULÁRIO SUL-RIO-GRANDENSE. Porto Alegre: Editora Globo, 1964.

WESP, Daltro. Assim se fez o gaúcho. In: *O Nacional*. Passo Fundo, 06 e 07 set. 2006, p.19.

XAVIER OLIVEIRA, Francisco Antonino. *Annaes do município de Passo Fundo*. Passo Fundo: UPF, 1990. V.III.

ZERO HORA. *Passo Fundo: 150 anos. Informe Comercial*. Porto Alegre, 7ª ed., 07 ago. 2007, p.01.

ZERO HORA. Porto Alegre, 04 ago. 2006, p.56.

R482r Ribas, João Vicente

A representação cultural gauchesca do município de Passo
Fundo / João Vicente Ribas. – 2007
187 f. ; 29 cm.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo

Fundo, 2007.

Orientação: Prof. Dr. Tau Golin.

1. Rio Grande do Sul - História. 2. Passo Fundo – Cultura política.
3. Identidade social. 4. Rio Grande do Sul - Tradicionalismo. I. Golin,
Tau, orientador. II. Título.

CDU 981.65

Catálogo: bibliotecária Daiane Citadin Raupp - CRB 10/1637